



**UEPB**

UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO REGIONAL

MIGRAÇÃO INTER-REGIONAL, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA: UMA  
ABORDAGEM DAS MIGRAÇÕES DE INGAENSES PARA CIDADES DE SANTA  
CATARINA

Rui da Silva Barbosa

Orientador: Dr. Roberto de Sousa Miranda

CAMPINA GRANDE  
2023

RUI DA SILVA BARBOSA

**MIGRAÇÃO INTER-REGIONAL, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA: UMA  
ABORDAGEM DAS MIGRAÇÕES DE INGAENSES PARA CIDADES DE SANTA  
CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Orientador: Dr. Roberto de Sousa Miranda

CAMPINA GRANDE  
2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

B238m      Barbosa, Rui da Silva.  
Migração inter-regional, trabalho e sobrevivência: uma abordagem das migrações de ingaenses para cidades de Santa Catarina. [manuscrito] / Rui da Silva Barbosa. - 2023. 147 p.: il. colorido.

Digitado.  
Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.  
“Orientação: Prof. Dr. Roberto de Sousa Miranda, UFAPE - Universidade Federal Rural de Pernambuco.”

1. Migração inter-regional. 2. Trabalho: sobrevivência. 3. Pobreza.  
I. Título

21. ed. CDD 325.2

RUI DA SILVA BARBOSA

**MIGRAÇÃO INTER-REGIONAL, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA: UMA  
ABORDAGEM DAS MIGRAÇÕES DE INGAENSES PARA CIDADES DE SANTA  
CATARINA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Regional, da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obter o título de Mestre em Desenvolvimento Regional.

Aprovada em: 28/04/2023.

**BANCA EXAMINADORA**

*Roberto de Sousa Miranda*

---

Prof. Dr. Roberto de Sousa Miranda  
UFAPE – PPGDR/UEPB  
(Orientador)

  
Cidoval Morais de Sousa

---

Prof. Dr. Cidoval Morais de Sousa  
PPGDR/UEPB  
(Examinador Interno)

*Valdênio Freitas Menezes*

---

Dr. Valdênio Freitas Menezes  
PPGCS/UFCG  
(Examinador Externo)

*Aldo Manoel Branquinho Nunes*

---

Dr. Aldo Manoel Branquinho Nunes  
PROEX/UEPB  
(Examinador Externo)

## DEDICATÓRIA

Ao meu DEUS, minha força e meu refúgio. Às pessoas mais importantes da minha vida, a minha esposa Waldegleide Benevides. Aos meus filhos Débora Vitória e Emanuel Henrique. A minha mãe Lindalva Lucas e o meu pai Manoel Veríssimo (*In memoriam*).

## AGRADECIMENTOS

A DEUS, meu querido pai, rochedo forte que sempre me susteve, realizando todos os meus sonhos, dos quais a conclusão deste curso foi obra de suas mãos, sempre cumprindo suas promessas, nada que eu faça poderá expressar a gratidão de tudo que fizeste em minha vida meu SENHOR e Pai, te amo e te amarei para sempre.

À minha amada, gentil e doce esposa, Waldegleide Benevides da Silva Barbosa, que sempre me apoiou e me incentivou nos momentos mais difíceis de minha vida, minha amiga, companheira, meu amor.

À minha mãe Lindalva Lucas da Silva, aos meus filhos Débora Vitória Benevides Barbosa e Emanuel Henrique Benevides Barbosa, meus sogros Waldeci Rodrigues e Josefa Lourenço, que nunca pouparam esforços para realizar este sonho de concluir este curso, se não fosse por suas dedicações, esforços e sacrifícios eu não teria conseguido, foi por vocês que lutei, e é a vocês que eu dedico esta conquista.

Ao meu pai Manoel Veríssimo Barbosa (*In memoriam*), que um dia foi migrante em Brasília e trabalhou na construção da capital do nosso país.

Ao professor doutor Roberto de Sousa Miranda, por ter me orientado com tanto empenho, responsabilidade, paciência, amor e dedicação.

Aos professores e doutores Aldo Manoel Branquinho Nunes e Cidoval Moraes de Sousa, que prontamente aceitaram participar da banca examinadora desta Dissertação.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional (PPGDR) da Universidade Estadual da Paraíba, aos funcionários desta Universidade, em especial à nossa secretária Amanda, pela presteza e atendimento quando nos foi necessário.

Aos migrantes ingaenses que nos concederam entrevistas e nos informaram acerca de suas vivências em Santa Catarina, especialmente Jeferson (Fefe), Erly Cardoso (Preu), Edivando (Pita), Rafaela, Aylzio, Beto de Dona Zefinha, Pr. Alex, Ronaldo de Pelinha, Fabiano Briel, Mazinho, Danilo, Victor, Mailson Nascimento, Derley, Jarbas Melo, Joab, Denis, Carlinhos e Erivaldo (Branco).

E a todos os colegas de Curso, pelos momentos que dividimos juntos, momentos que ficarão guardados sempre em nossa memória.

## **EPÍGRAFE**

“Como o natural, será entre vós o estrangeiro que peregrina convosco; amá-lo-eis como a vós mesmos, pois estrangeiros fostes na terra do Egito. Eu sou o Senhor, vosso Deus”. (Levítico 19:34).

## RESUMO

A dissertação está situada no estudo das migrações populacionais. Objetivamos analisar a migração populacional do município de Ingá para cidades do estado de Santa Catarina. A compreensão da dinâmica migratória da população ingaense para Santa Catarina se faz necessário em decorrência de sua notoriedade no limiar do século XXI. Por este motivo, buscamos compreender as causas e os efeitos desta migração inter-regional, salientando os fatores repulsivos e atrativos que estão além do aspecto econômico, como as redes sociais e a significância do lugar. Para tal análise, investigamos os impactos e perspectivas do processo migratório, adotando como metodologia um estudo exploratório descritivo com abordagem quantitativa e qualitativa. A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas *on-line*, via Google Meet e presencial. A análise dos resultados indicou as cidades catarinenses mais procuradas pelos ingaenses, suas vivências, ascensão social, desenraizamento cultural, aculturação, preconceito regional e, por último, o retorno de alguns migrantes para o Ingá. Os municípios catarinenses têm se configurado como centros urbanos economicamente dinâmicos e atrativos nas últimas décadas, e assim ingaenses, sobretudo jovens, têm migrado para a região Sul em busca de sobrevivência e ascensão social em um mundo cada vez mais seletivo, excludente e desigual. Tal fato vem demonstrar a fragilidade econômica do Ingá, e, como reflexo desse processo migratório, pode ser constatada a estabilidade ou até mesmo a diminuição populacional nos últimos censos demográficos. Esse processo é atribuído especialmente às saídas de sua população para outras regiões do país e ao baixo crescimento vegetativo de sua população.

**Palavras chave:** migração inter-regional; trabalho: sobrevivência; pobreza.



## **ABSTRACT**

The dissertation is situated in the study of population migrations. The objective is to analyze the population migration from the municipality of Ingá to cities in the state of Santa Catarina. Understanding the migratory dynamics of the population from Inga to Santa Catarina is necessary due to its notoriety on the threshold of the 21st century. For this reason, we seek to understand the causes and effects of this interregional migration. Emphasizing the repulsive and attractive factors that are beyond the economic aspect, such as social networks and the significance of the place. For such an analysis, we investigated the impacts and perspectives of the migratory process, adopting as a methodology a descriptive exploratory study with a quantitative and qualitative approach. Data collection was carried out through online interviews, via Google Meet and in person. The analysis of the results indicated the most sought after cities in Santa Catarina by Inga people, their experiences, social ascension, cultural uprooting, acculturation, regional prejudice and finally, the return of some migrants to Ingá. The municipalities of Santa Catarina have become economically dynamic and attractive urban centers in recent decades, and thus, people from Inga, especially young people, have migrated to the South region in search of survival and social ascension in an increasingly selective, exclusive and unequal world. This fact demonstrates the economic fragility of Ingá and as a reflection of this migratory process, stability or even a population decrease can be seen in the last demographic censuses, this process is attributed especially to the departures of its population to other regions of the country and to the low vegetative growth of its population.

**Keywords:** interregional migration; work; survival; poverty.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – População do município de Ingá .....	38
Quadro 2 – Crescimento em números percentuais da população de Ingá .....	38
Quadro 3 – Estrutura Etária da População do Ingá .....	39

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Crescimento populacional do município de Ingá de 1970 até 2022.....	41
Gráfico 2 – Períodos das migrações ingaense .....	54
Gráfico 3 – Faixas etários dos migrantes.....	73
Gráfico 4 – Gênero dos emigrantes do município de Ingá.....	73
Gráfico 5 – Quantidade de pessoas em porcentagem por família .....	75
Gráfico 6 – Grau de escolaridade dos migrantes .....	76
Gráfico 7 – Setor atrativo de trabalho .....	77
Gráfico 8 – Faixas etárias dos migrantes retornados.....	116
Gráfico 9 – Períodos das migrações de retorno.....	124

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Vista parcial da cidade de Blumenau .....	47
Figura 2 – Neumarkt Shopping .....	49
Figura 3 – Imagens panorâmica do bairro Ananias com destaque para o ginásio o Carlão .....	69
Figura 4 – Fotos de parte da zona urbana de Ingá de 2009 e 2022 .....	70
Figura 5 – Loteamentos Cidade Nova, Estilo de Vida e Boa Vista 2.....	70
Figura 6 – Zona urbana de Ingá em 2010.....	71
Figura 7 – Transportadores de mercadorias, pessoas e capitais .....	89
Figura 8 – Transportadores de mercadorias, pessoas e capitais .....	89
Figura 9 – Padaria Amabili e Sushi Burg House .....	126
Figura 10 – Pizzaria Primus e Hamburgueria Na Brasa Burguer.....	126

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CAGED – Cadastro Geral de Empregados e Desempregados

COTEMINAS – Companhia Tecidos Norte de Minas

FPM – Fundo de Participação dos Municípios

GPS – Sistema de Posicionamento Global

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

PB – Paraíba

SC – Santa Catarina

SENAI – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

SUDENE – Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste

SUS – Sistema Único de Saúde

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	13
CAPÍTULO I	
MIGRAÇÃO, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA: UMA ABORDAGEM SOBRE A MIGRAÇÃO INGAENSE AO LONGO DOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX.....	19
1.1 Povoamento e início das migrações no Ingá.....	22
1.2 Violência, Ouro Branco, Grandes Secas e as migrações no Ingá .....	28
1.3 Análise dos censos populacionais do Ingá.....	38
CAPÍTULO II	
MIGRAÇÃO INTER-REGIONAL, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA DE INGAENSES EM CIDADES DE SANTA CATARINA.....	43
2.1 A dinâmica migracional do município de Ingá para as cidades catarinenses: trabalho, cidadania e sobrevivência .....	45
2.2 O início das migrações para Blumenau.....	47
2.3 Análise e discussões de entrevistas com migrantes ingaenses que estão vivendo em Santa Catarina .....	51
CAPÍTULO III	
LOGÍSTICA E TRANSPORTE DE PESSOAS, MERCADORIAS E CAPITAIS, E A MIGRAÇÃO DE RETORNO DE INGAENSES.....	89
3.1 Transportadores de mercadorias, pessoas e capitais .....	89
3.2 Migrações de retorno .....	105
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	128
REFERÊNCIAS .....	132
APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados I .....	137
APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados II .....	141
APÊNDICE C – Instrumento de coleta de dados III.....	144

## INTRODUÇÃO

No presente estudo, focamos a discussão na análise do fluxo migratório de populações do Agreste paraibano, em particular do município de Ingá, para municípios do estado de Santa Catarina, Região Sul do Brasil, bem como os seus efeitos no perfil demográfico e socioeconômico ingaense. Os municípios catarinenses, no presente contexto, são os principais destinos da população ingaense que são atraídos e empurrados pelas suas condições e necessidades de sobrevivência num mundo cada vez mais desigual. Segundo Andrade (2019), esse processo, verificado nitidamente em inúmeros lugares do Brasil e do mundo, são os efeitos destrutivos do neoliberalismo econômico e assim são plenamente conhecidos, pois produzem sofrimento e desigualdade social no mundo real.

O Ingá merece destaque nos últimos anos como um *locus* de análise demográfica importante, devido às transformações demográficas ocorridas nos últimos anos. Desse modo, esse município tem apresentado defasagem populacional, conforme revela os censos populacionais. A migração tem se configurado como temática imprescindível para a compreensão da mobilidade populacional deste município, a qual busca ascensão social, de certa forma, condicionada pela “ilusão migratória”. Entretanto, a migração de retorno tem sido a contramão dos caminhos migratórios e aponta para uma nova configuração do quadro migratório ingaense. Uma avaliação das características políticas, econômicas e geográficas do município de Ingá é de fundamental importância na identificação dos fatores repulsivos e atrativos que contribuem com fluxo populacional em direção às cidades do estado de Santa Catarina, especialmente a cidade de Blumenau. Desta forma, tentamos identificar os impactos e efeitos econômico-demográficos dessas emigrações para o município emissor, além das consequências produzidas pelo imigrante ingaense sobre as estruturas demográficas das áreas receptoras.

O município do Ingá está localizado na base das escarpas orientais do Planalto da Borborema, no compartimento geomorfológico denominado de Depressão Sublitorânea, no agreste da Paraíba e na microrregião de Itabaiana, sob as coordenadas 35° 36' 17" de latitude sul, e 35°36'17" de longitude oeste. Limita-se com os municípios de Mogeiro, Itatuba, Fagundes, Riachão do Bacamarte, Serra Redonda, Juarez Távora e Campina Grande; compreende uma área de 262,179 Km<sup>2</sup> e a altitude da sede do Município tem aproximadamente 140 metros, ficando distante da Capital do estado em cerca de 95,6 quilômetros.

A população residente é de 17.664 habitantes no ano de 2022, data do último recenseamento realizado pelo IBGE. Apresentando taxa de urbanização de 63,80% (2010). Seu

Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) é de 0.592, segundo o Atlas de Desenvolvimento Humano-PNUD (2010). Já em relação às características socioeconômicas, faremos uma divisão tradicional da economia do município de Ingá, objetivando uma compreensão mais didática desta temática, deste modo, analisaremos os três setores: primário, secundário e terciário.

A agricultura constitui a atividade econômica que apresenta uma produtividade muito baixa, principalmente no que se refere à produtividade de alimentos para o consumo interno, como as principais culturas de subsistência, a banana, o milho, vários tipos de feijões, fava, jerimum, etc. Quanto às atividades, a agricultura de subsistência é predominante, a banana e o feijão se constituem enquanto dois alimentos básicos nas feiras das cidades do interior e nos centros urbanos próximos à área produtora. Além do milho e do feijão, destacam-se outros produtos voltados para o comércio interno e também para o externo, isto quando há excedentes.

A produção de alimentos é realizada em sua maioria em minifúndios baseados na policultura, não tendo condições de produzir excedentes comercializáveis conforme foi supracitado. O produtor com o uso contínuo do solo leva-o a exaustão, reduzindo a produtividade e, com isto, tornando-o cada vez mais pobre. A exceção é a recente produção de algodão agroecológico que tem ganhado força, fazendo com que o número de agricultores e hectares plantados tenham aumentando consideravelmente. Segundo Colerato (2022), o algodão orgânico é cultivado pela agricultura familiar e pelas comunidades quilombolas, alcançando 1200 quilos por hectare. Plantado com contrato de compra garantida com tecelagens e confecções, tem atraído novos agricultores, saindo de 4 para 46 hectares em apenas um ano.

A pecuária no município se destaca com a criação do gado bovino, com predomínio de criação extensiva. A pecuária de corte, além de abastecer o mercado consumidor do município, ainda comercializa a venda do animal, tanto bovinos como suínos, equinos e caprinos. Esta atividade econômica ainda é de suma importância em virtude de dar ao agricultor possibilidade de vender leite para implementar a renda familiar no sentido de cobrir suas despesas no dia da feira na sede no município.

No setor secundário, destaca-se a atividade industrial no município que, de certo modo, atingiu o seu papel como fator de crescimento econômico, ou seja, emprego, renda, circulação de capital, melhorias das condições de vida da população ingaense. Com a chegada da fábrica Alpargatas em 1992, vislumbrou-se na cidade um polo de atração populacional de grande massa de trabalhadores que haviam sido “expulsos” do meio rural, de modo que a maioria da população migrou para a área urbana, passando do setor primário para o secundário. Quando a Alpargatas foi transferida para o bairro de Hardeman, em 1999, devido ao aumento da sua produção, percebeu-se, ao redor da localização desta indústria, uma constante expansão urbana,



contribuindo para a horizontalização da malha urbana da cidade. Remodelando e ampliando essa área com a ação do capital advindo do emprego proporcionado por essa fábrica de calçados. A formação de novos consumidores localizados na cidade expandiu o setor terciário, criando um mercado interno dinâmico.

A expansão da indústria Alpargatas e seus efeitos multiplicadores sobre toda a economia atuaram, ao longo das décadas, na criação e oferta de postos de trabalhos na própria indústria, no comércio, transportes, serviços, administração pública, etc. Contudo a Alpargatas, em plena pandemia, no ano de 2020, fechou esta unidade satélite, localizada no Ingá. Segundo a empresa, a decisão está relacionada a um projeto de investimento em fábricas para atender à crescente demanda em Havaianas. Em nota oficial, a empresa afirma que a produção outrora realizada no Ingá foi transferida para a fábrica de Santa Rita-PB. Assim, com o fechamento da unidade satélite de Ingá, contratos de trabalho foram encerrados, ou seja, no momento de seu fechamento no Ingá, 201 pessoas foram demitidas, vale salientar que alguns funcionários foram remanejados para outras fábricas da Alpargatas, sobretudo a de Mogeiro, Paraíba. Mitigando o impacto econômico e social ocasionado por esta decisão, a Alpargatas ofereceu cursos de capacitação profissional em parceria com o Sesi/Senai.

O Encerramento desta atividade industrial no Ingá agravou a situação socioeconômica deste município, e assim tem inevitavelmente contribuído para a emigração para os municípios do Centro-Sul, pois essa população sem perspectiva de emprego, sobretudo jovem, busca melhores condições de vida e até mesmo a sobrevivência em outras regiões mais dinâmicas e atrativas, sobretudo a cidade de Blumenau.

O que também atenuou os efeitos do encerramento da Alpargatas no Ingá foi a inauguração, em 2019, da indústria Alumasa, nas margens da BR 230. A atividade principal da empresa é a fabricação de esquadrias de metal. A Alumasa Indústria de Alumínio e Plástico foi fundada em 1986, na cidade de Urussanga, no sul de Santa Catarina. Inicialmente, produzia apenas esquadrias de alumínio, entretanto, desde 2003, passou a fabricar acessórios para banheiro e jardim, derivados de plástico. A mesma contribui com a economia ingaense, gerando empregos e renda.

Nos últimos anos, o processo migratório alcança um aumento significativo, ocupando um espaço cada vez mais representativo na vida política, econômico-social e cultural no município de Ingá, reflexo das saídas de populações, sobretudo, jovem para outras regiões do país, principalmente para os centros urbanos economicamente mais dinâmicos e atrativos, a exemplo das cidades catarinenses, como Blumenau, que se tornou a cidade mais procurada pelos migrantes ingaenses.

A falta de estímulos governamentais ao comércio local, à pequena indústria existente ou ao agricultor prejudica o desenvolvimento do município de Ingá, desestimulando a população local que sofre com a ausência de trabalho. Essa realidade social, dominante na maior parte dos municípios da região semiárida nordestina, leva a condição de não remuneração que consequentemente resulta em miséria, fome, exclusão e emigração.

Em função da consequente falta de recursos e de perspectiva de trabalho nas cidades interioranas da Paraíba, designadamente no município de Ingá, além do processo de industrialização que vem se consolidando de forma concentradora em alguns pontos do território brasileiro, sobretudo nas cidades dos estados da Região Centro-Sul<sup>1</sup> do país, fez com que esses lugares fossem os principais pontos de destinos, com fluxos migratórios constantes e em quantidade relativamente alta.

Segundo Barbosa (2021), a migração tem se configurado como temática importante para a compreensão da mobilidade populacional deste município, cuja população é atraída e empurrada para os municípios catarinenses pela necessidade de sobrevivência em função das condições socioeconômicas, num mundo cada vez mais excludente, violento e seletivo. A busca de ascensão social é de certa forma condicionada e alimentada pela “ilusão migratória”, o que se constata pela migração de retorno, que tem sido a contramão dos caminhos migratórios. Esta nova configuração do quadro migratório de alteração de destino, que também se faz presente no município de Ingá, tem se caracterizado como um dos principais fenômenos populacionais, ocorridos dentro do fluxo populacional brasileiro nos últimos decênios.

De acordo com Oliveira, A. T. (2011), a tendência principal da população paraibana nos contextos de 1960 até 1980 era de migrar para as cidades dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo, mas, a partir da década de 1980, os deslocamentos de população iniciaram um período de mudanças no sentido das correntes principais, pois esses antigos espaços de atração migratória vêm perdendo expressão. Assim, nos anos seguintes, parte da intensidade destes fluxos transferiu-se para as cidades localizadas na Região Sul do país, especialmente, para as cidades do interior do estado de Santa Catarina. Portanto, essa é uma tendência atual de mobilidade populacional em busca de sobrevivência em cidades catarinenses, especialmente a

---

<sup>1</sup> A região Geoeconômica do Centro-Sul brasileiro abrange os seguintes Estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito-Santo (Região Sudeste); Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Região Sul) e Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal e parte do Estado do Mato Grosso (Região Centro-Oeste). O Centro-Sul pode ser definido como sendo a área core do país, o coração econômico e político da nação. Corresponde, portanto, ao espaço mais dinâmico do país, concentra numerosas regiões metropolitanas; a maior produção industrial; densa rede de circulação de transportes; possui a principal e mais produtiva área agropecuária do país (CORRÊA, 2001, p.198-204).

cidade de Blumenau, que tem se tornado o principal destino dos migrantes ingaenses e da microrregião de Itabaiana.

O estudo da temática aqui proposta se constitui como uma possibilidade de oferecer respostas científicas para uma problemática séria, como tem sido a migração no município de Ingá. Faremos análises das características geográficas, socioeconômicas e políticas do município de Ingá, com a finalidade de identificar os fatores repulsivos e atrativos que contribuem com o fluxo populacional em direção aos municípios do estado de Santa Catarina, bem como dos impactos e efeitos socioeconômicos e demográficos dessas migrações para o município emissor, além de tentar identificar os efeitos produzidos pelo migrante ingaense sobre as estruturas demográficas das áreas receptoras.

Seguindo esse apontamento, o objetivo geral da pesquisa consiste em analisar o fluxo migratório do município de Ingá para o estado de Santa Catarina e os efeitos produzidos na estrutura demográfica e socioeconômica ingaense. Os objetivos específicos derivam da necessidade de: (1) analisar o fluxo migratório do município de Ingá para o estado de Santa Catarina e os efeitos de desenraizamento cultural produzidos no cotidiano dos migrantes; (2) problematizar os fatores que contribuem com o deslocamento e os mecanismos de atração da população migrante de Ingá; (3) analisar o cotidiano dos migrantes ingaenses no estado de Santa Catarina, compreendendo suas práticas identitárias e formação de novas territorialidades culturais; (4) perscrutar a relevância dos transportadores ingaenses que atuam no traslado de pessoas e mercadorias para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá; (5) explicar as causas e consequências do retorno dos migrantes.

A presente pesquisa caracteriza-se como qualitativa e quantitativa, de caráter exploratório e descritivo. De abordagem qualitativa e quantitativa, pois buscou compreender o universo de significados, vivências e representações, envolvendo uma determinada realidade, a fim de melhor compreendê-los (GIL, 2008; MINAYO, 2001). Ou seja, compreender as vivências dos migrantes e transportadores ingaenses, possibilitando maior aproximação com o problema da investigação. Os procedimentos metodológicos adotados nessa investigação foram: (1) pesquisa bibliográfica sobre o tema; (2) Análises dos censos demográficos; (3) entrevistas semiestruturada realizadas com 50 migrantes ingaenses que estão residindo em Santa Catarina, com migrantes que retornaram para o município de Ingá, e, por último, com os transportadores que atuam no traslado de pessoas, mercadorias e capitais do município de Ingá para o estado de Santa Catarina, e do estado de Santa Catarina para o município de Ingá, no período do mês de agosto de 2022. Esses chefes de famílias que foram entrevistados revelaram dados de 258 migrantes, uma média de 5,16 pessoas por família.

A pesquisa qualitativa sustenta-se epistemologicamente como “uma produção de conhecimento proveniente, sobretudo, da valorização do singular e do diálogo desenvolvido na relação” (OLIVEIRA; CAIXETA, 2018, p. 396). Já o caráter descritivo de uma pesquisa justifica-se por ter como objetivo descrever e analisar as características de um determinado fenômeno (SAMPIERI *et al*, 2006). No presente estudo, buscou-se descrever as características, a complexidade e a dimensão deste fluxo migratório da população do município de Ingá para cidades catarinenses. O caráter exploratório, por sua vez, ao propor a investigação de um tema ou problemática de pesquisa não abordado ou pouco estudado até então (SAMPIERI *et al*, 2006).

O trabalho está construído em uma estrutura de três capítulos. No primeiro capítulo, analisamos de forma historiográfica e crítica ao processo migratório do Ingá nos séculos XVIII, XIX e XX, esse recorte se faz necessário, pois este município do Agreste paraibano se formou a partir de inúmeras levas migratórias que foram posteriormente denominadas pelo colonizador de povoamento. Por último, faremos um levantamento e discussão dos dados censitários de 1970 até 2022, data do último censo demográfico. A proposta deste capítulo é analisar como o município do Ingá passou de um lugar de atração, para um lugar de repulsão populacional.

No segundo capítulo, apresentamos análises e discussões das entrevistas realizadas com migrantes ingaenses que estão vivendo em Santa Catarina, enfatizando a dinâmica migracional do município de Ingá para cidades catarinenses. Elucidando o início do processo migratório, fatores atrativos e repulsivos, faixas etárias dos migrantes, redes migratórias, percurso realizado, imóveis e custo de vida, perfil, escolaridade e profissões dos migrantes, preconceitos, desenraizamento e formação de territorialidades culturais e adaptação dos migrantes.

No terceiro capítulo, abordamos as análises e discussões das entrevistas realizadas com os transportadores que atuam na logística de transportar pessoas, mercadorias e capitais de Ingá para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá, e, por fim, com os migrantes ingaenses que retornaram de Santa Catarina e atualmente estão residindo no Ingá.

## **CAPÍTULO I**

### **MIGRAÇÃO, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA: UMA ABORDAGEM SOBRE A MIGRAÇÃO INGAENSE AO LONGO DOS SÉCULOS XVIII, XIX E XX**

Neste capítulo, nosso objetivo é analisar, de forma historiográfica e crítica, o processo migratório do município de Ingá, nos séculos XVIII, XIX e XX. Esse recorte se faz necessário, pois este município do Agreste paraibano se formou a partir de inúmeras levas migratórias que foram posteriormente denominadas pelo colonizador de povoamento.

O município de Ingá nasceu sem um planejamento prévio, mas foi sendo paulatinamente habitado por tropeiros que objetivavam alcançar o interior, designadamente o Sertão. Deste modo, esse lugar surgiu como uma área de repouso e concomitantemente de entreposto comercial entre a Zona da Mata e o Sertão, ficando estrategicamente localizado entre dois polos ou sub-regiões do Nordeste. Posteriormente, foram doadas as sesmarias pela Coroa Portuguesa, e, por este motivo, surgiu essa cidade a partir da convergência de povos provenientes especialmente da Zona da Mata.

No Agreste estão combinados o latifúndio – cuja origem está na apropriação da terra para criação de gado destinado a alimentar a zona litorânea – e o minifúndio – originado ou pela divisão dos latifúndios por heranças sucessivas, ou pelo povoamento dessa região nas épocas de depressão da atividade açucareira por excedentes de população da Zona da Mata, que criaram ali uma economia de subsistência. Esse processo, no Agreste, foi auxiliado pela introdução da cultura do algodão que pode ser feita tanto em grandes como em pequenas unidades de produção. Além do mais, uma vez colhido o algodão, a palha deixada no terreno serve para alimentar o gado, o que coincide justamente com o período mais seco do ano (COHN, 1976, p. 43).

Essa região intermediária, denominada de Agreste nordestino, formou-se a partir da crise de produção da cana-de-açúcar, pois os trabalhadores livres e pobres, sem o seu principal meio de produção que é a terra, passou a enxergar na interiorização uma condição indispensável à sobrevivência. Vale salientar que a produção açucareira era realizada a partir do sistema *plantation* de produção, a saber, a mão de obra escrava, monocultura e latifúndio, objetivando o comércio internacional. A Divisão Internacional do Trabalho Clássica, aos poucos, foi conduzindo o Nordeste ao atraso, pois não havia um mercado de consumidores internos, e essa massa populacional, flagelada por esta estratégia de mercado, decide migrar para o Sertão. É a partir desse problema social que foi dado início ao povoamento do que chamamos atualmente de Agreste e conseqüentemente do Ingá. Em suma, o processo de interiorização, a partir das crises cíclicas da produção açucareira e especialmente da concentração de terras, contribuirá para as primeiras levas migratórias em busca de sobrevivência. O Agreste surge a partir da depressão da atividade açucareira e emerge como o lugar da economia de subsistência, do

cultivo de algodão e da pecuária extensiva, utilizando latifúndios e, na maioria das vezes, minifúndios.

O processo de interiorização encontrou três grandes dificuldades, a Confederação dos Cariris, o Planalto da Borborema e a Mata Ciliar fechada, por isso o caminho natural que os tropeiros e migrantes percorriam era o curso de rios e afluentes. Nesse contexto, a cidade do Ingá surge como um lugar reconhecido por ser uma terra encharcada, cheia de água. Outros historiadores atribuem o nome Ingá aos ingazeiros que presumivelmente existiam nesse lugar, pois os tropeiros que passaram pelo Ingá descansavam nas sombras dos enormes ingazeiros, no entanto, essa versão não encontra sustentação, pois nunca foi comprovado a existência de ingazeiro em Ingá. Assim, a versão mais aceita atualmente é que se refere à etimologia da palavra Ingá, que é um termo indígena para designar esse território como uma área alagada, devido ao riacho Ingá, um afluente da margem esquerda do Rio Paraíba que atravessa o município.

O território de Ingá também foi habitado pela mão de obra africana, pois, conforme o Censo Demográfico de 1872, existia 875 escravizados na Vila do Ingá, sendo 393 mulheres escravizadas e 482 homens escravizados, e esses foram sendo transferidos forçadamente pelo tráfico interprovincial para a região Sul (que chamamos atualmente de Sudeste) para trabalharem nas lavouras cafeeiras. Notadamente a Lei de Eusébio de Queirós, em 1850, que proibia o tráfico negreiro, foi o trampolim para a realização do tráfico interprovincial, pois, devido às crises econômicas no Nordeste, os escravizados foram vendidos para outras regiões mais dinâmicas.

Segundo Melo,

O tráfico interprovincial de escravos proporciona o mais antigo dos motivos de disputa entre a grande lavoura do norte e do sul do Império... A expansão da economia mineira na primeira metade do século XVIII atraía, como se sabe, grande quantidade de escravos das províncias açucareiras do norte, e o fenômeno chegara a preocupar autoridades portuguesas e senhores de engenho. Quando se verificou o declínio da economia mineira, o movimento praticamente cessou. A partir de 1830, o crescimento da economia cafeeira na província do Rio de Janeiro dá novo impulso ao comércio inter-regional, mas é somente a partir de 1850, com a abolição do tráfico africano, que ele toma um vulto inusitado, de vez que passara a constituir, com o crescimento vegetativo da escravaria sulista, as únicas fontes de mão-de-obra para a lavoura cafeeira (MELO, 1984, p. 28).

Portela (1878) reconhece que os estabelecimentos agrícolas do Norte têm um contingente maior em questão de mão de obra e, por isso, as fazendas do Sul têm um grande interesse nessas áreas, como lugares potenciais para o suprimento da carência da mão de obra. Na imigração para as províncias do sul, existiam obstáculos físicos ou naturais que dificultavam

esse processo migratório. Vale ressaltar que, mesmo com essas migrações, paulatinamente os estabelecimentos agrícolas do Norte estavam perdendo mão de obra pela emigração forçada (venda de escravizados para o sul) e, simultaneamente, devido às taxas de mortalidade, que afligia as mãos e os braços do império, a saber, os escravizados.

Por conseguinte, as Grandes Secas também tiveram um papel relevante para o processo migratório no Ingá, pois, a partir da década de 50, do século XIX, segundo Sorrentino (1993), a vila do Ingá passou a ter um expressivo crescimento demográfico. Em 1847, a sua população livre era de 2.481 habitantes, já em 1851 atinge o número de 8.316 pessoas. Esse crescimento da população livre parece estar relacionado também aos fluxos migratórios provenientes do sertão, devido à seca. Muita gente afluiu para Ingá devido à sua proximidade com a Vila Nova da Rainha (Campina Grande).

Por último, o Ingá retrata bem o quadro da ocupação do Agreste da Paraíba, resultado da associação de três atividades econômicas – a agricultura de subsistência, a pecuária e o algodão. Esse último se apresentará como a possibilidade de abertura de novos horizontes. A agricultura de subsistência funcionará como retentora da mão-de-obra para as demais, uma vez que provia seu sustento nos períodos de crise, impedindo, ou pelo menos atenuando, a migração para outras áreas. Conforme Oliveira, F. (1977, p. 12), a atividade de subsistência oportuniza ao homem a compensação adequada para continuar trabalhando, a fim de que tenha condições de comprar e adquirir os alimentos essenciais oferecidos no mercado.

A história do desenvolvimento da cultura algodoeira no Ingá é um retrato do que aconteceu em todo o Agreste paraibano. Embora promovesse um crescimento econômico concentrador e excludente, foi essa cultura que atraiu muitas pessoas para o Ingá em busca de emprego e sobrevivência.

Portanto, a migração tem se configurado como temática imprescindível para a compreensão da mobilidade populacional deste município, a qual busca ascensão social, de certa forma condicionada pela ilusão migratória. Uma avaliação das conjunturas políticas, econômicas e geográficas do município de Ingá é de fundamental importância na identificação dos fatores repulsivos e atrativos que induzem ao constante fluxo populacional. Atualmente, essa população ingaense tem como destino os municípios do estado de Santa Catarina, especialmente Blumenau.

Diante do exposto, o Ingá foi escolhido como *locus* de análise, por retratar de modo fidedigno o que aconteceu em praticamente todo o Nordeste. Um lugar que reproduz internamente a lógica do sistema capitalista de produção, repleto de políticas públicas ineficientes, pautado no clientelismo, desigualdade social, pobreza, fome, exclusão. Por este

motivo, é imprescindível uma análise do panorama histórico para entender a atualidade das migrações populacionais. Assim sendo, a forma de produção implantada e a mentalidade da elite ingaense produziram este lugar extremamente vulnerável e subdesenvolvido, e assim temos o reflexo daquilo que foi inserido no passado ainda se perdurando até os dias atuais e condicionando a população para buscar sobrevivência em lugares.

### **1.1 Povoamento e início das migrações no Ingá**

Quando nos propomos a escrever sobre o município do Ingá, principalmente no que diz respeito à sua formação territorial e, conseqüentemente, sobre o seu povoamento, ainda existem muitas lacunas que precisam ser preenchidas. Ainda são muito vagas as informações e documentos que dispomos quando nos debruçamos sobre estudos que tratam desses aspectos. No entanto, é importante lembrar que, nos caminhos percorridos pela história, são deixados resquícios, retalhos de lembranças, fragmentos de um passado. E esse passado, por mais doloroso e perverso que tenha sido, ainda precisa ser recordado.

Buscamos aqui entender o processo de povoamento, a formação histórica e o processo de territorialização do atual município de Ingá. Nesse contexto, procuramos perceber a adaptação do homem ao espaço geográfico, as suas lutas por sobrevivência e as modificações que vão sendo implementadas no ambiente no decorrer dos tempos, tais como a derrubada da mata nativa para a formação de campos agrícolas e criação de gado, o surgimento de núcleos urbanos, a delimitação territorial e, principalmente, a formação de seu povo.

Procuramos sobretudo entender como se deu o processo migratório ocorrido no decorrer dos séculos XVII até o XX, que possibilitou o povoamento do que viria a ser o município do Ingá, tendo em vista as circunstâncias que fizeram com que populações de outras regiões buscassem nesse território uma forma de sobreviver. Nessa perspectiva, questionamos se de fato esse processo de ocupação foi planejado ou se ocorreu de forma aleatória, tendo em vista que existem muitas contradições e incongruências quando procuramos entender tal processo.

Para compreendemos melhor o processo migratório que deu origem ao povoamento do Ingá, é preciso que nos atenhamos ao contexto e à lógica geral de dominação, colonização e povoamento do Brasil. Nos primeiros anos da ocupação portuguesa na América, a presença portuguesa se manteve ou limitou sua ação colonizadora apenas à faixa litorânea do continente. A preferência de fixação na Zona da Mata ocorre por não ter havido o interesse de explorar o interior, visto que as condições econômicas e os próprios interesses da Coroa portuguesa não permitiam uma maior abrangência na postura da ação colonizadora. Além disso, encontraram uma forma fácil e que, no primeiro momento, não os obrigava, necessariamente, a povoar e



colonizar o novo território. De forma lucrativa e com a “ajuda” dos nativos brasileiros, os portugueses passaram a explorar a madeira de pau-brasil, abundante naquele momento no litoral do Brasil, e com isso manter a lógica da colonização. Sem muitas preocupações em expandir seus domínios coloniais mais para o interior do território, os colonizadores se mantiveram na faixa litorânea durante os primeiros trinta anos de sua chegada ao Brasil. Essa postura só mudou devidos às constantes ameaças sofridas por esse domínio de outros povos europeus que manifestavam interesse nas novas possessões portuguesas. É a partir dessas ameaças que a dominação portuguesa na América vai assumir uma nova propositura.

Como a extração da madeira do pau-brasil não exigia que os portugueses fixassem moradia aqui na América, nos primeiros trinta anos que decorreram da chegada dos europeus ao Brasil, não foram construídos povoados, apenas feitorias em alguns pontos estratégicos do litoral para defesa e armazenamento da referida madeira, entre outros produtos retirados da terra. Foi somente a partir de 1530, com o enfraquecimento do comércio entre Portugal e as Índias, que se tornou necessário a busca por outras fontes de riquezas. Entre as alternativas encontradas, a escolha foi a de implantar, na colônia americana, a cultura da cana-de-açúcar, mas para isso era preciso que os portugueses fixassem núcleos de povoamento e construíssem engenhos para fabricar açúcar.

A prática, ou melhor, a lógica da colonização portuguesa no Brasil parecia até então não apresentar problemas. Com baixos investimentos e a ausência da necessidade de implantar um sistema de povoamento efetivo, o colonizador fixou-se no litoral, explorando especialmente o pau-brasil e posteriormente a cultura da cana-de-açúcar.

Com a decadência da produção e do comércio do açúcar, a colonização portuguesa passou a se ramificar pelo interior do território brasileiro, isso se deu a partir da implantação da pecuária bovina e de uma agricultura de subsistência, e também por meio da catequização do índio.

No caso do município do Ingá, no que diz respeito ao seu processo de povoamento, fontes indicam que esse processo migratório, ou seja, os primeiros contatos do migrante com as terras do Ingá, tenham se dado por meio das estradas de boiadas que ligavam as diversas regiões do interior do Brasil às principais cidades das províncias da região Nordeste, como nos mostra a historiadora Rossana de Souza Sorrentino, no livro *Uma História de Ingá*, publicado pela UFPB em 1993.

Em meados do século XVIII, já se encontravam instalados na região do Ingá alguns pequenos sitiantes e grandes criadores de gado. Apesar de nessa área, a criação bovina

ter sido realizada em fazendas bem menos extensas que as do Sertão, sendo inclusive, utilizadas cercas para prender o gado, surgiram grandes propriedades em função do sistema de sesmarias, adotado pelo governo colonial. A partir de 1776, podem ser encontradas cartas de sesmarias referindo-se a acidentes geográficos do atual município do Ingá, embora se saiba que a maior parte desses sesmeiros não chegou a fixar residência ou mesmo instalar fazendas em suas terras. Exceções parecem ter sido Francisco de Arruda Câmara, Gaspar Gouveia, Cosma Tavares Leitão (viúva do sertanista Teodósio de Oliveira Ledo) e Manoel da Costa Travassos que fixou residência na região (1787), tendo construído em sua propriedade uma capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição, em torno da qual se formou um povoado que teve progresso. Também há referências sobre instalação, em 1776, de uma fazenda de gado à margem do Rio Cayraré (hoje Rio Surrão) de propriedade de um tal Manoel Francisco (SORRENTINO, 1993, p. 26).

Mas quem eram esses indivíduos? Quais os motivos que os levaram a deixar sua terra natal e fazer com que procurassem se estabelecer no lugar onde hoje conhecemos como Ingá? O que deixaram para trás, o que esperavam encontrar nessa nova terra? Será que migraram por livre escolha, ou terão eles sido alvo de dispensa de mão de obra livre, barata e qualificada que, naquele momento, por ultrapassar as necessidades de uso dos seus patrões em empregá-los em suas terras, os expulsaram?

De acordo com Furtado (1959, p. 9), “É esse o homem que sai para a estrada, que se “retira”, em busca de alguma fonte de emprego que lhe permita sobreviver. O mínimo que se pode dizer, portanto, é que se criou na região um sistema econômico estruturalmente vulnerável e instável”. O Ingá surgiu dessa gente. Gente que em meio à fome, ao abandono e ao desespero de quem não tinha onde plantar e colher, se refugiou em uma terra ainda sem dono, sem travas e sem mando. E foi dessa liberdade encontrada no fato de não ter patrões, dispor da terra para plantar seus roçados e criar seus animais que o homem pobre e livre, advindo da área canavieira de Pernambuco, se instalou no Ingá. Trazendo dos engenhos apenas a ousadia de sobreviver, os migrantes foram chegando aos poucos e em pequenos grupos. Foram conhecendo a região, derrubando matas, construindo casas, gerando vínculos com aquilo que eles futuramente reconheceriam como Ingá.

Para esta massa de homens pobres, a migração adquire muitas vezes um caráter libertador: a fuga de um mando insuportável, de uma exploração econômica violenta. Deixar de ser “gente de alguém”, buscar novos horizontes para quem tem os seus limitados pelas propriedades dos “coronéis”, buscar novas terras para quem não as possui, dá às retiradas um gosto amargo do abandono de seus territórios tradicionais, do seu lugar, sem saber o que vão encontrar depois do horizonte, mas dá também um gosto de esperança, de libertação de relações sociais de sujeição direta, pessoal; esperança de progresso material, de acesso a determinados bens de consumo e serviços, que não teriam a menor chance de conseguir permanecendo em seus lugares de origem. O Sul torna-se, principalmente a partir da década de quarenta, a miragem de uma vida melhor para estes homens pobres, já que o processo de decadência da economia nordestina só se acentuava, ao mesmo tempo que persistiam as relações tradicionais de poder aí imperantes (ALBUQUERQUE JR, 2011, p.172).

Portanto, o processo migratório que deu origem ao Ingá surgiu da necessidade de sobrevivência imposta a uma “poeira” de povo retirante que, buscando um espaço de sobrevivência, acabou se instalando no Agreste paraibano e, assim, dando origem a células de povoamento onde pudessem viver com seus parentes e familiares. Partindo dessa ideia, é pouco provável que o processo migratório e de povoamento do atual município de Ingá tenha se dado de forma organizada e institucional, como nos faz pensar a historiadora Sorrentino (1993), quando coloca, como responsável pela formação da antiga Vila do Ingá, o sesmeiro Manoel da Costa Travassos. Ora, se foi assim, como explicar a inauguração da igreja Matriz de Ingá, cuja origem do culto à Nossa Senhora da Conceição é atribuída ao sesmeiro, se realizar apenas em 18 de janeiro de 1891 (é impossível que o sesmeiro estivesse vivo, pois já havia se passado 104 anos após a “possível” inauguração da capela dedicada à Nossa Senhora da Conceição que lhe é atribuído)? Como entender o culto à Nossa senhora da Conceição ter se realizado durante muito tempo em uma capelinha onde a dedicação e culto era realizado à Nossa Senhora do Rosário, cujos devotos eram negros foros e escravizados?

Por que será que, de 1841 a 1891, Nossa Senhora da Conceição teve que pedir abrigo no teto da Capela de Nossa Senhora do Rosário? Por que será que na descrição da viagem do presidente Silva Nunes ao sertão da Paraíba, realizada em 1860, entre outros aspectos, ele percebe a Igreja do Rosário e não a Matriz de Nossa Senhora da Conceição?

A vila é pouco povoada e de importância secundária (...). A Igreja do Rosário é de aspecto triste, os altares acham-se cobertos com panos insignificantes e velhos, e parecem antes altares de oratórios de menino Jesus do que mesmo uma igreja onde existem as imagens do redentor e dos mártires (...). Segundo nos informam é isto devido antes a falta de meios do que a ausência de fervor religioso (...) (SEIXAS, 1985, p. 67).

Baseado neste relato, provavelmente a capela de Nossa Senhora da Conceição não existia, pelo menos não mais, visto que, pelo estado de deterioração e abandono em que se encontrava, foi abandonada, deixada de lado, e, como não era do interesse dos donos da terra investir na sua fé quantias tão dispendiosas, preferiram invadir ou ocupar a Igreja dos negros, e relegar a(s) sua(s) divindade(s) ao lugar de segunda categoria no seu lugar de direito.

Conforme a Gazeta do Sertão,

No dia 18 do corrente mez de janeiro, terá logar nesta Villa, a benção da nova matriz, as 7 horas da manhã; seguindo-se a benção de uma linda imagem de N.S. da Conceição vinda da Europa, a qual tem de ser a padroeira desta Villa. As dez horas haverá missa cantada e sermão, a tarde haverá procissão e a noite missa cantada canto e benção com o S.S. Sacramento.

Há cerca de meio século que o Ingá é freqüezia e nunca possuiu uma egreja que pudesse merecer propriamente o nome de Matriz. Por muito tempo preenchea grande falta uma antiga Capella, quase em ruinas, a distancia de um kilomentro pouco mais

ou menos, ao nascente da Villa. Mas a distancia do centro populoso, e o seu acanhadíssimo recinto deram causa a transferência provisória da sede parochial para outra Capella, a do Rosario, que embora também acanhada, fica no meio da Villa. (GAZETA DO SERTÃO, 1891, p. 02).

Alguns aspectos nos levam a refletir sobre onde de fato iniciou-se a Vila do Ingá, visto que, até pouco tempo atrás, acreditou-se que ela tenha surgido em volta da Matriz, porém, como podemos ver na matéria do jornal a Gazeta do Sertão, antes de o culto ser deslocado para a capela do Rosário, ela ficava a cerca de um quilômetro e meio de distância da atual sede paroquial. Isso nos leva a pensar ou questionar uma miudeza de detalhes que traz essa informação. Afinal, por que o culto à padroeira dos “donatários” foi relegado ao abandono material de suas condições? Será que o abandono da antiga capela de Nossa Senhora da Conceição, em 1841, tem a ver com a supressão da Vila em 1841, e que foi restaurada em 1845 com o atual nome de Ingá? Até que ponto podemos acreditar que o culto à padroeira não esteja ligado ao domínio e manuseio do poder sobre a terra e a legalização do território? O fato é que, em 1873, quando foi realizado o primeiro censo populacional no Brasil, o Ingá apareceu nessa pesquisa com a denominação de “Parochia de Nossa senhora da Conceição do Ingá”, e aí cabe um questionamento: será que a imagem do ícone de Nossa Senhora da Conceição não teria se enraizado de tal forma na mentalidade dos donos da terra, em Ingá, como instrumento de poder e distinção, que mesmo sem teto, e, talvez até sem uma ampla representação popular, não tivesse sido revitalizada como elemento de catalisação e legitimação do poder local? Senão, como explicar a transferência da imagem para a capela do Rosário? São questões que precisam ser analisadas e, por isso, precisam ser consideradas para quem se propõem a pesquisar a história do Ingá.

Nesse sentido, levando em consideração também o aspecto ou contingente populacional urbano da cidade, que possuía 1.290 habitantes e cerca de 10 ruas e 198 prédios urbanos, podemos perceber o acanhado estado de desenvolvimento em que ainda se encontrava o Ingá, já nas últimas décadas do século XIX.

Tem duas egrejas e uma capella: A matriz de N. S. da Conceição, nova e des systema moderno, construida pelo actual vigario foi inaugurada em 18 de janeiro de 1891, a igreja de N. S. Rosario e a capella de N. S. do Carmo no cemiterio.

Existe mais um excellente Paço Municipal inaugurado em 28 de novembro de 1894, deteriorado pela inundaçao de 4 de Abril de 1895 e reconstruido em 1898; S Um cemiterio de alvenaria e cal sobre um quadrilatero de 60 metros em cada face, ao Sul da villa;

Tres açudes publicos: Zabelê, Açude Novo e o de Noventa, todos de taipa. O 1.º mede 122 braças, foi arrombado na innundaçao de 1895 e consertado com auxilio do cofre federal, destina-se a servidão-lavagem e bebida de gados. () 2.º mede 80 braças, é exclusivamente destinado para beber, conserva-se limpo e cercado, sua agua é excellente. O 3.º serve para bebedouro do gado. Ha mais no districto da villa oito açudes de propriedade particular.

Tem a villa 10 ruas á saber: Rosario, Dezoito de janeiro, Cadeia, Rio, Liberdade, Curraes, Oity, Pão de Assucar, Sertão e Bôa vista. A construcção é regular e variada. Contém 198 predios urbanos e 1.290 habitantes. Ha duas escolas publicas, mantidas pelo Estado, para um e outro sexo.

Ha uma sociedade musical e bôa musica. Tem feira regular de generos alimenticios aos sabbados.

Seu solo é agricola, dando muito bôa lavoura e qualquer arvore fructifera, mas a conveniencia dos proprietarios o tem destinado para creação de gados. Para conciliar as duas industrias agricola e pastoril o Conselho Municipal reservou no municipio 5 zonas exclusivamente para agricultura, á saber: Serra Verde, Serra Redonda, Serra do Pontes, Serra Velha, Pirauha e Maria de Mello, marcando-lhe os limites, ficando o resto de todo o municipio para a creação. Tem a villa uma cadeia e quartel, pertencentes ao Conselho Municipal As principaes industrias locais são a agricultura e a pastoril. Valor da agricultura

250:000\$000 Valor da criação (ALMANAK, 1891).

Dos três açudes que se encontravam à disposição e uso da população, apenas um – o Açude Novo – servia à população em tempos de estiagem. Mulheres, homens e crianças faziam filas com latas de querosene e cuias na mão, em direção ao açude que servia tanto a ricos como aos pobres. Nos períodos de estiagens prolongadas, quando até a água do Açude Zabelê secava (água salobra e imprópria para o consumo humano), cavavam-se barrocas no leito seco do Rio Ingá para a captação de água, para uso doméstico, visto que a água era imprópria para o consumo. Apesar de todo esse contexto de dificuldades em relação à falta d'água no lugar, é possível perceber que não havia um interesse da elite agrária em construir açudes, ou mesmo poços que os favorecessem, assim também como à população. Pois dos três açudes acima citados, apenas um era particular, os demais foram construídos pelo incentivo de verbas federais.

Como nos revela o Almanak do Governo do Estado da Parahyba, de 1891, as terras do Ingá, por conveniência dos latifundiários, foram divididas em duas partes, em que uma ficaria destinada à criação de gado e a outra ao cultivo de gêneros agrícolas, sem mostrar nenhuma pretensão de crescimento para a indústria e o comércio. Observamos que o setor secundário se encontra defasado e pelo fato de o município não ter se desenvolvido uma mentalidade industrial como seu vizinho próximo, a saber, Campina Grande. Esse será um dos motivos cruciais que conduzirá o Ingá ao atraso e promoverá sua dependência em relação a essa metrópole regional.

Nesse contexto de formação territorial e populacional, podemos comparar o Ingá com a realidade vivenciada pelos feudos europeus no decorrer da Idade Média na Europa. Assim como ocorria nos domínios senhoriais da Europa feudal, no Ingá cada proprietário estabelecia suas próprias leis e seus códigos de convivialidade e sociabilidade, regrido as normas de convívio e permanência dentro de seu domínio. O território era demarcado pelo poder dado ao homem através da posse da terra.

## 1.2 Violência, Ouro Branco, Grandes Secas e as migrações no Ingá

Dominada pela violência do cangaço e mentalidade tacanha dos coronéis, o Ingá teve a sua história ligada diretamente a personagens que se faziam representar por meio da terra e pelo poder que dela emanava. Dentro desse território de conflitos, a violência se colocava a favor dos fortes e nada fugia ao seu controle. A mando dos latifundiários agiam os cangaceiros, grupos de homens armados que viviam embrenhados na Serra do Surrão, ou eram acoitados por fazendeiros em suas propriedades. A esses dois grupos estavam atrelados conflitos e disputas por terras e pelo controle político da cidade.

Toda a sua história gira em torno de questões de terras arrendadas entre fazendeiros poderosos, movimentos eleitorais, choques armados entre senhores feudais produto puro do meio. Ingá não é ambiente para homens pacatos e simples. Hoje é uma cidade bucólica. Outrora agitada por encontros mortais entre inimigos de ferro e fogo. Ingá era a terra do amor e do ódio. Chegou até os nossos dias com o apelido que o define INGÁ DO BACAMARTE - a voz do Bacamarte era mais poderosa que a justiça, que o direito. As soluções pacíficas não serviam aos senhores de terra. Uma região acidentada cheia de serras e de grutas serviu de clima ideal para a proliferação do crime. Era o habitat maravilhoso para os homens de espírito aventureiro que ignorantes e rústicos aos primeiros atritos com a lei, tornavam-se bandoleiros assaltando, roubando e matando em nome de princípios que não conheciam, mas a serviço de instintos incontroláveis feras humanas soltas como as de Hitler (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1944, p. 3).

Aterrorizados pelos ataques de cangaceiros, submetidos ao poder de “Quem tinha um olho era Rei”, a população do Ingá vivia em meio à desolação, sobrevivendo ao medo e ao abandono, vivendo sob a ameaça de expulsão de suas terras, ameaçados de morte ou até sequestro de seus parentes. O banditismo e o coronelismo agiam como braço da lei e se estendia a todo o território, “contemplando” a todos.

Foi em meio a essa situação caótica, em que o mando, o sentimento de superioridade e a dominação dos mais ricos contra os pobres se fazia presente na mentalidade e nas ações empreendidas pelos “fortes”, que emerge o Ingá do Ouro Branco na primeira metade do século XX. Os latifúndios caiados de branco pela fibra do algodão, aprisionaram cada vez mais o homem pobre e livre ao coronel que agia de forma dúbia em relação aos seus e ficava cada vez mais rico, enquanto o homem que dependia de suas terras para plantar seus roçados ficava cada vez mais pobre.

Durante muito tempo, a agricultura de *plantation* do algodão e a agricultura de sobrevivência dividiram espaço e se confundiram em seu objetivo. Pois, mesmo sem conseguir obter exorbitantes lucros ou melhoria de vida com a produção algodoeira, o homem pobre e livre continuou cultivando, forçado a acreditar que aquilo melhoraria a sua condição de miserabilidade. A cultura mista fazia parte da agricultura de subsistência, pois eram plantados

nos pequenos roçados, cultivados pela população, milho, feijão, fava, jerimum e algodão. Os primeiros eram destinados à alimentação. O último alimentava o sonho das pessoas de que, com sua venda, se poderia comprar um metro de chita ou murinho, uma alpercata pega bode, e até mantimentos como fósforo, querosene, fumo, entre outras coisas. Assim, enquanto os ricos dividiam entre si os benefícios e os lucros de cultivar o algodão, aos pobres restava apenas a ilusão das migalhas que lhes sobravam.

Mas como se implantou a cultura do algodão no Ingá, e o que favoreceu o seu plantio? Foi no decorrer da primeira metade do século XX que o Ingá e toda região do Agreste paraibano vivenciou um fenômeno que posteriormente iria ficar conhecido como a febre do “ouro Branco”. Nesse período, o município foi agraciado pela condição de cidade paraibana que produzia o melhor algodão do Agreste, visto dispor de técnicas agrícolas significativamente avançadas para época.

Considerando o contexto histórico que antecede o século XX, podemos perceber que já na década de 1850, devido às condições favoráveis para o plantio do algodão, o município passa a atrair a população do sertão, que, fugindo da seca, migra para o Ingá em busca de uma vida melhor.

A migração de boa parte da população sertaneja do estado da Paraíba para o agreste vai possibilitar o crescimento populacional desta região. No caso da Vila do Ingá esse crescimento será bastante expressivo. Apenas em quatro anos – de 1847 a 1851 – a população livre do Ingá vai pular de 2.481 habitantes para 8.316.

Com a população do Ingá aumentada, aumentam-se também os problemas relacionados à miséria. Constituído de uma população faminta, onde a miséria era a principal característica do povo, não encontrando outra saída para ajudar, o governo Provincial manda distribuir farinha para a população pobre do Ingá.

Em meio a problemas como a miséria e a fome do povo, o Ingá, durante os anos de 1856 e 1862 vai ter seu ritmo de crescimento demográfico quebrado devido à epidemia de cólera morbus que irá matar cerca de 1500 pessoas principalmente em Cachoeira das Cebolas (Itatuba) e Mogeiro. Novamente a Vila vai receber recursos liberados pelo Governo da Província para adquirir remédios e alimento para o povo (FERREIRA, 2020, p.169).

Quando havia chuvas em abundância durante o inverno, a sofra de algodão era excelente, e isso era notado nas roupas da população pobre que desfilava nas ruas do Ingá, em ocasiões de comemorações, como a Festa do Rosário. Os parques ocupavam todo o centro da cidade. Nas encostas das ruas, instalavam-se barracas de algodão-doce, milho-cozido, batata frita, maçã do amor, cachorro-quente e outras comidas típicas. A população transitava entre uma barraca e outra, buscando divertimento que só aquele momento oferecia.

E quanto aos ricos? A estes eram reservadas palhoças ou pavilhões privados que apenas as famílias mais abastadas poderiam frequentar.

Nos festejos do Rosário, a sociedade se vestia como se fosse a um baile na corte: os homens usavam paletó, gravata chapéu e viam as horas no relógio de algibeira. As mulheres se vestiam de longo, meias e joias. No Ingá abriram-se vários ateliês e alfaiatarias para atender as necessidades da sociedade que assumia gosto requintado de padrões estéticos condizente com a moda europeia ou das grandes capitais do Brasil como rio de Janeiro e Recife (...) (FERREIRA, 2017, p. 107).

Nos festejos do Rosário, os latifundiários ingaenses aproveitavam para mostrar o seu poder por meio da distinção de roupas, lugares ocupados e principalmente por meio de donativos doados à paróquia. Nesse sentido, nada tinha de popular nesta festa, pois, com o passar do tempo, o ambiente foi se transformando em espaço de ostentação de poder e de distanciamento entre ricos e pobres.

As comemorações à Nossa senhora do Rosário foi uma das Festas populares mais importantes do Ingá. Tendo sua origem ligada a uma Irmandade Negra, as comemorações à padroeira dos negros e escravizados ingaenses surgiram no ano de 1855, em uma antiga capela dedicada a seu culto, e teve seu término no ano de 2006, por ocasião do padre da paróquia de Nossa Senhora da Conceição achar errado que outra santa, senão a padroeira, fosse tão festejada em evento popular. O que ocasionou o comportamento do Padre Edivaldo em tirar o brilho da Festa de outubro (denominação popular para a Festa de Nossa Senhora do Rosário) foi perceber que, apesar de padroeira da cidade, Nossa senhora da Conceição não era lembrada pela população, tampouco pouco a sua imagem ocupava o altar principal da Matriz, que a ela era dedicado. Em seu lugar habitava outra Santa, outra imagem (Nossa Senhora das Graças), a qual usurpava a sua identidade de 1891 até 2006, quando a imagem de Nossa Senhora das Graças foi retirada do altar e em seu lugar foi colocada uma imagem da padroeira.

O fim da Festa do Rosário, como pretendia o pároco local não resultou em brilho para a Padroeira. Na verdade, esta ação resultou em um fato inesperado responsável pelo fim da tradição do Rosário e a permanência da inexpressividade dos festejos à Nossa Senhora da Conceição.

Na verdade, a postura do pároco do Ingá, ao desestruturar a festa do Rosário, condiz muito com os papéis assumidos pela elite local. Como aceitar que uma Santa “Negra” tivesse mais espaço nas comemorações da paróquia, levando-se em consideração que a divindade católica branca (Nossa Senhora da Conceição) não era nem lembrada pela população?

Esse episódio nos faz refletir sobre a Festa das Rosas ou mais popularmente conhecida como a “Festa do Cabaço”. Tradicionalmente realizada no mês de maio, a festa serviu de espaço de segregação, ou seja, apenas a elite e só ela poderia frequentar o espaço do Clube A União Cultural Ingaense.



E para compreendermos melhor o que aconteceu na festa das Rosas em Ingá, é preciso saber, que o início de sua fundação foi em Maio de 1969, primeiro ano em que a festa foi produzida e realizada pela elite e para ela, ou seja, era uma festa onde apenas a sociedade elitizada de Ingá poderia participar da festa, enquanto, as pessoas mais simples não poderiam entrar para participar do evento, pois, quem não possuíam recursos financeiros suficientes para fazer parte desta sociedade eram deixados de fora da festividade (BENÍCIO, 2021, p. 65-66).

Para fazer parte da associação, os membros teriam que pertencer à elite econômica local, que era composta principalmente de latifundiários, comerciantes, advogados e professores. Uns dos pré-requisitos para se tornar sócio, ou frequentar os festejos do Clube A União Cultural Ingaense era ser rico, branco e seguir um código de conduta e moral ilibada, visto que escândalos e libertinagem não deveriam fazer parte da conduta de um cidadão de bem.

A presença de negros na festa era restritamente proibida, exceto se estes estivessem a serviço. Na década de 1980, houve um episódio que uma mulher negra, por estar no ambiente da festa, foi chamada no serviço de som e convidada a se retirar do espaço, visto que, no entendimento de seus membros, aquilo era uma afronta sem tamanho aos princípios morais da sociedade e à própria identidade do clube.

Na mesma década de 1980, um fato viria mudar o panorama e tradição da Festa das Rosas. A tradição, os códigos de condutas de comportamento e moralidade seriam quebrados. A honra dos seus sócios foi manchada. O caso ocorreu em uma das festas em que 14 moças de boa família foram defloradas, ou seja, perderam a virgindade, popularmente conhecido no Ingá como a “perda do cabaço”. A partir desse momento, as famílias passaram a deixar de frequentar o clube e proibir suas filhas também de frequentar.

A Festa que, durante quase quatro décadas, serviu para mostrar o orgulho que a “elite” ingaense tinha de seu lugar, passou a servir, nesse momento, de vergonha, escárnio e falação por toda a região, “a partir destes comentários a Festa que era realizada pela elite e para ela, agora passa a agregar toda população local e de cidades circo-vizinhas, enfatizando que as ‘moças de famílias’ não frequentam mais a festa pois, tem medo de ficarem mal faladas na cidade” (BENÍCIO, 2021, p. 67).

Podemos perceber que o ambiente montado para a elite debutar sua posição não era aberto a todos ou, talvez, nem mesmo significasse um festejo.. Na verdade, o intuito da Festa das Rosas tinha um caráter. E, até o momento em que foi realizada no Clube A União Cultural Ingaense, amparada pelo apoio da elite, nada mais foi ou significou do que uma ferramenta de exacerbação do poder dos latifundiários e, em contrapartida, a exclusão e segregação do resto da população pobre de Ingá.

Essa mesma elite que esbanjava esforços e dinheiro para aparecer é a mesma elite que, diante de uma das maiores secas que já assolaram o Ingá, se apresenta passiva diante da miséria, da fome e do abandono do povo, como nos mostra o Jornal Campinense Brasil Novo:

A população do visinho municipio de Ingá foi a mais attinginda pelo flagello da sêcca e o quadro que alli se desenha está impressionando vivamente os homens do nosso alto commercio. Sob os ausos dos srs. João Rique e João Araujo iniciou-se um movimento nesta praça em benefício dos flagellados daquela zona. Assim é que já conseguiram aquelles dignos commerciantes, entre as firmas Araujo Rique & Cia., Demosthenes Barbosa & Cia., Lafayette & Lucena, Abilio Dantas & Cia., Wharton Pedrosa, J. Vasconcellos & Cia. a quantia de 600\$000, com a qual serão comprados cereaes, pães e outros generos alimenticios, cuja distribuição iniciar-se-á amanhã. Esse caridoso serviço será pessoalmente dirigido pelo sr. João Rique, que nos endereçou um convite para assisti-la. Enquanto perdurar essa situação de miseria, o alto commercio irá, com o auxílio dos pequenos commerciantes e das demais classes, amparando de algum modo os necessitados (JORNAL BRASIL NOVO, 1931, p. 10).

Na citação do jornal supracitado, percebermos um fato importante no que diz respeito à riqueza gerada pela produção do algodão no município do Ingá, principalmente nos anos anteriores, que antecederam a década de 1930. Mesmo com toda a riqueza gerada pelo algodão e o Ingá ocupando o lugar de maior produtor da fibra no agreste paraibano, mesmo dispondo de técnicas avançadas para a sua época no que dizia respeito ao plantio da lavoura, mesmo com todo esse aparato tecnológico e uma super produção, isso não serviu em nada para mudar a condição de miséria e pobreza de sua população.

Enquanto os coronéis ingaenses discutiam política, faziam conchavo com os cangaceiros e enriqueciam com o trabalho barato e quase escravo do povo em suas plantações, a população morria de fome, à mercê da miséria e do abandono. Deste modo, essas práticas de exploração da elite política e econômica em relação à sua própria população, assim como o medo e receio de mudanças por significar a quebra da tradição, são formas de opressão que irão coercitivamente contribuir com as emigrações ingaense, pois seus habitantes, sem perspectiva de um trabalho digno, almejarão alcançar a sobrevivência em outros lugares.

Os socios e gerentes das firmas exportadoras de algodão, de nossa praça, S. A. Wharton Pedrosa, José de Britto & Cia., José de Vasconcellos & Cia., Lafayette, Lucena & Cia., Abilio Dantas & Cia., Araujo Rique & Cia. e Demosthenes Barbosa & Cia. com a immediata solidariedade da Directoria da Companhia de Beneficiamento de Algodão, sinceramente pena lisados pelo quadro doloroso que encontraram ás margens da estrada de rodagem de SURRAO á séde do municipio do Ingá, resolveram, ao regressar da conferencia que tiveram na semana proxima finda, com o Sr. Interventor Federal em João Pessoa, cotisarem-se em Rs. 100\$000 cada um, promovendo durante quatro domingos, uns passeios de caridade, até aquella zona, onde campeiam impiedosamente a FOME, A SEDE E A NUDEZ, abalando os sentimentos de humanidade do coração mais frio e indiferente. Assim, pondo em pratica tão louvavel idéa, fizeram do mingo ultimo a sua primeira visita aquelle trecho de estrada, distribuindo com aquella pobre gente, novecentos pães e duzentos e quarenta pedaços grandes, de xarque especial.

Foram incumbidos dessa primeira distribuição, por parte dos exportadores de Campina, os srs. João Rique, da firma Araujo Rique & Cia., Arnaldo Maranhão - Director-Presidente da Companhia Parahybana de Prensagem de Algodão - e Victor Hugo de Andrade e João André, respectivamente, caixa e corrector da S. A. Wharton Pedrosa, devendo outros substituí-los no próximo domingo.

Ficou combinado entre aqueles nossos amigos, que dá segunda vez farão a distribuição, não somente de alimento, bem como de cem - cortes de dois metros de uma fazenda regular, afim de amenizar um pouco, a desgraçada nudez de algumas dezenas de creancinhas famintas e infelizes.

Quando regressava, a comissão encontrou na estrada, - com o mesmo destino, o Snr. - José Minervino que estava a distribuir pães com as creancinhas desvalidas, e logo - adiante, uma outra comissão composta dos Sns. Dionisio Marques de Almeida, José a Barretto, o digno representante da Companhia «S. K. F.» a e outros corações bem formados, que levavam um caminhão com viveres para serem distribuídos também allí. Fazemos os mais sinceros votos, por que exemplos tão nobres e elevados continuem a fructificar no coração do nosso povo, sempre naturalmente inclinado para o bem (JORNAL BRASIL, 1931, p. 10).

Diante do quadro de abandono e extrema pobreza no qual se encontrava a população do Ingá, empresários ligados ao ramo da compra e venda de algodão da cidade de Campina Grande, sensibilizados com a condição do povo ingaense, procuraram ajudar por meio de campanhas de distribuição de donativos, com o intuito de atenuar o quadro de desolação. Enquanto a elite do algodão campinense se propunha a ajudar o povo que nem era seu, a elite algodoeira do Ingá, se fez de cega, surda e muda, e, embora precisasse do braço trabalhador daquela gente sofrida e maltratada pela seca, não fez nenhum movimento em favor dos necessitados.

Com o preço do algodão em alta, seguido pela excelente aceitação no mercado nacional e internacional, em 1936 foi instalada, no Ingá, uma filial da Indústria Americana Anderson Clayton. Essa empresa comprava o algodão produzido no Ingá e de toda a região. Foi a partir dela que o comércio e a relação comercial entre os grandes e pequenos produtores se intensificou, tendo em vista que os grandes foram contratados pela empresa como postos de compra de algodão em sua região. Com isso, o poder do latifundiário, que já era grande, tornou-se maior ainda, uma vez que, se os agricultores produtores não se submetessem à sua verdade e vontade, eles acabariam sem ter a quem vender seu algodão e com isso precisariam se deslocar para Campina Grande para realizar a venda, coisa na época muito difícil – os meios de transportes disponíveis no município para esse tipo de atividade era apenas um caminhão, de propriedade do senhor Caçula Bacalhau, ou o trem.

A melhoria dos transportes e dos meios de comunicação, como: correios, jornais de circulação nacional e, principalmente, a presença do rádio como o grande veículo de comunicação de massas desde a década de trinta, torna as notícias das oportunidades no Sul, constantemente propagandeadas por governos e instituições interessadas na atração desta mão de obra, um estímulo crescente para a migração (ALBUQUERQUE JR., 2011. p. 172)

O desenvolvimento dos meios de transportes na região Nordeste, ao invés de servir para o escoamento de mercadorias, ou modernização dessa área, contribuiu para o escoamento de sua população para outras regiões. Em outras palavras, imaginava-se que, com a melhoria dos meios de transporte, a população nordestina seria melhor assistida; contudo, contribuiu com a migração da sua população que não suportava esse quadro de semiescravidão. Segundo Oliveira, F. (1977, p. 136), a melhoria na infraestrutura econômica, como o Transporte Rodoviário e Energia, um dos principais proponentes do Programa Quinquenal, tinha duplo objetivo, a saber: facilitar a emigração e o transporte de gêneros agrícolas das áreas de produção aos principais mercados urbanos.

Os ares de prosperidade trazidos pelo algodão atraíam para o lugar os olhares mais cobiçosos, os investimentos mais audaciosos que alguém poderia fazer em uma cultura que prometia lucro e prosperidade a quem ousasse investir nela. Os campos de experimentação, os investimentos dos governos federal e estadual fazia com que todos os olhares se voltassem para o Ingá, quando o assunto era tecnologia de produção de algodão. Todas as sementes de algodão que eram plantadas nos roçados do Ingá e da região, recebiam um selo de qualidade, delegado pela casa de purgação de sementes instalada no município pelo governo federal em parceria com o governo estadual. O expurgo era a garantia que recebiam os produtores de estarem se comprometendo a produzir um algodão de boa procedência e livre de pragas (FERREIRA, 2020, p. 212).

E foi em meio a investimentos e vontade de enriquecer que os produtores locais derrubaram matas, expulsaram moradores, tomaram terras dos mais pobres, tudo isso em prol daquilo que para eles se apresentava como uma promessa de valorização da terra, e, por consequência dos seus proprietários, seria, em outros termos, uma forma mais rápida e fácil de enriquecer, visto que eles já tinham como hábito a manutenção da terra e dos seus privilégios por intermédio da agricultura latifundiária.

Nessa mesma década de 1936, chega, ao Ingá, a Anderson Clayton, usina norte-americana, que se ocupou do serviço de compra da cidade, assim como do melhoramento e da distribuição do algodão para o comércio internacional. A Anderson Clayton, ao se instalar no Ingá, manteve sob sua tutela o monopólio de compra de todo o algodão que era produzido na região.

A Clayton mantinha o equilíbrio comercial do Ingá com o pagamento semanal de seus trabalhadores. A Usina possibilitava o aquecimento do comércio local e mantinha ativos os correios e telégrafos do município. O telegrafo era usado cotidianamente pela usina que precisava manter comunicação com a capital do Pernambuco (Recife) (FERREIRA, 2020, p. 210).

Apesar de ter possibilitado um crescimento notável para as economias locais e estadual, a monocultura do algodão era vista com preocupação pelo governo de Argemiro de Figueiredo. Em mensagens, por meio da Assembleia Legislativa da Parahyba, publicada no Jornal Diário

de Pernambuco, em outubro de 1935, o então presidente da Paraíba deixa bem clara a sua preocupação em se ter, como renda principal do estado, a cultura do algodão:

As nossas rendas decorrem como sabeis, quasi que exclusivamente da lavoura do algodão. Imaginae como seria precário tentar -se a execução de um plano systematico de administração, fazendo-o repousar numa cultura única, tratada pelos processos rotineiros e sujeita às irregularidades climatéricas! Attentae bem para essa observação, bastante de exemplos succedido no corrente anno, quando uma safra algodoeira calculada em sessenta milhões de kilos ficou reduzida em cerca de um terço da estimativa pela influência de factores imprevistos! (FIGUEIREDO, 1935, p. 5).

Enquanto a Anderson Clayton se manteve no Ingá, a cidade vivenciou um período de melhoria na urbanização. Casas foram construídas, lojas (tímidas) foram abertas. No entanto, o que mais chamava a atenção nesse período eram os galpões de armazenamento de algodão que ficavam vizinhos a casas dos produtores. A fibra almofadava calçadas e ruas do município, quando eram postas ao sol para secar. As sacas se empenhoravam uma sobre as outras, formando amontoados que mais pareciam torres de lã.

Nesse momento, a elite ingaense viveu um período de sonhos, visto que acreditavam que o algodão simbolizava a solidificação de seu projeto de enriquecer sem se desligar do poder que a terra lhes proporcionava. Isso durou algum tempo, até que, em 1956, a Anderson Clayton se retirou do município do Ingá, pagou a todos as indenizações de seus funcionários e foi embora. As suas instalações foram colocadas à venda e a multinacional, que ficou no município durante mais de duas décadas, deixou a cidade exatamente como havia encontrado: os pobres cada vez mais pobres e os ricos com os sonhos de que ainda poderiam viver do plantio da fibra e da exploração do homem pobre que vendia o seu trabalho como mão de obra barata e qualificada por alguns tostões àqueles que possuíam o controle da terra.

Com a crise do algodão, e sem ter a quem vender a sua safra, os latifundiários continuaram com a cultura, todavia de forma mais tímida, visto que o algodão não possuía mais o valor de mercado que antes assumira. O tempo passou, a terra que antes era coberta pelo branco do algodão foi ficando aos poucos nua, seca e sem vida. E, já na década de 1980, o município não mais tinha no algodão a fonte de riqueza. É verdade, continuou-se plantando a fibra, porém não mais com a mesma veemência de antes.

Quanto à população, esta acabou, em parte, se desiludindo com a terra e o lugar, e migrou para o Sudeste, mais especificamente para o Rio de Janeiro e São Paulo. Antes, esse lugar atraía pessoas provenientes de diversas localidades do Nordeste, mas, com o declínio da produção algodoeira, a sua população tem abandonado aos poucos esse lugar marcado pela desigualdade social.

O excedente demográfico emigra para aquela região não somente forçando o achatamento salarial como também fornecendo força de trabalho sem nenhum custo econômico, enquanto só grupos dominantes locais constituem passivamente um mercado consumidor dos manufaturados do Sul. Isso completa o pano de fundo em que o Sudeste brasileiro se torna o centro do capitalismo nacional na década de 1950, e é dentro de tal quadro que a indústria nordestina esgota os seus limites, sendo conduzida, em termos quase definitivos, a uma crise (...) (PERRUCCI, 1984, p. 23).

Sem emprego, sem a terra para trabalhar e não encontrando outra forma de se sustentar e sustentar a sua própria família, o homem do campo passou a migrar para o sul em busca de emprego na construção civil, ou empregos como porteiros de prédios ou profissões que “cabiam” à sua posição de analfabeto e nordestino. Essa denúncia foi feita pela Declaração dos Bispos do Nordeste (1956, p. 99-100), reconhecendo que a migração é um direito natural das pessoas, contudo o movimento de retirantes é uma mobilidade pautada na exploração, quase sempre realizada sem um mínimo de recursos materiais – sem documentos, sem preparo especializado, sem equipamento, sem destino, sem assistência de espécie alguma –, para terminar, se não como favelados no Rio de Janeiro, ao menos como sub-proletários no Sul do país; por isso os bispos, neste manifesto ou declaração, nutrem um grande desejo de interromper esse êxodo de nordestinos.

A desigualdade econômica, quando alcança certo ponto, se institucionaliza (...) quando uma economia subdesenvolvida cresce – como é o caso em todo o Brasil, mesmo na região de São Paulo – os salários não tendem a crescer com a produtividade. Disso todos sabemos. Cresce a economia e os salários podem não crescer com a produtividade, pelo simples fato de que há sempre uma oferta de mão-de-obra pressionando por todos os lados e impedindo a organização da classe trabalhadora. (...) Quando se vencer essa etapa em São Paulo, uma das áreas mais desenvolvidas do Brasil, os salários tenderão espontaneamente a pressionar para cima, à proporção que aumenta a produtividade. E então, a classe trabalhadora se organizará eficientemente, como em todos os países industrializados do mundo. Terá força quando se tornar um fator relativamente escasso. (...) Em tais circunstâncias, a classe trabalhadora, seja qual for o regime, se organiza eficientemente e assume posição política poderosa. E, a partir desse momento, não mais permite que seus salários sejam condicionados por uma afluência desorganizada de mão-de-obra. (...) Se tal fenômeno vier a ocorrer no Brasil, país de grande extensão geográfica, a formação de grupos regionais antagônicos poderá ameaçar a maior conquista de nosso passado: a unidade nacional (FURTADO, 1959, p. 14 a 16).

É importante lembrar aqui que essa situação de migração nordestina para o Sudeste não é algo que se aplique apenas para o município do Ingá. Essa postura faz parte de toda uma situação criada ainda no início do século XIX, quando se difunde o lugar do nordeste como um espaço de pobreza, de fome e seca, que precisa ser amparado por políticas públicas de incentivo e ajuda contra as secas.

De acordo com Albuquerque Junior (2011), o Nordeste é um conceito que surge pela primeira vez no final da década de 1910 do século XX. Esse conceito de Nordeste aparece no

documento que criou a Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas em 1919. Partindo desse documento, esse conceito é trabalhado por uma gama de intelectuais e políticos da região, ao longo dos anos de 1920. Portanto, é a partir dos discursos dessas duas classes que, ao Nordeste, é reservado um conjunto de imagens que o coloca em um lugar de extrema negatividade em relação ao imaginário nacional.

O Nordeste é, portanto, filho da modernidade, mas é filho reacionário, maquinaria imagético-discursiva gestada para conter o processo de desterritorialização por que passavam os grupos sociais desta área, provocada pela subordinação a outra área do país que se modernizava rapidamente: o Sul, além das próprias mudanças internas, provocadas pelo crescimento das cidades, pela emergência de padrões urbanos de sensibilidade e sociabilidade, pela separação progressiva das novas gerações dos padrões de vida rurais, pela subordinação destes grupos rurais ao capital industrial e aos padrões mercantis que este impõe (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2011, p. 342).

Às vezes, nós nos pegamos, inconsciente ou conscientemente, procurando culpados ou responsáveis pela maneira negativa que o Nordeste é projetado imagetivamente pelo Sudeste, quando, na verdade, esse imaginário foi construído por nós mesmo, ou seja, pelas elites do próprio nordeste, tanto as intelectuais, quanto a elite política.

Devido a isso, é importante que façamos críticas a respeito desse imaginário. É importante que nós, nordestinos, não concordemos acriticamente com essas imagens, que não fiquemos produzindo ou reproduzindo esse tipo de discurso, visto que eles reservam um lugar de segunda categoria para a nossa região e, por consequência, para o povo.

Nesse sentido, é importante percebermos que o Nordeste é um conceito, e devido a isso, não é preciso que ele venha a acabar, é necessário que ele seja ressignificado. Nesse aspecto, é preciso que, em torno desse conceito (pejorativo), novos sentidos e significados sejam produzidos. Para Albuquerque Júnior (2011), os criadores do nordeste foram as elites ligadas ao setor agrário, foram os bacharéis, os intelectuais e políticos, filhos das elites agrárias em processo de declínio desde o final do século XIX.

A partir da emergência do café, por volta do final do século XVIII e início do século XIX, essa área, que hoje conhecemos como Nordeste, vai perdendo gradativamente a centralidade econômica e, por consequência, a centralidade política. Quando isso acontece, as elites agrárias, (como as elites ligadas à produção do açúcar, da pecuária e do algodão) que passam a perder espaço nacional, inventam um espaço regional para se entrincheirar nesse espaço e conseguir defender ainda seus privilégios, a sua posição social e sua posição política ao nível nacional.

Quando as elites das Províncias do antigo Norte, ou melhor, os estados do Nordeste descobrem que, se agirem sozinhos, não tem como enfrentar as elites de São Paulo e Minas

Gerais, que assumem o poder no Brasil com a Proclamação da República, eles se articulam em torno da ideia de nordeste, exatamente para defender seus privilégios. Nesse sentido, a ideia de nordeste é um conceito que está ligado aos interesses e ao universo mental e cultural dessas elites agrárias. E daí a saudade do latifúndio, a saudade da casa grande, a saudade da senzala, a saudade da escravidão, a saudade de uma sociedade estamental, em que cada um reconhece qual é o seu lugar.

Esse processo protecionista que caracteriza as elites nordestinas é muito semelhante ao o que acontece com as elites do Ingá. Ao invés de aproveitarem o período áureo do algodão para investirem em outras áreas, como o comércio e a industrialização, elas preferiram continuar presas à terra, às probabilidades e impossibilidades causadas pelo clima, com a presença de chuvas ou não. Elas preferiram criar espaços nos quais a imagem poderia dizer mais do que a realidade, como as Festas do clube A União Cultural Ingaense. Esse foi o erro cometido pela elite ingaense: o orgulho, o preconceito, o sentimento de superioridade e soberba, que, casados com a posse da terra, fizeram com que o Ingá não tivesse êxito, tendo assim a sua economia e o seu progresso fadados ao fracasso com o fim da cultura algodoeira no município.

### 1.3 Análise dos censos populacionais do Ingá

Segundo Jannuzi (2000, p. 40), “os censos demográficos têm se constituído nas fontes mais regulares e usuais para dimensionamento quantitativo dos fluxos migratórios e análise das características demográficas e socioeconômicas dos migrantes”. Os dados censitários de 1970 a 2022 (Quadro 1 e 2), do município de Ingá, mostram que o crescimento populacional vem ocorrendo lentamente e revela diminuição de sua população conforme o Censo de 2022.

**Quadro 1 – População do município de Ingá**

ANOS	1970	1980	1991	2000	2007	2010	2022
POPULAÇÃO TOTAL	17.272	19.504	21.721	17.473	18.168	18.180	17.664
HOMENS	8.108	9.413	10.668	8.613	8.745	8.838	-
MULHERES	9.164	10.091	11.053	8.860	9.246	9.342	-

Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000, 2007, 2010 e prévia do Censo de 2022.

**Quadro 2 – Crescimento em números percentuais da população de Ingá**

ANOS	1970 a 1980	1980 a 1991	1991 a 2000	2000 a 2007	2007 a 2010	2010 a 2022
INGÁ	11,44%	10,21%	-19,56%	3,82%	0,06%	-2,83%

Fonte: IBGE – Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000, 2007, 2010 e prévia do Censo de 2022.



De 1970 até 1991, a população cresceu em ritmo ascendente, mas, de 1991 a 2000, observamos uma queda brusca de -19,56% da população; um declínio de 4.248 habitantes, essa queda se deu devido ao desmembramento do então Distrito de Riachão do Bacamarte, em 1994, que, no que lhe concerne, se torna município. Mesmo assim, no ano de 2000, a população de Riachão do Bacamarte era de 3.948, desaparecendo então 336 pessoas da população de Ingá, confirmando que houve sim um decréscimo de 1,52% dentro desses 9 anos.

Apesar de o crescimento vegetativo ser baixo, ele é positivo. O que não justifica a diminuição populacional, tendo em vista que nascem mais pessoas do que morrem. Contudo, essa realidade contribui para a estabilidade demográfica do município que acompanha a tendência demográfica brasileira, além de conviver com as migrações populacionais que cooperam com a diminuição populacional. Segundo o Atlas de Desenvolvimento do Brasil (2013) entre 2000 e 2010, a população de Ingá teve uma taxa média de crescimento anual de 0,40%. Na década anterior, de 1991 a 2000, a taxa média de crescimento anual foi de 0,16%. No Estado, estas taxas foram de 1,01% entre 2000 e 2010, e 1,01% entre 1991 e 2000. No país, foram de 1,01% entre 2000 e 2010, e 1,02% entre 1991 e 2000.

**Quadro 3 – Estrutura Etária da População do Ingá**

Estrutura Etária	População (1991)	% do Total (1991)	População (2000)	% do Total (2000)	População (2010)	% do Total (2010)
Menos de 15 anos	6.995	40,62	5.894	33,73	4.974	27,36
15 a 64 anos	8.760	50,87	9.969	57,05	11.312	62,22
65 anos ou mais	1.466	8,51	1.610	9,21	1.894	10,42
Razão de dependência	96,57	0,56	75,27	0,43	60,71	0,33
Índice de envelhecimento	-	8,51	-	9,21	-	10,42

Fonte: Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil (2013).

Entre 2000 e 2010, a razão de dependência de Ingá passou de 75,27% para 60,71%, e o índice de envelhecimento evoluiu de 9,21% para 10,42%. Entre 1991 e 2000, a razão de dependência foi de 96,57% para 75,27%, enquanto o índice de envelhecimento evoluiu de 8,51% para 9,21%. Razão de dependência é a população com de menos de 14 anos, e de 65 anos ou mais (população dependente), em relação à população de 15 a 64 anos (população potencialmente ativa).

O quadro 3 faz um recorte da estrutura etária de Ingá de 1991 até 2010, o mesmo nos mostra que, acompanhando a tendência nacional, a faixa etária de menos de 15 anos vem diminuindo ao longo do tempo; em contrapartida, a faixa etária da população potencialmente

ativa tem aumentado, assim como a expectativa de vida. Isso quer dizer que, assim como está acontecendo no Brasil, o município de Ingá está atravessando uma transição demográfica de envelhecimento de sua população que convive com as saídas sobretudo de jovens para outras regiões do país. De 2000 a 2007, a população de Ingá cresceu apenas 3,82%. Esse crescimento é atribuído à anexação, ao município de Ingá, de uma área denominada de Sítio Cabral, que compreende o Sítio Cabral e seu entorno, com mais de 1.000 habitantes, passando a ser contabilizada na Contagem da População de 2007 e no Censo de 2010 para o município de Ingá. A população dessa área era contabilizada para o município de Mogeiro, que presta auxílio administrativo para aquela comunidade, mas, em 2007, com o auxílio de GPS, descobriu-se que geograficamente, esta zona rural e seu entorno está localizada no Ingá.

Segundo relatório do processo no Tribunal Regional Federal da 5ª Região, a população de Ingá teve um acréscimo em sua população, no Censo de 2007, de mais de 1000 pessoas devido à anexação da zona rural do Cabral que, no senso de 2000, pertencia ao município de Mogeiro. Diante desse impasse, houve um pedido de causa pelo Município de Mogeiro/PB contra o Chefe da Unidade Estadual da Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), consistente na alteração do território, com suas dimensões e marcos conhecidos e já estabelecidos, com a retirada da população do Sítio Cabral do censo do município, incluindo-a no do Município de Ingá.

A afirmação de que o IBGE autorizou o desmembramento do Sítio Cabral, pertencente ao território do mesmo, provocou a exclusão de mais de 1.000 pessoas da população do município. O município de Mogeiro argumenta que, desde 12 de dezembro de 1961, conforme Lei Estadual n.º 2.618/61, o Sítio Cabral integra a base física de seu território, com seus limites, desde o início, bem definidos e traçados no Mapa GeoHidrográfico, contudo, foi desmembrado para ser anexado ao território vizinho do Município de Ingá.

Mediante visita *in loco*, utilizando equipamentos apropriados, com tecnologia *Global Positions Systems*, de posse dos mapas municipais e com base na legislação vigente, o IBGE confirmou que a localidade Cabral encontra-se nos limites de Ingá, próximo à linha divisória com Mogeiro/PB. Se, no Censo de 2000, a respectiva população foi incorporada a esse município, isso se deveu a equívoco decorrente das limitações tecnológicas de então, o que é compreensível, pois processos técnicos são sujeitos a aprimoramento ao longo do tempo.

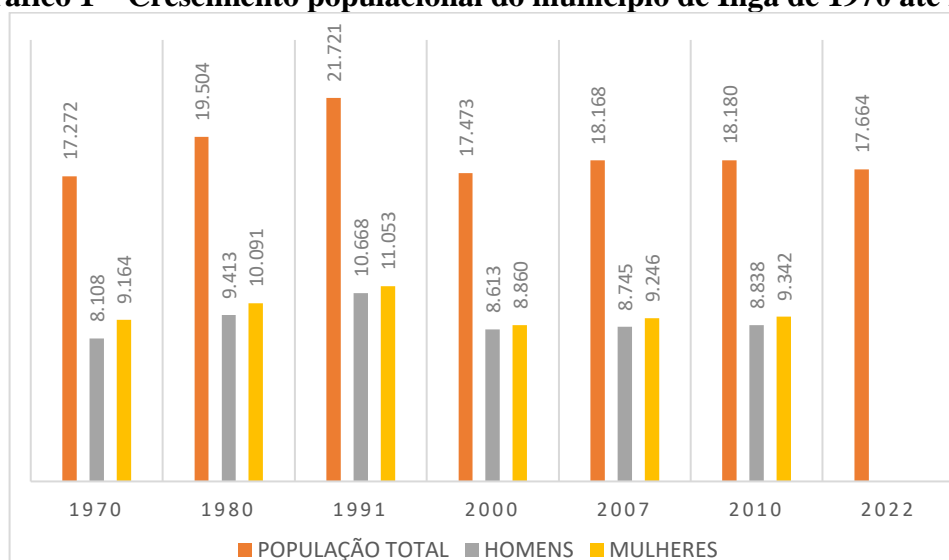
O município de Mogeiro entende que o IBGE está equivocado, porque: (1) a população do Sítio Cabral não foi incorporada por ocasião do Censo de 2000; (2) o Sítio Cabral foi incorporado por ocasião da emancipação política de Mogeiro, pela Lei Estadual n.º 2.618, de 12.12.1961, cujo território e respectiva população habitacional já a ele pertencia, na condição

de distrito e vila, quando foi levado à condição de município; (3) o equipamento de medição realizado pelo IBGE, segundo o município de Mogeiro, foi programado errado; (4) o Município de Mogeiro, antes de sua emancipação, pertencia ao Município de Itabaiana, sendo equivocada a justificativa encontrada para incorporar, ao Município de Ingá, o Sítio Cabral; (5) jamais houve nenhum conflito reivindicatório de áreas entre os municípios vizinhos. Acresce que todas as despesas relativas a transporte de estudantes, manutenção com escolares, aquisição de imóveis e bens duráveis e pagamento com funcionários, construção de passagens molhadas, galpões, perfurações de poços e açude, no Sítio Cabral, são realizadas por Mogeiro, sendo esse mais um fator de que a comunidade lhe pertence.

Diante desse impasse judicial, administradores do Ingá, reconhecendo que este território, mesmo localizado dentro dos seus limites, não era assistido pelo município e que, repassando a população para Mogeiro, não iria trazer prejuízos ao FPM, resolveram transferir a contagem da população da zona rural do Cabral, que tem em torno de 600 habitantes e não cerca de 1.000 habitantes para Mogeiro. Esse imbróglio judicial foi definitivamente resolvido no Censo de 2022. Essa é uma das razões da diminuição da população do município de Ingá no Censo de 2022, além das emigrações populacionais.

Diante do exposto, podemos concluir que, desde a contagem da população de 2007 até o Censo de 2022, a população do município de Ingá encontra-se em uma intrigante estabilidade demográfica, apresentando diminuição de habitantes no decorrer dos anos.

**Gráfico 1 – Crescimento populacional do município de Ingá de 1970 até 2022**



Fonte: (IBGE) Censos demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000, 2007, 2010, e prévia do Censo (2022).

Há quase vinte anos que a população do município de Ingá (Gráfico 1) não tem praticamente crescido, estando essa sob uma estagnação ou estabilidade demográfica, sendo possivelmente relacionada à diminuição do crescimento vegetativo e à crescente migração, especialmente para as cidades do interior do estado de Santa Catarina. Conferindo, dessa forma, uma nova tendência migracional entre as populações deste pequeno município paraibano, que lutam pela sua sobrevivência individual e coletiva, em busca de espaços que garantam pelo menos condições cidadãs<sup>2</sup> de trabalho e desenvolvimento.

---

<sup>2</sup> Cidadania é um direito que precisa ser construído coletivamente, não apenas em termos do atendimento às necessidades básicas, mas, sobretudo, de acesso a todos os níveis de existência. A cidadania é e constitui, portanto, o próprio direito à vida no sentido pleno (MANZINI-COVRE, 1998).

## **CAPÍTULO II**

### **MIGRAÇÃO INTER-REGIONAL, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA DE INGAENSES EM CIDADES DE SANTA CATARINA**

Em um país de dimensões continentais como o Brasil, é impossível não observar as dinâmicas de sua população. Enquanto processo histórico da sua constituição, a massa populacional brasileira nunca foi estática, ela está intrinsecamente ligada aos interesses do capital, e, ao longo de cinco séculos, através desses movimentos, o país se constituiu como um dos que mais tiveram fluxos migratórios internos do Planeta.

Qualquer mudança de localidade constitui um movimento migratório, seja sazonal ou sem retorno. No caso dos deslocamentos migratórios internos, embora ocorram dentro dos limites territoriais, nacionais e/ou regionais, estes são alimentados por vários e complexos fatores, sobretudo, estruturais.

A migração é um fenômeno muito ligado à dimensão social e requer adaptações ao novo modelo de vida da sociedade recém conhecida. A ocorrência desse movimento é muito vasta e pode ter várias explicações. Consoante às abordagens metodológicas nos estudos demográficos, verificamos a inexistência de um consenso que satisfaça plenamente as diferentes possibilidades de manifestações do fenômeno, pois as realidades sociais e econômicas inerentes a cada lugar sugerem, cada vez mais, novos olhares sobre esta questão (RENNER; PATARRA, 1991, p. 237).

Para alguns organismos de estudo, a migração pode ser considerada de uma forma mais estática, quando há mudança realmente de residência, o que exclui algumas possibilidades da consideração do que é migração, como veraneios e indivíduos com duas residências.

Para Brito (2009, p. 5), as migrações não são apenas fenômenos estritamente demográficos. Em perspectiva mais abrangente, as migrações constituem, sobretudo, um processo social. Elas não são o mero resultado do somatório de decisões individuais. Não é um indivíduo isolado que migra, mas são milhões de pessoas, conjuntos sociais com seus valores e normas, que se transferem do espaço rural para o urbano, de uma cidade para outra, de um Estado para outro, de uma região para outra, ou mesmo, de um país para outro. Portanto, as migrações não são fatos isolados, mas, uma realidade relativa à conjuntura social em transformação, interligada principalmente aos fatores econômicos.

Quanto às formas e tipos de migrações,

Costuma-se dividir as migrações em dois tipos: migrações internas e migrações internacionais. Até certo ponto, essa divisão é artificial, pois as motivações para migrar, os tipos de pessoas que migram e os efeitos econômicos e sociais de ambos

os tipos de migração são semelhantes. A vantagem dessa distinção é a de revelar aspectos legais da migração ou as condições sob as quais o migrante viaja, indicando, também, suas características culturais (RENNER; PATARRA, 1991, p. 240).

Migração interna é aquela que acontece dentro do próprio país, e a internacional é aquela que acontece por países diferentes. Essa migração interna pode ser dividida em: municipal, interestadual e/ou inter-regional. Sendo essa última o foco deste estudo.

Enfim, no que se refere à conceituação de migração, é relevante estabelecer sempre a ideia de mudança de localidade, de modo de vida e de adaptação ao novo meio social, isto para toda complexidade que envolve o assunto. Assim, podemos considerar que a migração não deve ser apenas um fenômeno descritivo, mas que está interligado aos problemas sociais, principalmente no que diz respeito aos países do terceiro mundo.

É necessário, então, refletir sobre o fluxo migratório como um processo violento, que vem desde a ocupação do território brasileiro, proveniente da busca do lucro, pela melhor “qualidade de vida”, de alguns, ou de emprego, para muitos, lembrando os ciclos e ciclos que já foram passados como, por exemplo, do café e da borracha.

De acordo com Singer (2002, p. 29), “Como qualquer outro fenômeno social de grande significado na vida das nações, as migrações internas são sempre historicamente condicionadas sendo o resultado de um processo global de mudanças, do qual elas não devem ser separadas”. Desse modo, os fluxos migratórios internos são frutos da configuração histórica que vive o país, ou seja, no caso do Brasil, essa configuração se dá atrelada ao processo de industrialização, que graças ao caráter concentrador do capitalismo, chega tardiamente ou com limitações às áreas de menor centralidade, condicionando aos viventes do local poucos estímulos para uma vida com uma qualidade superior à média local. Essa é a realidade de muitas cidades paraibanas que fornecem pessoas com pouco grau de instrução para regiões aonde chegou a industrialização de forma mais consolidada.

Quando se trata de migração nordestina, tudo se passa como se fosse uma decorrência econômica e social natural, levando-se em conta a construção imaginária do tripé Nordeste/seca/migração. Essa construção imaginária “destina” ao homem nordestino a condição e migrante, pobre e flagelado. De certo modo, essa representação social contribui para criar a invisibilidade histórica em torno do migrante, deslocando as questões para outros campos que não favoreciam o surgimento de uma história social que os incluísse (GUILLEN, 2001, p. 1).

Historicamente os “nordestinos”<sup>3</sup> se submeteram a ganhar menos e trabalhar mais, pois constituíam uma mão de obra barata, com pouco ou nenhuma instrução, principalmente na

---

<sup>3</sup> Compreendemos, aqui, nordestinos como as populações oriundas da Região Nordeste do Brasil.

construção civil, nas décadas de 1960 e 70, nas grandes cidades da Região Sudeste do país, especialmente nos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

É apenas nesse sentido que migrar pode ser entendido como resistência, não só à exploração e dominação existentes no local de origem, e que produzem a exclusão social, mas, sobretudo a se ver fixado, emoldurado num lugar social e simbólico. Migrar é exercer o desejo de mudar, de não se conformar (GUILLEN, 2001, p. 1).

É difícil pensar em sobrevivência quando os fatores econômicos de uma região não propiciam possibilidades de desenvolvimento, embora, com um ambiente mais tranquilo, este não garante que as dificuldades de crescer na vida ou na profissão estejam sendo diminuídas, portanto, quem tem menos, tem menores chances de se apegar ao lugar, mesmo quando sua infância tem se realizado nessa conjuntura.

As situações passadas desestimulam o pobre de continuar a trilhar nos meandros da vida na pequena cidade do interior.

Nessas condições, é fácil entender que o volume de migrações internas, provocado por mudanças estruturais e espaciais da economia, é proporcionalmente muito maior nos países não desenvolvidos que estão se industrializando do que nos desenvolvidos. Naqueles, os fatores de mudança têm efeitos mais amplos e a eles se somam os fatores de estagnação, que nos países desenvolvidos praticamente não se fazem mais sentir (SINGER, 2002, p. 46).

As grandes cidades exercem um poder de atração muito grande, sobretudo no que diz respeito aos jovens, deslumbrados sob influência da mídia, que constrói no imaginário dos mesmos a imagem de lugares de oportunidades diversas, quando, na verdade, esses lugares estão com um excedente populacional absurdo, não abarcando mais pessoas com direito à cidade. Muitas vezes estas pessoas que migram atraídas por essa iludível miragem acabam por se instalar debaixo das pontes e viadutos, áreas periféricas/favelas comandadas ainda pelo crime organizado.

É importante ressaltar que essa situação não é nova no país, mas que existe, entretanto, com novas relações entre novas cidades de destino, resultante da presença do capital, cidades que concentram e desconcentram, oferecendo vantagens aparentes, levando ainda consigo a força de trabalho do lugar de origem.

## **2.1 A dinâmica migracional do município de Ingá para as cidades catarinenses: trabalho, cidadania e sobrevivência**

A tendência principal da população ingaense nos contextos de 1960 até 1980 era de migrar para as cidades dos estados do Rio de Janeiro e São Paulo. Nos anos seguintes, parte da

intensidade destes fluxos transferiu-se para as cidades localizadas na Região Sul do país, especialmente para as cidades do interior do estado de Santa Catarina.

Em função da conseqüente falta de recursos e de perspectiva de trabalho nas cidades interioranas da Paraíba, além do intenso processo de industrialização se consolidando de forma concentradora em alguns pontos do território brasileiro, sobretudo, nas cidades dos estados da Região Centro-Sul<sup>4</sup> do país, esses lugares passaram a ser os principais pontos de destinos, com fluxos migratórios constantes e em quantidade relativamente alta.

Para explicar essa fuga populacional, os governos se apoiavam numa teoria que camuflava o real desinteresse de investir na região, sustentando uma retórica de que “nordestinos” migravam devido à seca que provocava menor produtividade, impossibilitando-os de trabalhar.

Mais do que um problema de superpopulação, a emigração é produto da má distribuição de recursos. Também falso é alegar que as calamidades naturais são as suas causas. Dificilmente as regiões atingidas por esses fenômenos, quando localizadas em regiões ricas, expulsam suas populações (SCARLATO, 2005, p. 397).

A dinâmica demográfica obedece a imperativos representativos por fatores de ordem natural (climas, solos), mas, sobretudo, aqueles decorrentes das políticas adotadas para setores mais dinâmicos: indústria e serviços, tanto ao nível nacional, como estadual e municipal. É interessante ressaltar ainda que a seca tem um peso significativo no imaginário das migrações, mas nem todas as populações da região Nordeste do Brasil tem e/ou sofrem com as secas periódicas<sup>5</sup>.

Destaca Scarlato (2005, p. 398) que, no caso brasileiro, as secas do Nordeste como causadoras da emigração dessa região serviram historicamente para camuflar as verdadeiras causas, que residem na precariedade das estruturas políticas e sociais.

A falta de estímulos ao comércio local, à indústria ou ao agricultor prejudica o desenvolvimento das cidades, desestimula a população local que, além da falta de estudo, sofre com a ausência de trabalho. Essa realidade social, dominante na maior parte dos municípios da região semiárida nordestina, leva a condição de não remuneração que conseqüentemente resulta em miséria, fome, exclusão e emigração.

---

<sup>4</sup> A região Geoeconômica do Centro-Sul brasileiro abrange os seguintes Estados: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais e Espírito-Santo (Região Sudeste); Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul (Região Sul) e Mato Grosso do Sul, Goiás, Distrito Federal e parte do Estado do Mato Grosso (Região Centro-Oeste). O Centro-Sul pode ser definido como sendo a área core do país, o coração econômico e político da nação. Corresponde, portanto, ao espaço mais dinâmico do país, concentra numerosas regiões metropolitanas; a maior produção industrial; densa rede de circulação de transportes; possui a principal e mais produtiva área agropecuária do país (CORRÊA, 2001, p. 198-204).

<sup>5</sup> No caso do município de Ingá, o período de estiagem dura cerca de cinco meses.



## 2.2 O início das migrações para Blumenau

**Figura 1 – Vista parcial da cidade de Blumenau**



Fonte: Jair Prandi (2020).

Segundo os primeiros migrantes que foram para Santa Catarina, Dvani Ferreira da Silva (mais conhecido como Gato) recebeu um convite do Sr. Renato para trabalhar durante os 17 dias na Oktoberfest de Blumenau, em 1992. A Oktoberfest Blumenau é uma festa tradicional germânica que ocorre na cidade de Blumenau, em Santa Catarina, durante o mês de outubro. É um festival semelhante à Oktoberfest de Munique, na Alemanha.

O Sr. Renato foi jantar no restaurante chinês Gêngis Khan em São Paulo, onde Dvani e José Carlos da Silva Soares (mais conhecido como Carlinhos) trabalhavam e, assim, conheceu Dvani, por conseguinte, o convidou para trabalhar na Oktoberfest Blumenau de 1992. Então Dvani convidou Carlinhos para ambos trabalharem nesta festa tradicional de Blumenau.

Eles aceitaram o convite do Sr. Renato para trabalharem na Oktoberfest Blumenau de 1992, em uma barraca que oferecia comidas chinesas que pertencia a Gean – a ex-esposa de Gean era prima do Sr. Renato. Como Dvani trabalhava há mais de 14 anos na culinária chinesa, ele ficou como cozinheiro e Carlinhos ficou com a responsabilidade da sobremesa. Durante os 17 dias de festival, eles ficaram hospedados no apartamento do pai de Gean, o Sr. Ivo, na rua São Paulo, em Blumenau.

Após os 17 dias de festival da Oktoberfest Blumenau de 1992, Carlinhos decidiu permanecer em Blumenau, pois havia gostado da cidade e teve a oportunidade de conhecer Osmar, que trabalhava como garçom no Buffet do Comércio, empresa que pertencia a Gean. Osmar ofereceu a sua residência para Carlinhos morar nela, passando a ser considerado um

membro da família, desta forma, passando a morar definitivamente em Blumenau. Já Dvanir decidiu viajar para o Rio Grande do Norte.

O migrante<sup>6</sup> 19 lembra que:

Eu que comecei a história da cidade de Blumenau em receber os paraibanos, pois topei ficar na cidade, se eu não quisesse ficar lá, ninguém tinha ido, nessa época, ninguém pensava em Blumenau, ninguém nem sonhava, as pessoas viajavam mais para o Rio de Janeiro e São Paulo. Eu primeiro fui em Balneário, Joinville, Jaraguá do Sul, Blumenau, sondando qual era a melhor cidade para trabalhar. Não fui eu quem levou todo mundo, mas fui o começo da história, o primeiro de tudo, não fui a história de todos, mas pensando bem, eu sou a história de todos e hoje muitos nem me procuram e nem me cumprimentam, na verdade, muitos dos quais dei a mão, muitas vezes, teve muitos que dava o meu colchão para dormirem, hoje o cara chega na nossa cidade (Ingá) finge que não me conhece. É de você não acreditar em um negócio desse, considero muitas vezes revoltante, mas infelizmente é do ser humano mesmo (Migrante 19, entrevista concedida em agosto de 2022).

A recordação da história do início das migrações para Santa Catarina é marcada por resiliência e alteração do fluxo tradicional que se destinava ao eixo Rio de Janeiro e São Paulo. O primeiro migrante acreditou que aquela era uma terra com oportunidades de trabalho para os seus conterrâneos, então, por esta razão, percorria cidades catarinenses objetivando investigar a melhor cidade para morar. Em um segundo momento, quando passou a residir no município de Ingá, retornando de Santa Catarina, passou a ser por indignação com aqueles que por muitos anos ajudou e agora não reconhecem o seu esforço em auxiliá-los nos momentos mais difíceis quando residiam em Santa Catarina.

Carlinhos passou a trabalhar como garçom e responsável pelo restaurante *Buffet* do Comércio, empresa que pertencia a Gean. Após um ano em Blumenau, Gean lhe convidou para fazer um curso de culinária chinesa e, simultaneamente, para trabalhar no Restaurante Shanghai, no Neumarkt Shopping, que estava iniciando suas atividades em Blumenau no ano de 1993. Como Dvani era mais experiente no ramo da culinária chinesa, Carlinhos convenceu Gean para que o convidasse novamente. Dvani, aceitando o convite de Gean, levou consigo a Wanberto Gomes de Oliveira, conhecido como Beto de Zito Tocador. Os três – Carlinhos, Dvani e Beto – passaram para trabalhar no restaurante.

Segundo o migrante 03:

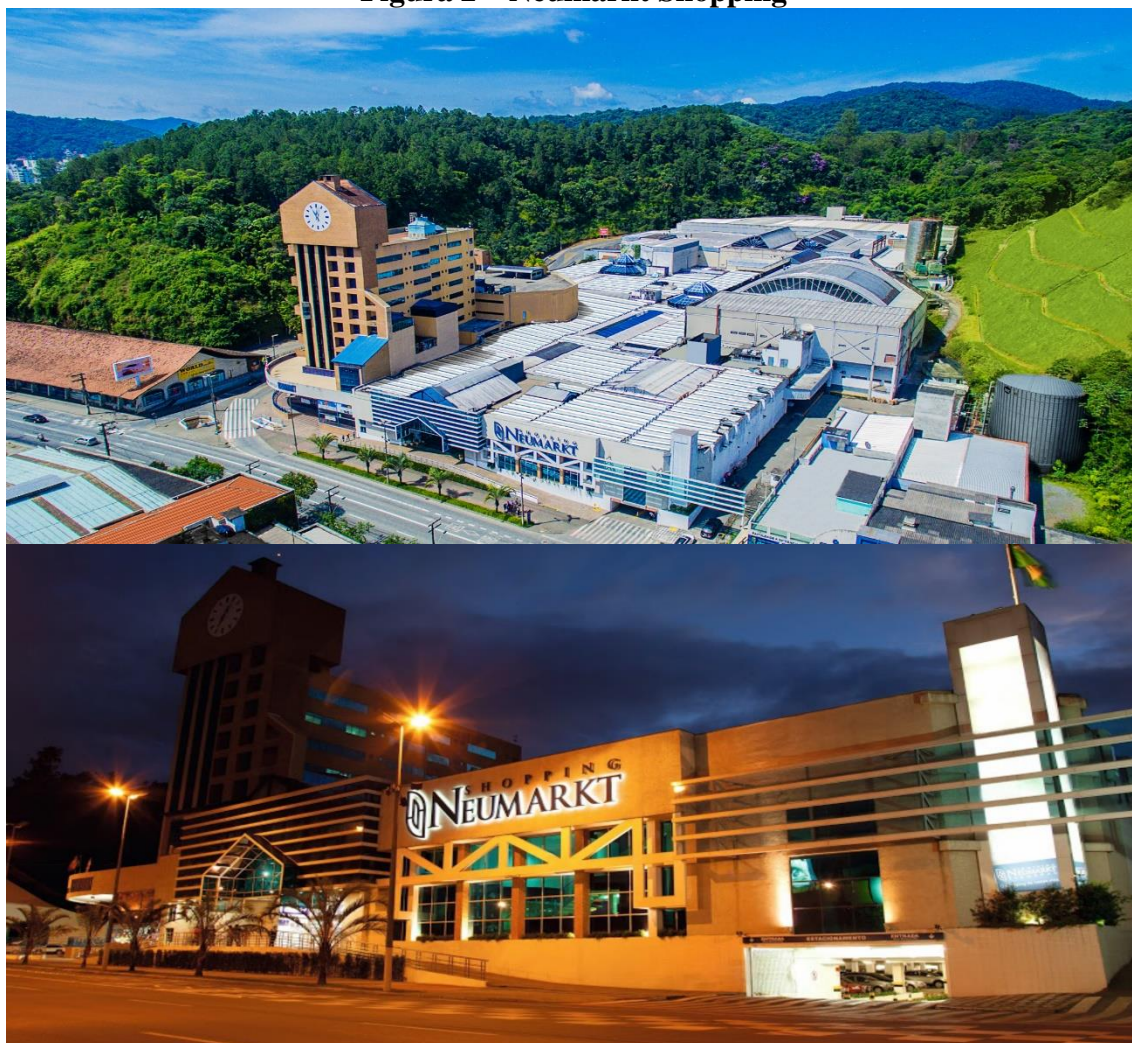
Blumenau já era um lugar que já tinha muitos serviços, quando o Shopping abriu, tu imagina aí 100 lojas, aí tu imagina cada loja dessa, aí pega cinco pessoas, então é gente demais. Eu sei que na área de restaurante, não tinha gente pra trabalhar mesmo

---

<sup>6</sup> Como estratégia, iremos manter o anonimato dos entrevistados e, por isso, vamos chamar a todos de migrantes. Contudo, faremos uma distinção de gênero, apresentada pelo artigo definido antes da palavra migrante. Além disso, numeramos os entrevistados pela ordem em que realizamos as entrevistas, de modo que essa ordem não necessariamente será a que está no texto; neste, elas aparecem conforme vão se encaixando na discussão, por este motivo, começamos do migrante 19 e não do migrante 1.

e eu fui trazendo o pessoal do Nordeste, pra restaurante. Por exemplo, Branco trabalhou na Pizzaria Du Sapore, muita gente de Ingá, Riachão do Bacamarte-PB. (O migrante 3, entrevista concedida em agosto de 2022).

**Figura 2 – Neumarkt Shopping**



Fonte: Neumarkt Shopping [s.d.].

O Neumarkt Shopping é pioneiro em Blumenau e o segundo de Santa Catarina, inaugurado em 29 de setembro de 1993, graças ao espírito empreendedor do catarinense Jaimes Almeida Júnior. Ao ser instalado, revolucionou o comércio blumenauense que se reorganizou para atender a um considerável número de visitantes e turistas. Assim, a dinâmica de Blumenau e do Vale do Itajaí, passou por mudanças significativas em relação aos novos padrões de consumo, lazer e gastronomia. Também influenciou no comportamento das pessoas, trazendo consigo a modernidade, movimentando a economia, gerando emprego e oportunidades para lojistas e novos empreendedores.

Segundo o migrante 3:

Quando eu vim pra Santa Catarina, na verdade, estava de bobeira lá, fui na casa do Dvanir, beber de manhã cedo e comer um tira gosto frango à passarinho que disseram que era muito bom e ele estava falando de vim para Santa Catarina, daí falei cara eu vou contigo, é aonde tem a Oktoberfest, ele disse que estava indo trabalhar nesta festa, daí falei: cara, eu vou contigo. E daí quando falei eu iria vim com ele, daí ele falou pra mim que o Carlinhos estava aqui, porque quando Dvanir trabalhava em São Paulo, ele veio trabalhar em Balneário Camboriú, o dono de uma fábrica de roupas, chamou ele pra abrir um restaurante aqui e ele veio e trabalhou a temporada ele e o Carlinhos, vieram de São Paulo e trabalharam aqui, só que o Dvanir foi embora para o Ingá e o Carlinhos ficou em Blumenau. Um dos donos, o pai dele tinha um restaurante e o Carlinhos ficou trabalhando no restaurante do pai de um dos donos que é de comida brasileira e o Dvanir foi para o Ingá. Quando o Dvanir veio, ele veio para trabalhar no Shopping Neumarkt que estava abrindo, e ele abriu um restaurante na Oktoberfest. Então a gente ficava trabalhando no restaurante e lá na Oktoberfest. O Dvanir ia à tarde ia lá, Oktoberfest trabalhar lá e eu e o Carlinhos ficava ali no Shopping. Quando acabou a Oktoberfest 17 dias de festa a gente ficou no Shopping Neumarkt, trabalhando direto lá e daí eu falei pro Carlinhos, tinha muitos serviços aqui, então o pessoal vinha conversar comigo, cara tu não tem alguém pra trabalhar que trabalhe igual a tu assim, cara eu conheço 500 pessoas que precisa de serviço (emprego) em minha cidade eu falei, ele disse é sério, pois pode trazer os caras que tá empregado e daí eu trouxe primeiro o Valdemir, Adalto e o Juca queriam vim, mas desistiram, depois eu trouxe o Branco (Erivaldo) e Antônio filho de dona Francisca, nesse intervalo de seis meses, ligo pra mim Zenildo, irmão de Gilvan e aí ele veio também e quando Zenildo veio eu fui no Ingá, quando cheguei no Ingá, encontrei Nildo de Zé Pequeno, Nildo perguntou se não há um serviço pra mim, eu falei Nildo, eu tô indo pra lá, vou arrumar uma vaga pra tu e em seguida pode mim ligar que pode procurar uma passagem aí que já vai ter emprego, mas tenho que arrumar o lugar primeiro, então falei com Dvanir que iria trazer o Nildo pra cá e ele disse que podia trazer, aí Nildo trouxe os irmãos dele, daí eu fui trazendo Fabiano, meu primo o filho de Reginaldo, aí veio Juca, arrumei serviço pro irmão de Carlinhos, o Almir, ele ficou no meu lugar no restaurante e eu em outro restaurante e daí foi vindo uma turma pra Blumenau. Daí eu saí de Blumenau, deixei essa turma toda lá e fui para Balneário Camboriú-SC, meu patrão abriu uma franquia do Shanghai. Pra ficar comigo aqui, veio Juca, Branco, Nadilson um amigo nosso de Blumenau, aí veio Aylzio que faz transporte de lá pra cá, veio Jailton pra Balneário Camboriú-SC e assim, ficou essa turma aqui e lá começaram a trazer mais gente. O Branco trouxe os irmãos dele, Nildo trouxe os irmãos dele e daí o pessoal ficou trazendo gente, Valdemir trouxe outros amigos, os primos dele e aí ficaram trazendo. Aqui pra Balneário Camboriú-SC, trouxe essa turma aí, trouxe o Luíz pra cá e arrumei um serviço pra Luíz em Joinville-SC com o nosso patrão, o Gean que abriu um restaurante em Joinville-SC, o Luiz virou gerente do restaurante, então os ingaenses foram para Joinville-SC, Balneário Camboriú-SC e Blumenau. Eu ouvi falar que na região aqui, tem umas quatro mil pessoas de Ingá (O migrante 3, entrevista concedida em agosto de 2022).

Diante desse contexto de mudanças significativas, especialmente na geração de empregos proporcionados pelo Neumarkt, os ingaenses que se fixaram em Blumenau, a saber Carlinhos, Dvani e Beto, iniciaram uma série de convites para outros ingaenses que estavam desempregados, pois pretendiam que seus conterrâneos pudessem enxergar Santa Catarina como um lugar de oportunidades de sobrevivência e de ascensão social. Assim, convidaram Naldinho (primo de Carlinhos), que era de Cuités-PB, Beto (irmão de Naldinho), Almir (irmão de Carlinhos), Pitota, Silvinha, Valdemir, Erivaldo, mais conhecido como Branco, Aroldo, André e Riso. Todos esses migrantes ingaenses passaram a morar em uma única quitinete que

foi alugada por Carlinhos na rua Paraíba, em Blumenau. Dessa forma, 12 pessoas passaram a viver na mesma casa em Blumenau.

Segundo o migrante 3:

Quando eu vim pra cá, daí a gente alugou uma quitinete, atrás da casa de uma mulher, sempre aqui tem. O pessoal faz a casa na frente e aluga atrás. Então a gente alugou, eu, o Carlinhos e Dvanir, morávamos nós três. Daí a gente foi morar em outro lugar separado no bairro da Velha em Blumenau. Então ficou ali, ali tinha uma casa que a gente pagava na época, acho que uns R\$ 200,00 reais e quando eu cheguei lá, comecei a levar os caras pra cá e teve uma época que morou nessa casinha lá, tinha 12 pessoas nessa casa de Ingá. Era um banheiro, uma sala e um quarto. Aí tinha gente que dormia com a cabeça no banheiro de tanta gente que tinha. Tinha mais de um trabalho com carteira assinada, era muito emprego, a gente ia a pé pra o trabalho, ficava oito minutos a pé. Era só colchão, lugar pra escovar os dentes, as roupas ficavam nas bolsas (O migrante 3, entrevista concedida em agosto de 2022).

Os migrantes afirmam que existia uma grande facilidade de conseguir empregos, especialmente no Neumarkt Shopping, lanchonetes, lojas de roupas, fábricas; havia uma forte propaganda para recrutar migrantes que se interessavam em trabalhar nos finais de semana, pois existe uma cultura entre a maioria dos blumenauenses de não trabalharem nos finais de semana, uma vez que, para eles, os finais de semana devem ser dedicados ao lazer.

Em outros termos, havia uma grande facilidade de conseguir empregos, pois eram convidados em carros de som e jornais, e os patrões de Blumenau, por considerarem os nordestinos ou paraibanos excelentes trabalhadores, comumente contratavam as pessoas mesmo que ainda estivessem residindo na cidade do Ingá. Muitos trabalhavam em mais de um emprego, conseguindo, assim, garantir um capital interessante, enquanto outros conseguiam a tão desejada ascensão social, transformando-se em empresários em Blumenau. Dessa forma, Santa Catarina se tornou o estado que mais tem atraído pessoas provenientes do Ingá. Vale destacar que alguns migrantes não conseguiram obter o mesmo êxito, conforme observamos na migração de retorno e na mendicância que poucos se encontram nesse momento.

### **2.3 Análise e discussões de entrevistas com migrantes ingaenses que estão vivendo em Santa Catarina**

Os ingaenses têm contribuído para o redesenhamento de um novo itinerário migratório em direção às cidades de Santa Catarina, especialmente a cidade de Blumenau, alterando os rumos estabelecidos historicamente, que se concentravam nos polos econômicos do nosso país – São Paulo e Rio de Janeiro. Por este motivo, entrevistamos migrantes ingaenses que estão residindo em Santa Catarina, migrantes que retornaram para o Ingá após a migração para Santa Catarina e os transportadores que fazem o traslado de pessoas, mercadorias e capitais do Ingá para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá.

Investigamos o perfil socioeconômicos dos migrantes, as principais causas apontadas como fatores atrativos e repulsivos, adaptação, ascensão social e profissional, consequências, identidade, alteridade, preconceito regional e sobre as causas e consequências do retorno, entre outras questões. São esses paradoxos da migração, a saber, a emigração e imigração, cá e lá, pretérito e futuro, identidade e alteridade, que tornam a temática necessária para entendermos as migrações em suas complexidades.

Segundo Santos (2017, p. 128), “discorrer sobre processos migratórios implica sempre o trabalho com história e memória; percursos, chegadas e partidas; aprendizados, construção e desconstrução”, o que torna os estudos migratórios ricas fontes de análise da existência de múltiplos aspectos sociais que os migrantes desempenham em suas vivências de idas e vindas. Desta forma, a emigração é sempre o ponto de partida, cá é o passado. A imigração é o outro lugar, o futuro do lado de lá.

Entrevistamos e identificamos os migrantes, por codificação, para preservação da sua identidade. As entrevistas correspondem a questionamentos que precisam serem analisados a luz de autores que se debruçaram sobre essa temática e, em simultâneo, correspondem aos objetivos desta pesquisa. Portanto, entrevistamos 50 pessoas, divididos entre migrantes que estão residindo em Santa Catarina, os migrantes que retornaram para o Ingá e os transportadores que atuam fazendo o traslado de pessoas, mercadorias e capitais do Ingá para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá, no período do mês de agosto de 2022.

Esses chefes de famílias que foram entrevistados revelaram dados de 258 migrantes, uma média de 5,16 pessoas por família. No que se refere às características deste intenso fluxo migratório da população do município de Ingá para cidades catarinenses, obtivemos alguns dados que revelam a complexidade e a dimensão desta corrente migratória. Questionamos os migrantes acerca dos principais motivos presentes no município de Ingá que levaram os ingaenses a optarem pela migração e o ano em que ocorreu a mobilidade populacional para cidades do estado de Santa Catarina.

O migrante 1 respondeu que:

Eu lembro como se fosse hoje, foi no dia 04 de junho de 2008. O motivo foi falta de oportunidades, a cidade é precária em empregos e isso acaba nos forçando a ir para outros estados pra poder ter uma vida melhor de conseguir algo na vida. Isso foi uma das minhas dificuldades (O migrante 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

A migração parte do pressuposto da decisão no âmbito individual de optar por uma vida melhor, objetivando a maximização da renda, contudo, os migrantes se veem forçados a abandonarem o seu território em busca de sobrevivência em outros estados. Segundo Martins e

Vanalli (2018), o motivo que gera o maior número de migrações em todo o mundo é o econômico – as pessoas saindo de sua região de origem em busca de seu sustento e sua melhoria de vida, migrações de populações empobrecidas, que apostam na sobrevivência em outras regiões, fascinadas com o sonho do emprego, de bom salário, da dignidade de viver. Podemos perceber que as migrações seguem a mesma trilha do capital, ou seja, orienta-se para aquelas regiões onde o capital está mais concentrado.

Os principais fatores repulsivos do município de Ingá apontados pelos entrevistados consiste unicamente na falta de empregos, majoritariamente responderam que a ausência de empregos é o principal motivo da saída dos ingaenses que têm procurado encontrar a sobrevivência, melhores oportunidades de vida e ascensão social em outras regiões do país, sobretudo no Centro-Sul do Brasil.

Segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) Trimestral, divulgada em novembro de 2022 pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística), a taxa de desemprego da Paraíba é de 10,9% de pessoas desocupadas que ficou menor que a taxa média da região Nordeste (12%). Médias superiores à taxa de desemprego no Brasil (8,1%) no mesmo período da pesquisa. Se tomarmos como parâmetro a pesquisa por faixas etárias no estado da Paraíba, constatamos que o desemprego é maior entre os jovens. A taxa de desemprego entre a faixa etária de 14 a 17 anos é de 20,9%, a de 18 a 24 anos é de 26,8%, a de 25 a 39 anos é de 9,6%, a de 40 a 59 anos é de 7,1% e, por último, a faixa etária dos 60 anos ou mais é de 1,5%. Já a taxa de desocupação no estado da Paraíba, por sexo, no 3º trimestre de 2022, é a seguinte: homens é de 9,1% e mulheres é de 13,5%, ou seja, o desemprego entre mulheres é superior à taxa de desemprego entre os homens.

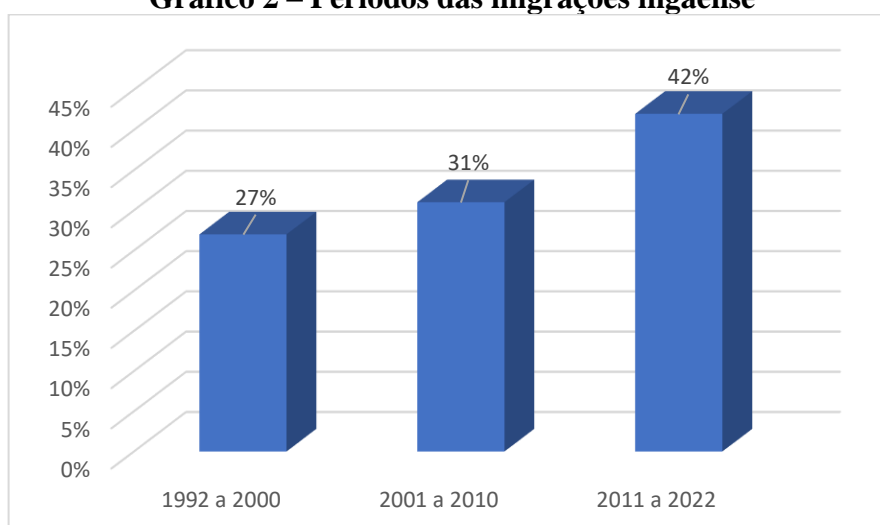
Em se tratando do Ingá, em relação à ocupação empregatícia, em 2020, conforme o IBGE, data da última PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) realizada no município, o salário médio mensal no Ingá era de 1,3 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era apenas de 10.2%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 220 de 223 e 57 de 223, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 5464 de 5570 e 3428 de 5570, respectivamente. Em suma: o Ingá está ocupando uma das últimas posições entre os municípios do estado da Paraíba e se posicionando entre um dos piores no Brasil, no tocante à ocupação empregatícia. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 49.3% da população nessas condições, o que o colocava na posição 152 de 223 dentre as cidades do estado, e na posição 1521 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Pelos dados econômicos da população ingaense, apresentados pela PNAD, podemos concluir que o município de Ingá é uma área de estagnação econômica e com potencial de repulsão populacional. Para um claro entendimento sobre a temática, é imprescindível entender as causas e consequências das migrações (*push-pull factors*). Segundo Durand e Lussi (2015), tais abordagens são conhecidas como *push-pull theories*, pois compreendem que as causas das migrações se fundamentam em uma combinação de *push-factors*, que expulsam ou ao menos de certa forma “empurram” o povo a deixar sua terra de origem, e *pull-factors*, que os atraem para certos destinos.

Assim, indivíduos agem no mercado de trabalho como atores racionais que decidem pela migração com base em cálculos claros e exatos de custo-benefício. Para Jannuzzi (2000), nesse balanço microeconômico, o trabalho, melhores oportunidades de emprego e maiores rendimentos se configuram como fatores de atração populacional; pobreza, falta de oportunidades de trabalho ou meios para produção (terra, por exemplo) se constituem como fatores de expulsão populacional. Ao migrar de uma região para outra, o migrante estaria dando um passo concreto – e individual – para sua mobilidade ascendente, pois estaria deixando para trás uma situação pior em troca de alguma perspectiva.

Sobre o ano em que ocorreu a mobilidade populacional para cidades catarinenses, podemos ver no gráfico 2:

**Gráfico 2 – Períodos das migrações ingaense**



Fonte: Dados da pesquisa de campo (agosto/2022).

O gráfico 2 indica que a mobilidade populacional para o estado de Santa Catarina é um processo atual, 27% dos entrevistados afirmaram que migraram entre os anos de 1992 a 2000, 31% dos entrevistados garantiram que migraram entre 2001 a 2010 e, por fim, 42% dos



entrevistados asseguraram que migraram entre 2011 a 2022. Dessa forma, observamos que as migrações têm se intensificado no decorrer dos anos.

Pesquisas recentes apontam para um crescimento de nordestinos em Santa Catarina:

Em 1991, Santa Catarina contava com aproximadamente 12.803 nordestinos em seu território. Nos anos 2000, com 25.615 migrantes. E, por fim, o último Censo apontou 59.273 nordestinos em Santa Catarina. Vê-se, então, o aumento da participação proporcional de nascidos do Nordeste no Estado que, de acordo com os dados citados, praticamente duplicava no Estado a cada dez anos (CASSANIGA; ASSIS, 2021, p. 3).

Questionamos a cidade do estado de Santa Catarina que os ingaenses estão residindo atualmente. O migrante 2 respondeu que:

Blumenau é a terceira maior cidade do estado. Maior índice de emprego, de trabalho de remuneração, qualidade de vida por metros quadrados é Blumenau. Quando cheguei aqui fui aquele migrante que veio para sobreviver, recebia o salário, pagava aluguel, mandava uma grana pra mãe e sobrava muita pouca coisa, quando você chega sem profissão, sem saber sobre muita coisa, sem escolaridade, você vai vim pra empatar, a média salarial aqui em Blumenau é de R\$ 1.500,00 a 1.600,00 reais, aí com o aluguel vão pagar de R\$ 600,00 a 700,00 reais, vão ter que comer, vão ter que fazer alguma coisa, é trabalhar pra sobreviver (O migrante 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Já o migrante 3 respondeu que:

Quando eu vim, vim para Blumenau. Depois fui para Balneário Camboriú-SC que era melhor ainda de se viver. Lugar de praia, lugar bonito. Quando decidi vim para Balneário Camboriú-SC, meu patrão abriu um restaurante e pediu pra vim pra cá. Quando cheguei aqui pra você ter uma ideia, cheguei aqui há 28 anos atrás, os caras estavam fazendo 200 prédios por ano, a cidade estava crescendo, era muitos prédios e a cidade acabava de se dividir, aí entre Balneário e Camboriú, eu fiquei e moro hoje em Camboriú, mas a cidade foi dividida. Balneário ficou pros milionários, aonde tem prédios caríssimos. Hoje um dos melhores lugares pra se morar é aqui em Balneário-SC, um dos lugares mais seguros do Brasil, tem muitos empregos, já sou bem conhecido aqui na região, já tenho minha própria casa (O migrante 3, entrevista concedida em agosto de 2022).

Essas duas entrevistas supracitadas refletem os principais destinos dos migrantes ingaenses no estado de Santa Catarina, cerca de 95% dos entrevistados responderam que residem na cidade de Blumenau, enquanto 4% dos entrevistados disseram residir nas cidades de Balneário Camboriú-SC e Camboriú-SC, os demais (1% dos entrevistados), contaram que residem em Itajaí-SC. No entanto, tivemos informações, durante as entrevistas, de que existem ingaenses distribuídos em outras cidades do estado de Santa Catarina, como Joinville-SC e Jaraguá do Sul-SC.

As migrações para Santa Catarina iniciaram em 1992, a partir deste ano houve uma intensificação das mobilidades populacionais de ingaenses para a cidade de Blumenau e outras

idades catarinenses em busca de emprego e sobrevivência. Conforme os entrevistados, a maioria dos migrantes que estão em outras cidades de Santa Catarina já residiram um breve período em Blumenau. Esta cidade, quando não é o destino principal, é a porta de entrada para migrantes que desejam ir ou, por alguma eventualidade, precisam emigrar para outras cidades de Santa Catarina.

A cidade de Blumenau tem sido a principal escolha dos migrantes ingaenses, especialmente por ser uma cidade média de grande oferta de trabalho, tornando-se também o destino das primeiras levas migratórias, e, assim, existe um número considerável de ingaenses naquele lugar (infelizmente não podemos mensurar o número com exatidão) que fazem convites aos seus parentes, amigos e conhecidos que residem no Ingá para migrarem para a referida cidade.

O município de Blumenau está localizado no estado de Santa Catarina, Região Sul do Brasil, na Mesorregião do Vale do Itajaí e na Microrregião de Blumenau. É a cidade-sede da Região Metropolitana do Vale do Itajaí. Segundo o Censo Demográfico de 2010, sua população é de 309,011 habitantes, o terceiro município mais populoso do estado, o 8º da Região Sul do Brasil e a única cidade média-grande de Santa Catarina, constituindo um de seus principais polos industriais, tecnológicos e universitários.

Segundo Silva (1995), o município de Blumenau foi fundado pelo químico e farmacêutico alemão Hermann Bruno Otto Blumenau, que chegou em um barco, através do rio Itajaí-Açu acompanhado de outros dezessete colonos compatriotas. Desembarcou à foz do ribeirão Garcia, em 2 de setembro de 1850, e dividiu a gleba em lotes para que os colonos pudessem edificar suas moradias, majoritariamente as casas foram feitas com a técnica *Enxaimel* ou *Fachwerk* (em alemão).

Hoje, Blumenau é o centro econômico do Vale do Itajaí, com destaque para as indústrias têxtil e informática – com empresas de porte nacional e internacional, como a Companhia Hering, 16º maior do estado catarinense, e a Haco que é a maior fabricante de etiquetas do mundo. Blumenau apresenta relevância regional no setor terciário, com destaque para o comércio e serviços, como saúde e educação, com a universidade de Blumenau e quatro hospitais.

Blumenau conta com um dos maiores índices de desenvolvimento humano do Brasil (0,806) no ano de 2010, data do último recenseamento. Foi eleita a terceira melhor cidade do país em 2022, no Anuário Istoé. A pesquisa realizada pela Austin Rating utiliza, como parâmetros, os indicadores econômico, social, digital e fiscal de todos os 5.565 municípios do

Brasil. Entretanto, apresenta problemas sociais em comum com o restante do Brasil, como a presença de 23.131 habitantes em favelas, o maior número de Santa Catarina em 2010.

Blumenau possui uma agenda cultural focalizada nas festas fundamentadas no cotidiano e hábitos dos imigrantes europeus, ressaltando a colonização alemã, como a Oktoberfest, a segunda maior festa de cerveja do mundo, que acontece em outubro, todos os anos, durante 17 dias. O núcleo italiano da população realiza a Festitália e diversas outras manifestações das culturas europeia e brasileira.

Segundo o IBGE cidades, em 2020, o salário médio mensal em Blumenau era de 2,8 salários mínimos. A proporção de pessoas ocupadas em relação à população total era de 44.7%. Na comparação com os outros municípios do estado, ocupava as posições 11 de 295 e 29 de 295, respectivamente. Já na comparação com cidades do país todo, ficava na posição 226 de 5570 e 108 de 5570, respectivamente. Podemos perceber que o índice de desemprego é baixo, o que se transforma em algo convidativo para a população ingaense. Considerando domicílios com rendimentos mensais de até meio salário mínimo por pessoa, tinha 20.6% da população nessas condições, o que o colocava na posição 270 de 295 dentre as cidades do estado, e na posição 5475 de 5570 dentre as cidades do Brasil.

Consoante a PNAD contínua de 2020, no estado de Santa Catarina a taxa de desocupação é de 3,8% de sua população. Em relação às taxas de desocupação por faixas etárias, a faixa etária de 14 a 17 anos é de 20,4%, a de 18 a 24 anos é de 6,9%, a de 25 a 39 anos é de 3,4%, a de 40 a 59 anos é 2,2% e a faixa etária de 60 anos ou mais é de 1,0%. A taxa de desocupação no 3º trimestre de 2022, por sexo: entre os homens, é de 3,0% e entre as mulheres, é de 4,7%.

Nos primeiros quatro meses de 2022, Blumenau foi a cidade que mais gerou empregos com carteira assinada em Santa Catarina, com 5.253 empregos gerados; já no estado de Santa Catarina foram 66.922 empregos gerados com carteira assinada. É o terceiro melhor do país, segundo o Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CAGED), do Governo Federal. Dos 295 municípios catarinenses, 250 registraram mais admissões do que demissões, representando 85% do total. O estado também apresenta a menor taxa de desemprego do Brasil, 4,5%, segundo o IBGE.

Segundo o Sine de Blumenau e a agência Recrutar, em 2022, no município de Blumenau, havia mais vagas disponíveis do que pessoas procurando, ou seja, mais vagas do que mão de obra. Essas médias de desocupação, qualidade de vida e a grande oferta de emprego com carteira assinada no estado de Santa Catarina, especialmente no município de Blumenau, são os principais fatores atrativos para os migrantes ingaenses. Esses indicadores se configuram

no principal motivo da migração, não apenas de pessoas provenientes do Ingá, mas também da microrregião de Itabaiana, do estado da Paraíba, do município de Lucena-PB e recentemente de paraenses de Belém do Pará e antigos migrantes que outrora migraram nas décadas passadas para o Rio de Janeiro e São Paulo.

Logo, o motivo principal das migrações ingaense para Santa Catarina, sobretudo para a cidade de Blumenau, é o econômico. Este espaço tem sido a oportunidade de maximização de ganhos, conseqüentemente a cultura do efeito manada, em que a população segue de forma pragmática o que está dando certo. Dessa forma, “os indivíduos decidem racionalmente pela migração, porque o cálculo do custo-benefício os leva a esperar um retorno final positivo, geralmente monetário, do movimento migratório” (DURAND; LUSSI, 2015, p. 78).

Portanto, Blumenau é uma área de atração populacional, por oferecer melhores condições de vida e, assim, os ingaenses têm se transferido para esta cidade com a perspectiva de encontrar condições dignas de sobrevivência, enquanto o município de Ingá tem se configurado enquanto uma área de repulsão populacional, pois não tem gerado empregos suficientes para toda a população, que, por esta razão, tem transitado para outras regiões do país, sobretudo Santa Catarina em busca de trabalho e renda. Vale destacar que as “áreas de atração são aquelas que oferecem melhores condições de vida para as pessoas – emprego, terras, maiores possibilidades econômicas e acabam “chamando” as populações que não tem essas condições onde moram” (MARTINS; VANALLI, 2018, p. 82).

Analisando as motivações declaradas pelos chefes de família desta pesquisa para justificar a migração em direção à Santa Catarina, com destaque para a cidade de Blumenau, verificamos que a busca por melhores empregos, salários ou oportunidades tiveram proeminência frente aos demais motivos. Outras variantes que surgiram como motivações para as migrações estão relacionadas ao aumento da violência no Ingá, melhoria da qualidade de vida e, por último, ao desejo de ficar próximo de familiares em Santa Catarina. Segundo Durand e Lussi (2015), ao pesquisar sobre a temática da migração, não se pode deixar de lado o contexto do mercado de trabalho, da oferta e da demanda.

Para Valim (2009), a migração como fenômeno social tem suas raízes no modelo capitalista de produção e se baseia na mobilidade do trabalho, atendendo, geralmente, aos interesses do capital, aprofundando o abismo entre o mundo da riqueza e o mundo da pobreza.

As migrações têm sido interpretadas como problemas ou soluções de uma conjuntura marcada pelas disparidades regionais e sociais. Segundo Scott (1995), do ponto de vista dos migrantes de origem do Nordeste brasileiro ou de outras áreas de emigração, enviar alguns membros de casa para outros locais faz parte da solução do problema de obter recursos em

contextos locais desfavoráveis. Os grupos domésticos brasileiros que têm elaborado estratégias migratórias inter-regionais têm frequentemente encontrado obstáculos que antes pareciam insuperáveis.

Para compreendermos as motivações das migrações, além das razões econômicas, questionamos aos migrantes por que Santa Catarina foi o estado escolhido para migrar, se alguém havia incentivado para esse processo de mobilidade populacional, se as redes sociais tiveram alguma influência nesta escolha e se eles mesmos haviam incentivado alguém ao processo migratório.

O migrante 2 respondeu que:

Eu tinha família no Rio de Janeiro e tinha o meu irmão aqui em Santa Catarina, mas só que no Rio de Janeiro tem a fama de favela, povo armado. Naquela época, meu irmão estava aqui e falando muito bem, falando que tinha muito emprego e vim pra Blumenau, cheguei em Blumenau aqui era tanto empregos, era a Coteminas precisando de 600 funcionários, a Companhia da Hering S.A. precisando de 500 funcionários, eles diziam, traga o seu irmão, traga o seu parente, traz o teu cachorro e gato, tinha carros de som anunciando, e no anúncio eles falavam “temos vagas e temos vagas” e a mão de obra não tinha naquela época, era muito emprego quando cheguei aqui, agora tá um pouco menos, agora pra quem quer trabalhar tem empregos sim ainda. Aí com isso, não fui pro Rio de Janeiro com violência, bala perdida, tive a opção de ir para o Rio de Janeiro e de vim pra cá, só fiquei um pouco com medo do frio, o primeiro ano o frio foi bem complicado, mas depois acostumei (O migrante 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Segundo o migrante 4:

Eu escolhi Santa Catarina obviamente porque já tinha parente por aqui, inclusive vim junto com a minha prima que já residia aqui, passou uns meses aí no Ingá e eu acabei vindo junto com ela. Então, já tinha uma pequena migração de pessoas do Nordeste e do Ingá pra cá, pra Blumenau, acabei sendo influenciado por essa escolha de vim e já ter parente por aqui. E com relação se eu já incentivei alguém a vim, eu sempre incentivei quem procura uma nova perspectiva de vida de procurar um lugar melhor pra sua família. Então o lugar que proporciona uma qualidade de vida um pouco melhor, não tem porque da pessoa ficar sofrendo, talvez em um lugar que não ofereça essa comodidade, às vezes acabei aconselhando, mas nunca trouxe ninguém pra dizer venha morar comigo, porque considero uma responsabilidade quando você convida alguém pra vim morar com você e tem uma incidência muito grande de pessoas abandonadas de pessoas que vem para morar com alguém e é rejeitado, não quero de jeito nenhum que a pessoa um dia estando comigo possa se sentir desse jeito. Mas, a minha maior influência em relação a isso é certamente a minha família que já estava por aqui (O migrante 4, entrevista concedida em agosto de 2022).

O município de Ingá apresenta defasagem em termos empregatícios, a população sem emprego vislumbra em outros municípios uma oportunidade de melhoria de vida. Diante desse contexto, não podemos restringir a mobilidade populacional às discussões meramente econômicas. A conjuntura da desigualdade econômica e social exerce influência nas migrações, colocando-se como fatores repulsivos e atrativos, contudo as redes migratórias direcionam os

lugares de destinos da maioria dos migrantes. Conforme os entrevistados, a tomada de decisão de migrar e a direção dos fluxos migratórios estão balizadas pelas redes de migrantes. Isso ocorre porque, ao “chegarem nas grandes cidades, os grupos de migrantes procuram um lugar onde já residem familiares, conhecidos, que os ajudam na informação necessária, inclusive, com recomendações para conseguir trabalho” (VALIM, 2009, p. 60).

“O conceito de redes de migrantes inclui todas as relações interpessoais entre migrantes, velhos migrantes e não-migrantes das áreas de origem e de destino ou até mesmo de outras regiões do mundo” (DURAND; LUSSI, 2015, p. 101-102).

A movimentação no espaço geográfico equivale a uma movimentação no espaço social, organizada a partir do grupo de relações primárias: família, parentes, vizinhança e amigos. É o grupo de relações primárias que acumula as informações necessárias para reduzir os riscos inerentes à migração, ajudando a adaptação na sociedade urbana e, ao mesmo tempo, faz com que o migrante não dissolva os seus laços com a região de origem (BRITO, 2009, p.11).

Conforme os entrevistados, informações ou garantias concernentes a emprego e renda são transmitidas pelos migrantes antigos, aqueles que se estabeleceram primeiro e, assim, iniciam convites a parentes e amigos que estão passando por dificuldades econômicas no município de Ingá.

Pela fala dos migrantes, podemos perceber a grande oferta de empregos em Santa Catarina, uma vez que os migrantes estabelecidos nos municípios catarinense, sobretudo em Blumenau, convidam seus parentes e amigos que permaneceram no Ingá para trabalharem, objetivando uma vida melhor. Vale destacar que muitas vezes são enviados pelas famílias para conhecer a “terra prometida” e quando estabilizado e ampliado o seu círculo de conhecimento e amizade, inicia a procura por empregos para os seus conhecidos que solicitam auxílio, como moradia e a garantia de um emprego. Na maioria das vezes, os migrantes saem do Ingá com empregos garantidos, mas há a uma ocorrência, muitas vezes, de não se concretização desses empregos.

Pelo relato de outros migrantes, mesmo os migrantes viajando com empregos “garantidos”, existem casos de contratemplos, em que alguns ficam desempregados durante o percurso para Santa Catarina, pois o empresário que apalavrou, por telefone, a contratação de determinado migrante desiste dela, deixando-o perdido e sem vínculo empregatício em uma cidade desconhecida. É desesperador para o migrante que vai para conhecer e sondar o lugar que provavelmente iria toda a família no futuro; nesta situação, é a família que permaneceu no Ingá, com os seus poucos recursos, que precisa arcar com os custos, enquanto o migrante procura emprego.

Por outro lado, comumente os migrantes são facilmente absorvidos no mercado de trabalho, como foi reiterado pelo migrante 1, quando afirma que migrantes ingaenses não têm dificuldade de encontrar empregos, apenas precisam de apontamentos de migrantes experientes do mercado de trabalho catarinense, sinalizando o melhor caminho para serem percorridos aos migrantes recém-chegados.

Conforme o migrante 4, há relatos de abandonos, de migrantes que saem com a ilusão de residir na casa de parentes ou amigos e, chegando a terras catarinenses, são desamparados pelas pessoas que os convidaram. Lamentavelmente, embora tenha ocorrências esporádicas, esse tipo de situação tem marcado negativamente as migrações ingaense. Para Durand e Lussi (2015), as redes migratórias são, de certa forma, extensão das redes de parentesco e incluem redes de amizade, de pertença ou qualquer outra forma de interesse, ou de necessidade, constituindo-se forma privilegiada de capital social dos migrantes e, concomitantemente, espaços de conflitos e de gestão de interesses.

De modo geral, as redes migratórias têm contribuído no direcionamento do fluxo populacional para Santa Catarina, “isto porque, na tomada de decisão de migrar, seriam os indivíduos coletivos e redes sociais de potenciais migrantes – famílias, domicílios, amigos, círculos de parentes, vizinhos, grupos étnicos, grupos religiosos, classes profissionais”. (OLIVEIRA, A. T. 2011, p, 16). Esse processo contribui com a alteração das correntes migratórias e mudanças de rumo dos migrantes ingaenses que historicamente migram para o eixo Rio-São Paulo em busca de emprego e renda.

Atualmente o estado de Santa Catarina (com destaque para a cidade de Blumenau) é o maior receptor de migrantes do município de Ingá, contribuindo para o arrefecimento das migrações do Ingá para o Sudeste. Sobre esse processo de mudança de destino dos migrantes nordestinos, podemos afirmar que:

Desde meados do século XX os nordestinos têm saído em busca de oportunidades no Centro Sul do Brasil, tendo São Paulo como principal destino. No entanto, no início do século XXI, há uma redistribuição espacial dos fluxos migratórios levando os nordestinos a outras regiões do país, principalmente para a região Sul do Brasil, mais especificamente para as cidades médias do Estado de Santa Catarina (CASSANIGA; ASSIS, 2021, p. 1).

O papel das redes migratórias no suporte e direcionamento dos fluxos migratórios tem sido relevante para a compreensão da mudança de rumo dos destinos dos migrantes ingaense. As redes migratórias colaboram para o destino do fluxo e a inserção do migrante no mercado de trabalho. Essas relações de sociabilidade cooperam para população decidir migrar para uma região que apresenta os melhores indicadores sociais e de expansão econômica do Brasil.

Também questionamos o roteiro percorrido pelos migrantes para chegar em Santa Catarina e quais foram os meios de transporte utilizados para efetuar esse traslado. O migrante 1 comentou que:

Eu vim de ônibus na época, viajei de Ingá até Campina Grande-PB, depois de Campina Grande-PB para São Paulo e de São Paulo tinha que pegar um ônibus pra Itajaí-SC e de Itajaí-SC pegar um ônibus de Blumenau. Só que esse caminho, nunca havia saído do Ingá. Quando cheguei em São Paulo, o mundo caiu e perguntei o que estava fazendo aqui, pra onde eu vou, o lugar é enorme e nunca havia visto um negócio daquele, a sorte é que encontrei um cara do Ingá, parece que foi Deus que enviou, o nome é dele é Dilécio, ele morava lá no Emboca, e ele me disse o que você está fazendo aqui, e falei que estava indo para Blumenau sozinho. Ele disse que também estava indo e ficasse perto dele que ele estava indo pra lá também. Quando vi ele e começou a falar comigo, deu aquele alívio, agora estou tranquilo, aí graças a Deus, ele ficou do meu lado ali e foi bem legal comigo. Ele foi me orientando e pra completar de tudo isso, o cara que iria me buscar na rodoviária de Blumenau, todos foram embora e meu amigo esqueceu de mim, já foi outro amigo meu que chegou lá e foi me buscar (O migrante 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Já o migrante 4 respondeu que:

Quando eu vim, eu vim de ônibus, veio eu e minha prima com a filha dela e um detalhe, eu trouxe a filha da minha prima com dez meses de idade no colo, inclusive vi ela essa semana e tá quase com 17 anos. Eu vim de ônibus até São Paulo, de Campina Grande a São Paulo, de São Paulo pra cá de ônibus também e um outro detalhe interessante é que quando cheguei em São Paulo pra vim pra cá o dinheiro acabou e a minha prima e o rapaz que estava vindo junto do Ingá também, completaram o dinheiro da passagem. Eu agora que voltei pra Blumenau, estou procurando ele que quero devolver o dinheiro, ele me ajudou e quero agradecer a ele. A gente não tinha experiência obviamente quanto a isso, mas foi uma coisa que me marcou muito, ele acabou me ajudando a pagar a passagem (O migrante 4, entrevista concedida em agosto de 2022).

O roteiro percorrido pelos migrantes em direção a Blumenau, utilizando o ônibus como meio de transporte, é geralmente saindo do Ingá em direção à rodoviária de Campina Grande-PB, da rodoviária de Campina Grande em direção à rodoviária de São Paulo e, posteriormente, à rodoviária de Blumenau.

Quando o meio de transporte é o avião, o roteiro é saindo do Ingá por terra, em direção ao aeroporto de Campina Grande-PB, João Pessoa-PB ou Recife-PE (na maioria das vezes, este é o aeroporto mais utilizado, por ter uma passagem mais barata); depois, de Campina Grande, João Pessoa ou Recife-PE até o aeroporto de Brasília; do aeroporto de Brasília até o aeroporto de Navegantes-SC; e de Navegantes-SC para a cidade de Blumenau. Agora tem a escala por Rio de Janeiro, São Paulo ou Curitiba-PR quando a passagem por Navegantes-SC está cara. E, por último, para os transportadores ingaenses, o roteiro é saindo do Ingá em direção a Blumenau, com paradas para descanso, alimentação e higiene. Vale destacar que são 3,517.00 km de viagem.



A viagem de ônibus dura em torno de três dias, mas pode durar um pouco mais, pois, quando se chega à rodoviária de São Paulo, pode esperar em média de 12 a 14 horas para pegar o ônibus até Blumenau. Blumenau, por ser uma cidade turística, conta com ônibus vindos de São Paulo, há inclusive cartazes na rodoviária de São Paulo indicando Blumenau como destino turístico. A viagem de avião dura em média, se for direto dos aeroportos citados para Navegantes-SC, em torno de três horas, contudo tem as escalas podem demorar um pouco mais. Por fim, a viagem com os transportadores dura em média de dois dias e meio a cinco dias.

O roteiro percorrido pelos migrantes ingaenses para Blumenau é marcado pela resiliência, pois se trata de uma longa e cansativa viagem, seja esta por intermédio de ônibus, transportadores ou até mesmo de avião com suas respectivas escalas e com os seus altos custos monetários empregados para utilizar esse meio de transporte. Quando a opção é viajar de ônibus ou com os transportadores, apesar de serem mais baratas, precisam passar três ou mais dias de viagem, parando para descansar, alimentar-se e realizar a higienização corporal e todas essas etapas têm um custo considerável. Todas essas adversidades durante o percurso são mitigadas pelo desejo de melhoria de vida.

Pelos relatos dos entrevistados, a saber os migrantes 1 e 4, podemos perceber o companheirismo existente entre os migrantes ingaenses que se ajudam mutuamente durante o traslado, seja por conselhos e conversas para que os migrantes se sintam à vontade ou mediante empréstimo, ou doação de dinheiro para alguns migrantes que viajam em direção a Blumenau e enxergam os poucos recursos que levam consigo se esgotarem ao longo do percurso.

Sobre a chegada nos migrantes nas rodoviárias, podemos afirmar que:

Sempre foi uma chegada sofrida às rodoviárias dessas cidades (quando não vinham em pau-de-arara, antigos caminhões muito desconfortáveis, uma verdadeira ofensa à dignidade humana) onde se sentiam perdidos e amedrontados. Atendendo muitas vezes ao chamado de parentes que já moram nas cidades grandes, chegam com sua miséria e ignorância. São motivo de mais exploração, ali mesmo, na própria rodoviária, onde os motoristas de táxi cobram-lhes preços absurdos para os levar ao seu destino (MARTINS; VANALLI, 2018, p. 63).

Comumente, temos relatos de migrantes, como o migrante 1, com o sentimento de desolação, por chegar em lugar que não conhecia e completamente perdido e receoso não apenas geograficamente, mas sobre os motivos que os levaram a sair da sua terra natal em direção a um lugar desconhecido. O lenitivo é quando se encontra com migrantes antigos que instruem e acalmam o pensamento aflito quanto às incertezas dessa viagem.

Conforme os migrantes 1 e 4, há relatos e exemplos de pessoas que são “esquecidas” nas rodoviárias, portanto, ficam completamente desamparados ao chegarem ao solo catarinense, ou seja, pessoas têm sido convidadas, contudo, não são acolhidas por “familiares” ou “amigos”.

O migrante 4 confirma que:

De fato existe uma ajuda mútua entre algumas pessoas, mas já encontrei algumas pessoas, amigos, pessoas conhecidas aqui que acabaram sendo abandonadas, procurando lugar pra ficar, procurando socorro e auxílio, pessoas que tiveram que recorrer as casas de apoio do município pra poder ficar algum tempo, porque Blumenau tem essas casas de apoio, aonde você pode dormir, tomar banho e sair pra trabalhar durante o dia, eles te dão isso durante um período de tempo de um a dois meses”. Inclusive nas igrejas que dirigi, que pastoreei, eu criei um grupo de pessoas, criei um trabalho chamado de café da integração, onde eu trazia essas pessoas que vinham de fora pra um momento de integração com elas e eu tinha um grupo que recolhia móveis usados pra poder doar pra essas pessoas pra quando elas chegavam de fora, inclusive eu tinha por exemplo, botijão de gás, realmente não dava, mas emprestava por um período de três meses pra pessoa trazer e depois emprestar pra outro (O migrante 4, entrevista concedida em agosto de 2022).

Para os migrantes abandonados e desprezados pelos “familiares” e “amigos” em Blumenau, o município disponibiliza de casas de apoio para poderem ficar um tempo, onde podem dormir e tomar banho durante um período de dois meses. Há também iniciativas de trabalho social de comunidades religiosas para mitigar esse dilema enfrentado por alguns migrantes, recepcionando-os e instruindo-os acerca do mercado de trabalho blumenauense, recebendo, por empréstimo, doações de móveis usados para depois emprestarem a outros migrantes que estiverem atravessando situação semelhante.

Questionamos aos migrantes se quando migraram foram para casa de algum parente ou conhecido, se existe a facilidade para o aluguel de imóveis e especialmente se esses imóveis ficam próximo ou distante de seus trabalhos.

Segundo o migrante 1:

Hoje está um pouco mais difícil, quando cheguei aqui em Blumenau era bem mais fácil. Em questão de aluguel era bem mais tranquilo, só que por causa de alguns acontecimentos de pessoas acabar desgastando as casas e quitinetes, hoje ficou um pouco mais restrito, só com pessoas conhecidas mesmo pra fazer um contrato se responsabilizando pelos danos, pois existem pessoas que ficam devendo energia, água e trazem prejuízo para o dono. Hoje em dia está um pouco complicado, mas tu encontra, só que pra tu encontrar um lugarzinho bacana pra morar, ficar sossegado é um pouco difícil. Em relação da distância da minha casa para o meu trabalho, hoje eu moro a 10 minutos do meu trabalho, andando a pé. Quando migrei fui para a casa de um conhecido, na verdade a gente nem tinha se mudado ainda, fui para uma quitinete que era apenas para uma pessoa e por azar nosso na primeira noite que passei na quitinete do meu amigo a dona viu, aí a dona foi lá e falou um monte de coisa que não podia, que o aluguel só era apenas para uma pessoa, mas ela não sabia que era apenas por aquela noite ali que iria passar na quitinete e no outro dia a gente já iria para outro lugar que a gente já tinha alugado que era um lugar maior, mesmo assim, deu dor de cabeça ainda, a inquilina não queria deixar eu dormir lá, precisando dormir escondido pra ela não saber. No outro dia de manhã a gente saiu fora, a gente já tinha uma

quitinete alugada, naquela época era mais fácil, conseguimos alugar uma quitinete para duas pessoas, a gente acabou se mudando (O migrante 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

De acordo com o migrante 4:

Quando migrei pra cá, vim para a casa da minha prima e da família dela, então eles já tinham uma casa alugada, acabei vindo morar junto com eles. Quando eu vim na época era um pouco mais fácil de você alugar, o aluguel era mais acessível, os aluguéis hoje são bem caros, saindo bem fora da realidade, se não for você e a esposa pra trabalhar, dificilmente vai conseguir sobreviver, porque os aluguéis estão muito caros, geralmente hoje os aluguéis mais baratos estão na periferia da cidade, nos bairros mais distantes e isso, acaba dificultando um pouco a locomoção, geralmente que é feita através de ônibus, alguns de bicicleta, mas é um pouco longe. Quando eu cheguei o pessoal do Nordeste se concentrava mais na área do centro e mais no bairro Garcia, aonde tem uma empresa muito grande, mas hoje estão muito na periferia da cidade, já por conta dessa dificuldade de pagar aluguel nas áreas mais centrais, só que a maioria trabalha nos comércios centrais, isso acaba dificultando bastante a locomoção deles pra eles poderem chegar ao trabalho, complicado e o preço da gasolina hoje, as passagens de ônibus cada vez mais cara, está bem difícil. Então a maioria deles acabam utilizando bicicletas para se locomoverem ao trabalho, por fim, quando eu cheguei tive uma facilidade que o dono da empresa onde eu trabalhava era o presidente da associação de pró ciclovias, então ele incentivava muito as pessoas andarem de bicicletas e dava uma bicicleta pra todos os funcionários e era uma bicicleta muito boa e com isso a gente acabou tendo essa facilidade, assim me locomovia de bicicleta também (O migrante 4, entrevista concedida em agosto de 2022).

A maioria dos entrevistados respondeu que precisou de suporte de moradia de seus familiares ou amigos quando realizaram a migração para Santa Catarina. Geralmente, os migrantes que estão vivendo em Santa Catarina convidam os seus familiares ou amigos que ainda residem no município de Ingá para se mudarem do município para o estado de Santa Catarina, essa proposta é sempre acompanhada com a indicação e garantia de empregos e posteriormente oferecem suas residências para acomodarem os migrantes ingaenses. Vale ressaltar que muitos residentes do município de Ingá, procurando trabalho, solicitam aos migrantes que estão vivendo em Santa Catarina indicações de empregos.

Quando a migração é concretizada, migrantes passam a dividir os custos de moradia em Santa Catarina, como aluguel, feira básica, gás, água, luz etc., até o migrante recém-chegado se estabelecer e adquirir estabilidade financeira. Estabilizado e familiarizado com o cotidiano catarinense, comumente os migrantes que se firmaram têm a decisão de continuar na casa da pessoa que o convidou ou procurar outro imóvel, casa ou quitinete, para morar sozinho ou com outras pessoas. Quando a escolha é morar com outras pessoas, o objetivo é dividir despesas.

Na maioria das vezes, esses migrantes, quando consolidados do ponto de vista financeiro, convidam outros familiares ou amigos para Santa Catarina, desencadeando uma migração considerável para a região Sul.

Sobre a facilidade ou dificuldade para o aluguel de imóveis em Santa Catarina, os migrantes 1 e 4 ponderaram sobre a recente dificuldade de os migrantes conseguirem alugar um imóvel. Esse processo ocorre em virtude de alguns inquilinos ingaenses danificarem e não terem os devidos cuidados com o lugar, e, ao devolverem os imóveis, deixam um legado de dívidas nos aluguéis, água, luz e internet. Em alguns casos, conforme citado anteriormente pelo migrante 1, as casas ou quitinetes têm uma limitação quanto aos números de pessoas; quando excede esse limite, os migrantes precisam pagar um valor mais elevado, e, quando não há acordos, os migrantes precisam procurar outro imóvel para alugar.

Assim, muitos locadores não alugam mais para nordestinos, principalmente ingaenses que eles não têm conhecimento acerca de sua índole. Os locadores catarinenses alugam seus imóveis apenas quando algum migrante conhecido se responsabiliza pelos prejuízos e pelas dívidas que ocasionalmente os migrantes podem deixar ao proprietário. Os primeiros migrantes afirmam que no passado era bem mais fácil o aluguel de imóveis, tendo em vista que os nordestinos e principalmente os ingaenses eram vistos como pessoas trabalhadoras, honestas, responsáveis e ainda não havia ocorrido esses fatos lamentáveis que têm, de certa forma, maculado a imagem de ingaenses perante os locadores catarinenses.

Segundo a migrante 23, os preços dos aluguéis são normalmente os seguintes: “uma quitinete mobiliada para uma pessoa ou para um casal, o aluguel é torno de R\$ 600 a R\$ 800 e uma casa com dois quartos mobiliados, dependendo do lugar, é no valor de R\$ 1.200 a 1.400, dependendo da casa em lugar nem tão bom” (Migrante 23, entrevista concedida em agosto de 2022). Assim, os aluguéis são considerados altos para a realidade dos migrantes, pois não é somente o aluguel, existem outras despesas como internet, água, luz, alimentação, etc., comprometendo o orçamento familiar, se não tiver um emprego com bom salário e se duas pessoas, neste caso, um casal, não trabalharem, ficará muito difícil de manter um padrão de vida de qualidade.

Segundo 91% dos migrantes entrevistados, o lugar de residência é relativamente próximo ao local de trabalho, muitos andam a pé ou preferem ir de bicicleta para o local de trabalho. Contudo, o migrante 4 fez uma análise interessante acerca da especulação imobiliária, relatando que muitos migrantes ingaenses alugam os imóveis em locais cada vez mais distante do centro, ou seja, na periferia, pois os preços dos aluguéis dos imóveis são mais baratos, diferentemente do que acontecia no passado, em que muitos migrantes ingaenses residiam no centro da cidade de Blumenau. Segundo Martins e Vanalli (2018), não podendo de maneira nenhuma pagar os altíssimos aluguéis de uma casa no centro da cidade, ao migrante e sua família resta morar na periferia.

A locomoção desses locais periféricos até o local de trabalho é realizada via ônibus ou de bicicleta, entretanto é um percurso considerado longo até ao centro da cidade para ir de bicicleta. Também foi ressaltado pelos migrantes ingaenses, ao longo das entrevistas, o valor cobrado nos aluguéis de imóveis em áreas consideradas valorizadas em Santa Catarina, um valor inacessível para a maioria dos migrantes, sendo o principal motivo de muitos optarem pela periferia da cidade. Foi ressaltada, então, a dificuldade de se conseguir sobreviver sozinho em solo catarinense, sendo imprescindível a divisão das despesas com familiares ou amigos. Como o valor do aluguel está inflacionado nos últimos anos, é possível perceber a necessidade de a família praticamente inteira trabalhar para arcar com as despesas.

Interrogamos os migrantes sobre os imóveis serem mobiliados ou se precisavam comprar a mobília no momento em que se aluga a casa ou a quitinete. Segundo o migrante 17:

Depende, tem lugares que eles alugam mobiliado, uma quitinete mobiliada tu vai pagar R\$ 800 reais e sem mobília tu vai pagar R\$ 600 reais, uma quitinete com quarto, cozinha, uma salinha e banheiro, uma coisa pequena. Eles limitam a quantidade de pessoas e cada pessoa que entra, eles aumentam o aluguel, eu não faço isso, porque acho que é minha cultura que não permite isso, tinha uma família na minha casa que a mulher tinha 4 filhos, daqui a pouco já foi morar uma nora lá dentro, aí a vizinha veio me falar que foi morar uma nora do filho da mulher lá dentro também, aí eu disse a senhora que se ela está pagando a água, a energia e o aluguel em dia, ela bota 20 pessoas lá, mas o pessoal daqui aumentam, pois as pessoas que entram elas querem aumentar, tipo uma taxa a cada uma pessoa que entra a mais. (O migrante 17, entrevista concedida em agosto de 2022).

Para os migrantes entrevistados é muito relativa essa questão, pois na mesma proporção que há imóveis mobiliados, também existem os que não são mobiliados, a única diferença é o valor cobrado, geralmente os imóveis mobiliados são mais caros. As casas, por serem imóveis mais amplos, são mais valorizadas, já as quitinetes, por serem imóveis menores, apresentam um melhor custo-benefício para os migrantes recém-chegados. De acordo com os entrevistados, na proporção do tempo de permanência dos migrantes, a maioria dos migrantes deseja um espaço para melhor acomodar os seus familiares, optando dessa forma pelas casas.

As quitinetes apresentam espaços menores, são constituídas apenas de um quarto, sala, cozinha e banheiro. Um espaço pequeno, contudo, suficiente para famílias pequenas. Conforme foi supracitado, existe um limite do número de pessoas para o aluguel desses imóveis, e, para cada pessoa que entra a mais além do limite, é corrigido o preço do aluguel.

A maioria dos migrantes afirmou que, apesar de ser mais caro o preço dos imóveis com mobília, estes têm uma procura significativa, pois muitos migrantes que não têm o desejo de morar definitivamente em Santa Catarina, não querem investir o seu dinheiro em mobília, uma vez que levar a mudança inteira para o Ingá pode ser um pouco caro, e, se optarem por vender,

provavelmente sairá por um valor muito barato. Os objetivos de vida destes é trabalhar e conquistar uma soma considerável de capital para poderem abrir seus próprios negócios no Ingá.

Questionamos os migrantes se eles possuem imóveis em Santa Catarina e a respectiva localidade. Assim sendo, nos deparamos com realidades distintas, migrantes que já conseguiram o sonho da casa própria e migrantes que ainda não conseguiram materializar esse objetivo de vida, comum à maioria dos migrantes que desejam permanecer em Santa Catarina.

Cerca de 69% dos entrevistados ainda não conseguiram realizar o sonho da casa própria em Santa Catarina, um dos motivos alegados é valor dos imóveis que são caros, até em locais mais afastados dos centros das cidades catarinenses; outro motivo declarado é que muitos não desejam permanecer por toda a vida em solo catarinense. Alguns dos entrevistados afirmaram que, apesar de não possuírem a casa própria, têm terrenos e em breve almejam construir ou aguardar a valorização para vendê-los e utilizar o valor desses terrenos para pagar a entrada da casa própria e financiar o restante do valor.

Os outros 31% dos entrevistados afirmaram ter casa própria em Santa Catarina. A questão de adquirir imóveis está relacionada ao tempo de permanência do migrante e à sua ascensão pessoal e profissional; esses fatores corroboram a criação de raízes em Santa Catarina, possibilitando a necessidade e o desejo de habitar permanentemente neste estado. A materialização do sonho da casa própria é motivo de alegria para os migrantes, alguns deles têm mais de um imóvel em Santa Catarina. Essas realizações produzem nos migrantes o sentimento de resiliência e superação em meio a tantas adversidades que passaram ao longo de sua trajetória migracional.

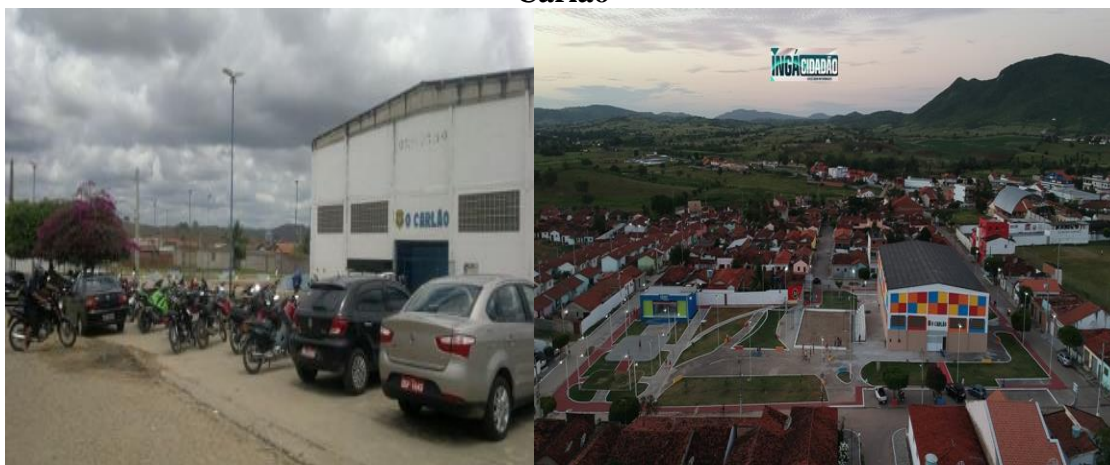
Questionamos os migrantes se eles têm algum imóvel no Ingá e se esses imóveis foram adquiridos quando residiam no Ingá ou em Santa Catarina, e também examinamos a localidade desses imóveis no Ingá. Aproximadamente 43% dos entrevistados afirmaram que não possuem terrenos e nem casas no Ingá, o principal motivo é que esses migrantes não têm interesse em retornar para o Ingá definitivamente. Segundo os entrevistados, as razões estão relacionadas à baixa qualidade de vida, à falta de emprego e renda, e, por último, à falta de segurança.

Cerca de 57% dos entrevistados afirmaram que possuem terrenos no Ingá, mas poucos possuíam casas no município de Ingá. Migrantes têm comprado terrenos no município de Ingá objetivando um dia retornar e, por conseguinte, aguardar a sua valorização para posteriormente vendê-los. Como os terrenos do Ingá são mais baratos em comparação aos de Santa Catarina, muitos desses entrevistados enxergam como uma oportunidade de investimento, investindo mais no Ingá do que em Santa Catarina.

Essa iniciativa contribui com a expansão urbana da cidade do Ingá, pois muitos terrenos são vendidos a migrantes que estão residindo em Santa Catarina. Logo, assistimos a uma constante horizontalização da cidade, pois inúmeros bairros e loteamentos, a exemplo de Ananias, Cidade Nova, Estilo de Vida e Boa Vista 2 têm surgido nos últimos anos. Os limites urbanos, definidos há aproximadamente 10 anos, estão ultrapassados para o presente momento; sabemos que esses limites ou configurações não são permanentes, entretanto, apresentam referenciais consideráveis para entendermos o espraiamento da cidade ao longo do tempo, já chegando próximo até mesmo de se conurbar com áreas rurais, como o Bairro de Ananias e o sítio de Quixelô.

Mesmo a urbanização desta cidade sendo tardia, ela apresenta um caráter contínuo, reflexo disso é o rápido surgimento de novos bairros e loteamentos. Esses lotes são vendidos por empresários ou empresas imobiliárias à vista, ou de forma parcelada – essa facilidade de aquisição contribui com a horizontalização da cidade do Ingá. Alguns residentes com mais condições financeiras têm comprado esses terrenos com objetivos de moradia no futuro ou, como já foi explicitado, compram com a esperança de valorização. Migrantes ingaenses que estão em outros lugares do Brasil, especialmente em Santa Catarina, têm adquirido esses terrenos com a perspectiva de um dia retornar e assim estabelecer residência, e, quando não anseiam mais retornar, vendem os seus terrenos ou casas, contribuindo com a especulação imobiliária e ampliação da malha urbana do Ingá.

**Figura 3 – Imagens panorâmicas do bairro Ananias com destaque para o ginásio o Carlão**



Fonte: Ingá Cidadão (2018).

Em pouco anos, esses novos bairros e loteamentos foram sendo ocupados sem uma infraestrutura adequada. Na imagem acima, podemos perceber o processo de ocupação de uma

área, outrora, predominantemente natural, mas que foi sendo gradativamente ocupadas pela população ingaense. Assim, o meio natural tem sido substituído por uma paisagem mais humanizada.

**Figura 4 – Fotos de parte da zona urbana de Ingá de 2009 e 2022**



Fonte: Rui da Silva Barbosa (2009, 2022).

Na figura 04, observamos a comparação ao longo de 13 anos do crescimento urbano de Ingá, especialmente o bairro de Hardeman, que vem se horizontalizando e está relativamente próximo de se conurbar com o bairro da Senzala.

**Figura 5 – Loteamentos Cidade Nova, Estilo de Vida e Boa Vista 2**



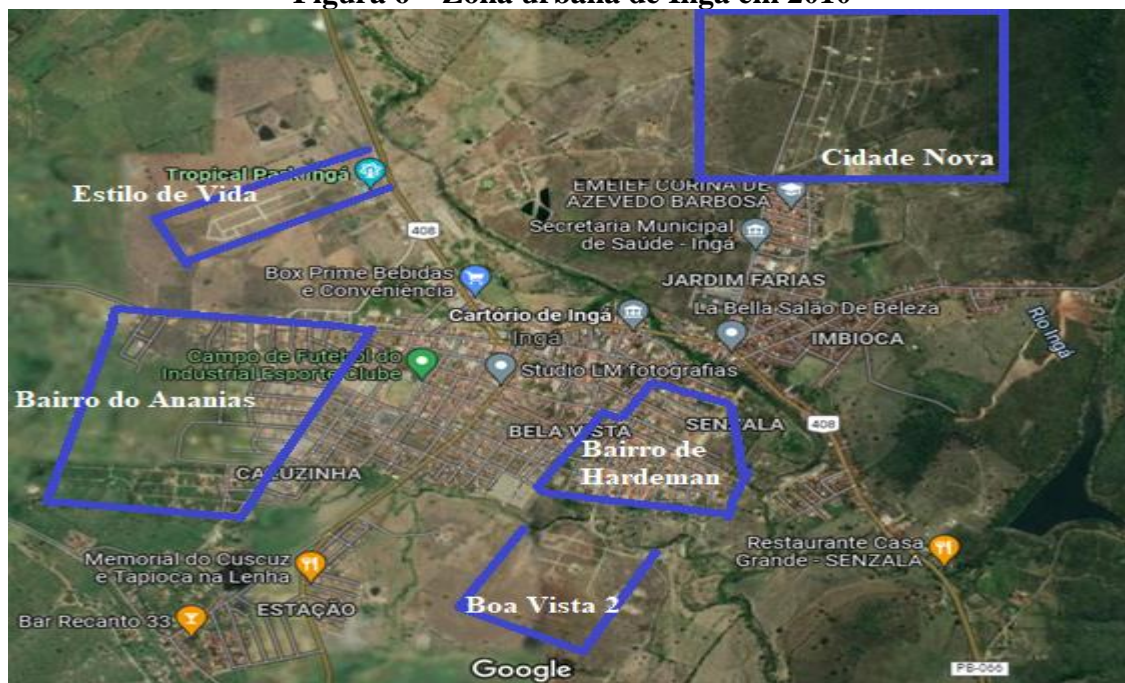
Fonte: Rui da Silva Barbosa (2013) e Sérgio Morais (2016).

A figura 05 refere-se aos loteamentos Cidade Nova, Estilo de Vida e Boa Vista 2, respectivamente. Esses loteamentos revelam o crescimento horizontal da cidade de Ingá ao



longo dos anos. Existem outros loteamentos que não adicionamos em nossa pesquisa, no entanto, esses supracitados demonstram claramente que a cidade se expandiu e a venda de lotes tem se tornado um negócio lucrativo, tendo em vista a grande procura e facilidade de pagamento, e especialmente a necessidade de moradia.

**Figura 6 – Zona urbana de Ingá em 2010**



Fonte: Google Maps (2010).

A figura 06 revela o quanto a cidade se espalhou, em poucos anos, abriram cinco loteamentos localizados na zona urbana de Ingá, a saber o Loteamento de Hardeman, Loteamento Ananias, Loteamento Cidade Nova, Loteamento Estilo de Vida e Loteamento Boa Vista 2. Vale destacar nas imagens acima que o Bairro de Hardeman está praticamente se conurbando com o bairro da Senzala e com o Boa Vista 2. Já o loteamento de Ananias está a poucos quilômetros de se conurbar com a zona rural denominada de Quixelô.

Indagamos os migrantes sobre o custo de vida em Santa Catarina e se a migração é compensatória. De acordo com a migrante 29:

Eu acho que é o mesmo custo de vida, tirando o aluguel, porque se a gente se tivesse trabalho no Ingá ganhando um salário mínimo pra a gente seria a mesma coisa que pagamos o aluguel, então se colocar na balança é igual. O que falta hoje no Ingá é emprego porque em questão de custo de vida aqui é a mesma coisa daí, olhe lá se não tiver as coisas mais baratas aqui do que aí. Eu penso assim, aqui pelo menos a gente tem um trabalho, tem como conseguir comprar, muitas das vezes no Ingá tem pessoas que não tem trabalho, então fica difícil de ir aí querer comprar alguma coisa sem poder (A migrante 29, entrevista concedida em agosto de 2022).

O migrante 29 concorda que:

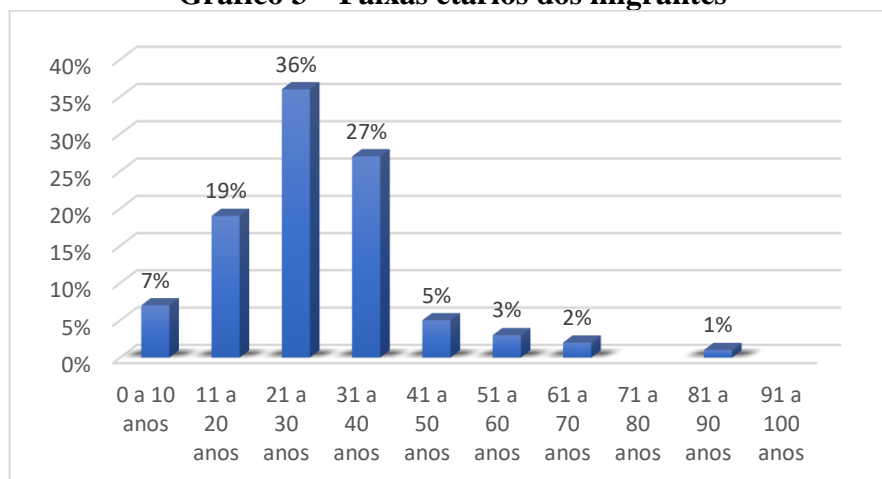
Se colocar na ponta do lápis, se tu não tem nada aí, tu está ganhando um salário aqui, embora que pague um aluguel alto, alguma coisa sobra R\$ 200,00 ou R\$ 300,00 reais. Acho que é melhor aqui, tu tendo o teu emprego e carteira assinada, quando um dia tu se aposentar, só que esta lei trabalhista a gente não consegue se aposentar mais. Um exemplo, se eu tivesse na Paraíba sem emprego aí, é melhor aqui porque está trabalhando, tendo o teu dinheiro, tua dignidade, porque aí você está sem emprego (O migrante 29, entrevista concedida em agosto de 2022).

Neste quesito, os migrantes chegaram à conclusão de que o aluguel de imóveis é o principal fator para o encarecimento do custo de vida em Santa Catarina, mas, em termos comparativos de consumo de mercadorias e serviços, são semelhantes em ambas as regiões.

Os migrantes apontaram que a migração para Santa Catarina é compensatória, pois, se tivessem permanecidos no Ingá, estariam provavelmente desempregados ou sobrevivendo de empregos provisórios, ou intermitentes; em um melhor cenário, trabalhariam em outras cidades para garantir o sustento de suas famílias. Dessa maneira, compreendem que, apesar das dificuldades enfrentadas como migrantes, hoje têm um padrão de vida de qualidade com educação, saúde, segurança, emprego e renda acima da média nacional.

Alguns migrantes ponderaram sobre o estilo de consumo catarinense que, se adotado pelos migrantes, acarretará o encarecimento do custo de vida em Santa Catarina, esse estilo de vida consiste em sair constantemente para restaurantes, shopping centers, lanchonetes, etc. – para manter um determinado padrão de vida, é necessário ganhar um bom salário ou ter mais de um emprego, algo bastante comum entre os migrantes.

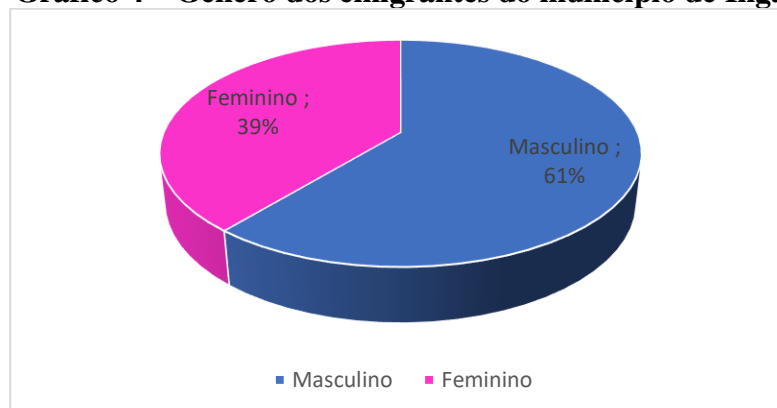
Sobre perfil, escolaridade e profissões dos migrantes, questionamos a idade e os gêneros deles e dos seus familiares quando migraram para Santa Catarina. Esses conjuntos de fatores, estagnação econômica, desemprego e insegurança financeira fazem da população economicamente ativa, sobretudo das classes mais jovens do município de Ingá, uma presa fácil à atração dos grandes polos comerciais e industriais, especialmente daqueles localizados na Região Centro-Sul do país, definindo e moldando o comportamento da população quanto à mobilidade no espaço geoeconômico (Gráfico 3).

**Gráfico 3 – Faixas etárias dos migrantes**

Fonte: Dados da pesquisa de campo (agosto/2022).

O gráfico acima representa a disparidade da idade produtiva sobre as demais, levando a crer que o município de Ingá, como a maioria das localidades interioranas do estado da Paraíba, perde boa parte de seus jovens.

Quanto ao gênero das pessoas que migram, podemos observar uma tendência forte da presença feminina que, em outros tempos, era pouco representada (Gráfico 4). Segundo Jannuzzi (2000), por questão de força de normatizações presentes na sociedade, que culturalmente afirmam sobre os papéis pertinentes ao homem e à mulher na família e sociedade, os indivíduos jovens, homens e chefes de família se veem compelidos a ingressar mais ativamente no mercado de trabalho do que as mulheres. Sob outro enfoque, em um contexto de liberalização cada vez mais crescente dessas normas e dos novos arranjos nas relações de gênero, a disseminação de padrões de comportamento “modernos” ou aspirações de consumo contribui para a oferta crescente de trabalho por parte das mulheres.

**Gráfico 4 – Gênero dos emigrantes do município de Ingá**

Fonte: Dados da pesquisa de campo (agosto/2022).

Historicamente, a migração era mais praticada pelos homens, no Brasil. Constituindo a força de trabalho principal, estes migravam para outras terras onde houvesse empregos, deixando a sua família no seu lugar de origem. Uma vez que migrassem, trabalhavam, temporariamente, para manter a família, e, às vezes, constituíam novas famílias no seu lugar de trabalho. Os migrantes entrevistados revelaram que 61% da mobilidade populacional para Santa Catarina foi constituída de homens, e que as normas socioculturais ainda vigentes e as estratégias de sobrevivência familiar auxiliam na explicação dessa predominância. Contudo, a presença de 39% de migração feminina revela uma nova tendência demográfica, sobretudo reflexo da intensa inserção da mulher no mercado de trabalho na atualidade.

Para Jannuzzi (2000), assistimos a uma ampliação das oportunidades ocupacionais das mulheres no mercado de trabalho nos últimos 30 anos, movimento introduzido por uma série de motivos, como mudanças socioculturais, queda da fecundidade, terceirização da estrutura ocupacional, aumento da oferta de empregos em tempo parcial e necessidade de complementação da renda familiar.

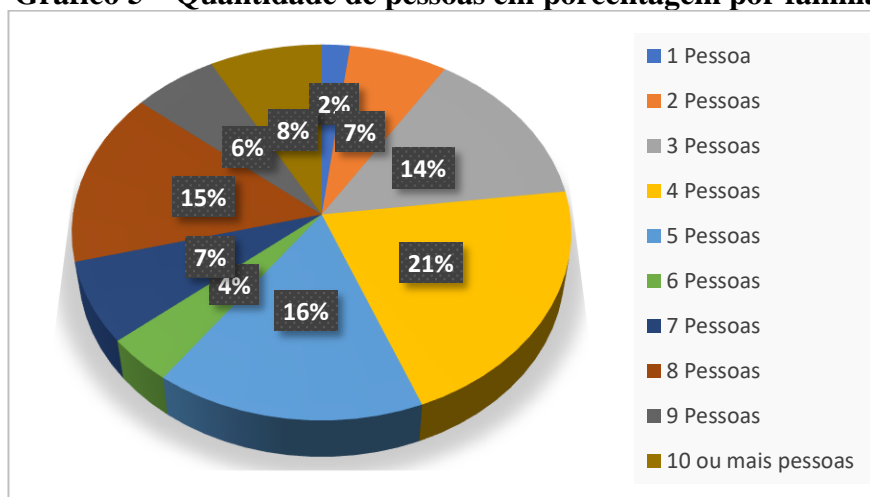
Perguntamos a quantidade de pessoas da família migrante que haviam migrado, as suas faixas etárias e os níveis de escolaridade. Segundo o migrante 1:

Em vim primeiro, depois veio minha esposa tinha 27 anos, tinha o meu filho que tinha 3 anos na época e minha filha que tinha quase 2 anos. Há 6 anos atrás, também vieram a minha irmã que tinha 24 anos e minha mãe com 46 ou era 48 anos”. Eu, minha esposa, minha mãe e minha irmã, saímos com o Ensino Médio completo e as crianças, estavam na creche (O migrante 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Esse relato retrata bem sobre as migrações de ingaenses, em que geralmente um membro da família migra primeiro, conhece e se estabiliza financeiramente, por conseguinte, inicia o processo de convites para seus respectivos familiares que permaneceram na terra de origem; assim, famílias (praticamente) inteiras têm decidido se transferir para Santa Catarina.

Entrevistamos 50 chefes de famílias que estão residindo em Santa Catarina e famílias que retornaram para o Ingá, no período do mês de agosto do ano de 2022. Essas famílias revelaram dados de 258 migrantes (somando o entrevistado e os seus parentes), uma média de 5,16 pessoas por família.

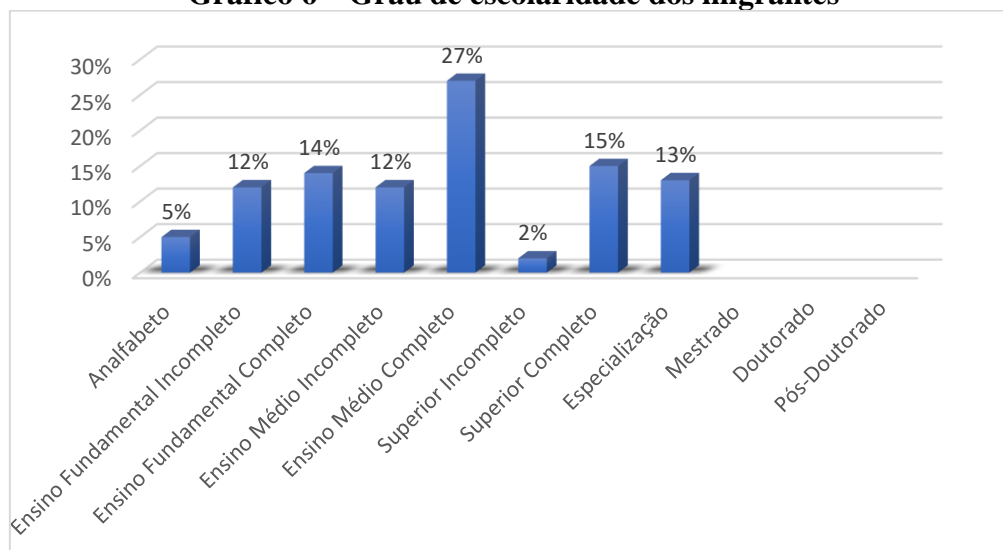
A migração no município de Ingá é bem distribuída, conforme os dados da pesquisa que podemos ver abaixo (Gráfico 5). Com relação ao número de migrantes por família temos:

**Gráfico 5 – Quantidade de pessoas em porcentagem por família**

Fonte: Dados da pesquisa de campo (agosto/2022).

O gráfico revela a grande quantidade de famílias acima de quatro pessoas migrantes, que vem do fato de as pessoas irem se estabelecendo primeiro e depois trazendo seus parentes mais próximos e até de fora do núcleo familiar, como primos e tios. As famílias vêm migrando de forma bastante mista, de apenas uma pessoa a até dez pessoas, revelando que a procura por novas oportunidades não atinge apenas um indivíduo, mas atinge pessoas de vários relacionamentos e vínculos.

Em relação aos níveis de escolaridade dos migrantes em Santa Catarina, as entrevistas revelaram que as primeiras levas migratórias (1992 até 2002) para o estado, majoritariamente, eram constituídas por migrantes com baixo nível de instrução. Esse processo decorre em virtude do contexto histórico nordestino daquele período, marcado por baixas taxas de escolaridade, e outro fator que ainda persiste em menor escala é a grande oferta de empregos considerados “pesados” ou, pelos menos, mais braçais, que não exigem escolaridade para o seu ingresso. Estes possuem salários considerados mais baixos e, de certa forma, acabavam sendo rejeitados pelos catarinenses (Gráfico 6).

**Gráfico 6 – Grau de escolaridade dos migrantes**

Fonte: Dados da pesquisa de campo (agosto/2022).

Portanto, existe uma intrínseca relação entre trabalhos considerados “pesados”, com uma remuneração menor, e faixas etárias, pois parte dos migrantes que se deslocam são jovens que praticamente ainda estão concluindo o Ensino Médio e, por último, grandes ofertas de emprego nessas áreas que não são consideradas muito atrativas aos catarinenses. “Os migrantes refletem, em boa medida, as características sociodemográficas e ocupacionais de suas áreas de origem, o que lhes confere maior ou menor facilidade de engajamento ou progressão no mercado de trabalho” (JANNUZZI, 2000, p.143).

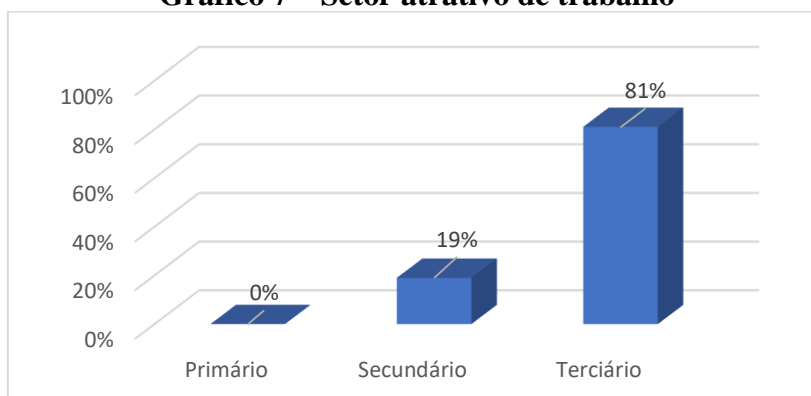
No contexto mais recente, as empresas têm se tornado mais exigentes, com pré-requisitos para ingressar no mercado de trabalho catarinense, e, em contrapartida, os migrantes, vislumbrando melhores empregos, têm aguardado concluir o Ensino Médio para migrarem para Santa Catarina.

Segundo Jannuzzi (2000), outro aspecto que auxilia na explicação de elevadas cifras de mobilidade ascendente dos mais jovens é o “credencialismo educacional”, cada vez mais crescente no mercado de trabalho, que tende a criar obstáculos para contratação e ascensão profissional dos menos escolarizados.

“Eu tinha o ensino médio incompleto e terminei aqui, fiz um supletivo aqui em Santa Catarina. Aqui eu fiz alguns cursos de qualificação e uma faculdade de Gastronomia” (O migrante 35, entrevista concedida em agosto de 2022). Essa fala tem sido a realidade de muitos migrantes ao se fixarem em Santa Catarina, que, almejando melhores oportunidades de emprego e renda, têm buscado se qualificar e, por esta razão, continuam os seus estudos, concluindo o Ensino Médio e fazendo graduações e pós-graduações em Santa Catarina.

Investigamos, com os entrevistados, os setores da economia que os migrantes trabalham, se trabalham em mais de um emprego e se esses empregos são de carteira assinada. No que se refere aos setores que atraem a força de trabalho ingaense, não tivemos destaque para o setor primário, constituído pela agricultura e pecuária, concluindo que os migrantes tendem a ser atraídos predominantemente pelas funções urbanas (Gráfico 7).

**Gráfico 7 – Setor atrativo de trabalho**



Fonte: Dados da pesquisa de campo (agosto/2022).

A migração ocorre, sobretudo, para as zonas urbanas dos municípios do estado de Santa Catarina, a exemplo da cidade de Blumenau, que recebe migrantes ingaenses, atraídos principalmente pelo setor produtivo de comércio e serviços. De acordo com Jannuzzi (2000, p.108), “entre 1990 e 1993, a indústria e sobretudo a agropecuária foram perdendo participação como principais setores de ocupação de mão-de-obra, cedendo espaço para aumento das parcelas relativas de todos os demais setores em especial para prestação de serviços”.

A migração em si não tem só um elemento repulsivo, mas também os atrativos, pois, em um lugar distante, com toda diferença regional, é difícil acreditar em migração por escolha repentina, é elementar que, nesse novo contexto, os elementos de atração são cruciais na decisão do indivíduo migrar. Dessa forma, os setores econômicos catarinenses que têm mais atraído e geram mais oportunidades de emprego e renda são o secundário (com destaque para a indústria têxtil e metalúrgica) e, principalmente, o terciário.

Para os entrevistados, o setor de comércio e serviços, sobretudo lanchonetes, supermercados e restaurantes, constituíram os empregos que mais atraem os ingaenses para o mercado de trabalho catarinense. Alguns migrantes, enraizados há mais tempo, trabalham por conta própria, através de seus próprios empreendimentos, profissões aprendidas em Santa Catarina. Outros trabalham na educação como docentes de escolas de Ensino Fundamental e Médio do estado. E, por último, alguns são pastores em igrejas evangélicas.

Com a superação das dificuldades iniciais de adaptação para aqueles que efetivamente conseguiram permanecer na sociedade de destino e sair da desocupação, houve um aumento da parcela de mão-de-obra nos demais setores de serviços.

Sobre a questão de ter mais de um emprego e se os empregos são com carteira assinada, o migrante 36 relata que:

Trabalho como cozinheiro com carteira assinada, trabalho só em um horário agora, mas antes trabalhei por muito tempo da minha vida por 8 ou 10 anos em dois horários, de manhã e de tarde, mas hoje graças a Deus, estou só em um horário. O segundo trabalho que é a renda extra é uma ilusão, pois quanto mais a gente ganha, mais a gente gasta, naquela época não tinha a mente que eu tenho hoje, ganhava muito bem, só que torrava tudo, gastava comprando coisas desnecessárias (O migrante 36, entrevista concedida em agosto de 2022).

Esse depoimento retrata a realidade da maioria dos migrantes que tem mais de um vínculo empregatício, alegando que a sua ida para Santa Catarina não é com a finalidade de divertimento ou lazer, mas para trabalhar. Assim sendo, dedicam-se a mais de um serviço, conciliando os horários com suas respectivas jornadas de trabalho. Muitos se lamentam por ter uma mentalidade imatura no início de suas migrações, por gastar ou investir dinheiro em coisas supérfluas e passageiras, esquecendo-se de suas verdadeiras prioridades que inicialmente são a sobrevivência e a ascensão social, e, por último, ajudar seus familiares que estão em situação de vulnerabilidade.

Os entrevistados afirmaram que trabalham com carteira assinada e que dificilmente se constata situações de empregos sem essa documentação, especialmente pela atuação de sindicatos que supervisionam constantemente as unidades empregatícias. As exceções são quando os próprios migrantes não desejam assinar suas carteiras, por terem outro vínculo empregatício.

Perguntamos aos migrantes sobre as profissões que foram aprendidas em Santa Catarina e se haviam feito algum curso técnico ou superior. Segundo o Migrante 1:

O que sei, aprendi em Santa Catarina, ser cozinheiro, trabalhar com diversos tipos de comida como pizza, lanches. Me qualifiquei em gastronomia, procurei me aperfeiçoar e sempre estou procurando me aperfeiçoar cada dia mais pra sempre me superar, ser melhor do que eu a cada dia, sempre busco fazer o meu melhor. Fiz o curso técnico pelo SESI que a empresa tinha me oferecido e logo depois com o tempo fiz um curso Superior pelo SENAC e agora estou aguardando pra fazer o curso Superior também pela Faculdade do IMA que é uma escola de gastronomia (O migrante 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Diante da empreitada de “tentar a sorte” em Santa Catarina e buscar o processo de horizontalização e verticalização das profissões, notamos que a situação dos migrantes é dinâmica e não estática. A inserção ocupacional do migrante e as transições profissionais “de”



e “para” exigem uma postura ativa do migrante no local de destino, buscando a ascensão social e socio-ocupacional, visando melhores condições de vida.

Com o aumento do tempo de residência, os migrantes têm a tendência de apresentarem maiores taxas de escolaridade, melhores posicionamento socio-ocupacional e melhores rendimentos. Ou seja, “migrantes antigos (com mais de cinco anos de residência) conseguiam níveis de rendimentos iguais ou superiores aos dos não migrantes e que estes migrantes desfrutavam de melhores condições que os mais recentes” (JANNUZZI, 2000, p. 81).

A maioria dos entrevistados relevou que tem progressivamente procurado aperfeiçoamento pessoal e profissional em meio às adversidades impostas pela cidade de destino em um mundo concorrencial e desigual, sendo o aprendizado considerado constante. Muitos chegam a Santa Catarina sem uma profissão definida, contudo, na proporção do tempo de permanência, buscam cursos técnicos e Superiores para aprimorarem seus conhecimentos. Vale destacar que muitas empresas em Santa Catarina têm a cultura de incentivar e investir em seus funcionários para eles se aprimorarem ao longo do tempo.

Para Jannuzzi (2000), não seria apenas o tempo de residência do migrante que conferiria, indubitavelmente, uma melhor situação, mas sua habilidade em sobreviver na sociedade de destino, sua capacidade de estender seu “tempo de sobrevivência”. Dessa maneira, a melhoria do perfil socio-ocupacional ao longo dos anos não seria restrita ao migrante residente, mas ao “migrante sobrevivente”. Aos “não sobreviventes” restaria a reemigração para outras localidades.

A ascensão pessoal e profissional do migrante tem uma relação intrínseca ao tempo de permanência e resiliência, pois os indivíduos que mais ascenderam passaram por esses processos e as pessoas que não suportaram ou simplesmente desistiram, inevitavelmente, reemigraram para outras regiões ou retornaram para o seu local de origem.

Questionamos sobre os empregos dos migrantes ao longo de sua permanência, ascensão profissional e se os migrantes nordestinos são bem aceitos no mercado de trabalho catarinense. O migrante 42 relatou que:

Quando vim para Blumenau vim pra trabalhar em uma lanchonete, só que aconteceu uns imprevistos e acabei trabalhando como Operador de máquinas, trabalhei por 6 meses na Coteminas S.A., empresa têxtil, depois de 6 meses fui trabalhar em um restaurante, trabalhei como auxiliar de cozinha, depois fui para chapeiro e cheguei a cozinheiro. E sobre os nordestinos no mercado de trabalho em Blumenau, são bastante aceitos, eles valorizam muito a mão de obra nordestina aqui, mas tem muitos que fazem corpo mole, mas também tem muitos que trabalham (O migrante 42, entrevista concedida em agosto de 2022).

O migrante 2 afirmou que:

Trabalhei em um restaurante de atendente, aí saí do restaurante para trabalhar em uma das melhores lanchonetes, aí fui trabalhar de copeiro e todo mundo que trabalhava lá, trabalhava na chapa, um chapeiro naquela época o salário era de R\$ 1.200,00 reais, quem era copeiro ganhava R\$ 600,00 reais, isso há 18 anos atrás. Em menos de 1 ano virei chapeiro e estava ganhando R\$ 1.400,00 reais, isso em 2005 era muito grana. Hoje tenho dois funcionários, a minha empresa é uma empresa pequena, tem um padeiro e tem um auxiliar que empacota o pão e eu também ajudo o padeiro e a empacotar e ainda faço a logística da minha padaria. Eu sou empresário atualmente, mas sou um empresário pequeno, era MEI (Micro Empreendedor Individual), aí passei dos R\$ 80,000,00 mil anual e agora tive que virar SIMPLES Nacional, antes pagava R\$ 61,00 reais mensais e aí porque estava entrando muita nota, a nota da farinha de trigo que compro e não estava batendo com a entrada, as duas tem que bater, tem que bater com o que tu vende, tem que dar lucro e o Governo cobra muito imposto e ele bate muito em cima disso aí, disso você não consegue escapar. E sobre os nordestinos, uma certa parte sim, porque tem muitos nordestinos que vem pra trabalhar, aí quando dar a época do tempo para ganhar o seguro desemprego, fazem de tudo pra serem mandados embora, pra pegar uma graninha e ir pra Paraíba receber o seguro desemprego, aí fica um tempo aí e volta pra fazer o mesmo trajeto. Mas, tem uns aqui que são muitos aprovados, mas isso é em todo canto, tanto Blumenauenses, como nordestinos que é tranqueira que não serve pro trabalho, igual eu te falei, curva de rio só para tranqueira, tem muitos aqui que não gostam de trabalho e tem uns caras que são bons pra caramba, tem Ingaenses aqui que tem mais de 20 anos na mesma empresa que o patrão ama a eles e não querem que saiam nunca. É de pessoa para pessoa (O migrante 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Essas duas entrevistas ilustram bem o processo de ascensão socio-ocupacional em Santa Catarina: por um lado, temos migrantes que seguiram dentro de sua área de atuação, subiram degrau por degrau, continuando paulatinamente sua progressão; e, por outro, temos aqueles migrantes que conseguiram se tornar empresários.

Os fatores estruturais que condicionam pessoas ao movimento populacional e os mecanismos sociais de facilitação da vinda de migrantes são, respectivamente, o desemprego e a grande oferta de emprego. Em outros termos, devido ao desemprego presente no Inga, migrantes entendem que, em Santa Catarina, por causa das diversas possibilidades de emprego e renda, a ascensão social pode ser mais rápida. São inúmeros exemplos de pessoas que saíram e não tinham muitas condições no Inga, mas em Santa Catarina se tornam pessoas bem-sucedidas. Esse é um dos motivos que tem atraído pessoas para a região, a saber, a esperança de uma vida melhor.

Uma variante que os migrantes comentaram nas entrevistas está relacionada ao ambiente de trabalho, em que este se constitui enquanto um núcleo em torno do qual ocorre a “socialização” dos migrantes. Portanto, um lugar no qual são desenvolvidas relações de trabalho e convivência com diversas pessoas nativas e migrantes, por intermédio de laços de afetos criados e aprofundados, e, desse modo, possibilita aos migrantes que ampliem seu círculo de amizade e se familiarizem com o lugar de destino.

Sobre a aceitação dos migrantes nordestinos no mercado de trabalho, essa é uma questão relativa, uma vez que muitos ingaenses e conseqüentemente nordestinos não são bem aceitos no mercado de trabalho de Santa Catarina, pois essa mão de obra passou a ser interpretada como uma concorrência para a mão de obra local, deixando de ser bem vinda, como já foi tempos atrás.

Também foi apontado pelos entrevistados que muitos, por indisciplina no trabalho, são aceitos com ressalvas no mercado de trabalho. Existem muitos relatos de que os migrantes, ao se efetivarem nos seus respectivos empregos, fazem propositalmente algumas coisas para deixarem os seus patrões desapontados e, assim, serem demitidos; nesses casos, o objetivo é sair do emprego e receber o seguro no Ingá (mas depois retornam para Santa Catarina) ou até mesmo em Santa Catarina.

Essas duas questões, a saber, migrantes concorrendo com a mão de obra local por uma vaga de emprego e migrantes utilizando de subterfúgios para serem demitidos dos seus empregos, são as razões pelas quais muitos empresários têm estabelecido ressalvas para aceitar os migrantes em suas empresas, e, por causa disso, a prioridade de trabalho é para os migrantes indicados por algum responsável.

Vale destacar que a maioria dos empresários ainda tem um referencial de nordestinos como pessoas trabalhadoras, honestas e confiáveis, pois a maioria esmagadora dos migrantes suplantam esses exemplos que decepcionaram alguns empresários catarinenses que têm a cultura de investir em seus funcionários com a finalidade de contribuir com a sua ascensão profissional dentro da empresa. Em outros termos, não podemos generalizar alguns casos de exemplos mal sucedidos, uma vez que a aceitação de nordestinos no mercado trabalho é considerada uma questão relativa, já que, se não fossem bem aceitos, não existiria migração dos mesmos para o território catarinense.

Em seguida, questionamos sobre preconceitos e adaptação dos migrantes, solicitando aos entrevistados que relatassem como ocorreu esse processo. Sobre o preconceito regional, o migrante 21 respondeu que:

Sim. Uma vez peguei na lanchonete que tinha um guri que fazia universidade e tava trabalhando na pizzaria de atendente, mas ele estava trabalhando porque o pai queria que ele trabalhasse e fazia faculdade. Na cabeça dele a gente era tudo passador de fome e vivia em uma terra seca, era cabeça quadrada, uns pensam isso. Eles não conhecem as nossas belezas, nossas praias, eles pensam que a gente vem lá do interior, veio passando fome, fugido da fome e da seca, mas não é bem isso. Fui até violento, dei um soco nele, abriu o supercílio dele, pois não foi só uma vez que ele fez isso, isso foi acumulando, até que um dia ele veio endemoniado e ficou “ah coitado, passava fome na Paraíba” e eu estava assistindo televisão, vendo o jogo, fiquei encostada na geladeira da bebida que era uma tele-entrega, aí ele era atendente do balcão, aí ele

veio buscar uma bebida e não me pediu licença, ele disse “sai seu passa fome” e começou a me empurrar, “saia seu nordestino da cabeça chata, passa fome”. Foi até então que não fui mandado embora, o patrão me chamou e me expliquei “ele estava enchendo o meu saco de muito tempo, falando sobre a minha terra” e os outros meninos da Paraíba não ligavam e acabei estourando. Essa também foi a única vez que aconteceu isso (O migrante 21, entrevista concedida em agosto de 2022).

Já o migrante 18 lembrou que:

Eu já sofri preconceito umas duas ou três vezes durante o tempo que estou em Santa Catarina, porque quando cheguei lá, os alemães já tem preconceito contra qualquer pessoa que não é alemão e do meu caso e na família de minha mulher eu tive um preconceitozinho, eles não queriam de jeito nenhum que eu casasse com a minha esposa por ser nordestino, aí eles já me achavam preto. Outra vez fui em um lugar e um cara, quis tirar uma onda comigo por ser nordestino lá e daí eu falei um negócio pra o cara lá. Esses dois casos que aconteceu, mas não aconteceu mais não, eu fui muito mais acolhido do que rejeitado assim. Na verdade eu tive esses dois preconceitos aí, mas mesmo assim hoje, uma dessas pessoas que teve preconceito comigo, ela disse que ama mais do que os filhos dela (O migrante 18, entrevista concedida em agosto de 2022).

Esses casos relatados pelos entrevistados demonstram que migrantes já sofreram ou já presenciaram algum tipo de preconceito regional contra nordestinos em Santa Catarina, mas ambos são tratados como acontecimentos isolados, pois não são todos os catarinenses com essa mentalidade de aversão ou preconceito contra migrantes nordestinos, mas uma minoria de pessoas que tem essa mentalidade de intolerância à diferença.

Nessa perspectiva, muitas vezes o preconceito se dá de modo sutil, contido em falas irônicas e em forma de brincadeiras. Como os migrantes não estão em sua terra natal, uns se sentem acuados, silenciados diante dos atos de preconceito regional, enquanto outros, não tendo essa postura de morosidade ou passividade, adotam atitudes ásperas diante das afrontas sucessivas, seja em forma de discussão ou até mesmo em agressões verbais e físicas. Portanto, a hostilidade contra os nordestinos está presente no cotidiano das migrações ingaense em Santa Catarina, nas denominações depreciativas, nos xingamentos e piadas.

De acordo com Gomes (2011), a recepção aos nordestinos no Centro-Sul do país, desde os precursores até os dias atuais, sempre foi marcada por muita discriminação e preconceito, estigmatizando-os como “Baianos” ou “Cabeça Chata”. Segundo Santos (2017), nativos atribuem muito valor aos padrões, às normas e ao estilo de vida perpassado pelas gerações anteriores. Essa situação se torna crítica quando a condição do migrante pressupõe ameaça aos residentes mais antigos e nascidos na região. É uma análise bilateral, entre novos e antigos residentes, em que algumas condutas são apreciadas como marcas de inferioridade e superioridade social.

Por último, foi salientado, por muitos entrevistados, que o casamento de migrantes ingaenses com catarinenses tem sido cada vez mais frequente. Consoante os migrantes,

inicialmente existe o preconceito da família por se tratar de nordestinos, mas, gradativamente, os migrantes conquistam a confiança da família, que acaba aceitando e entendendo que se trata de pessoas honestas, trabalhadoras e de boa índole.

Assim, a questão da identidade social nordestina é uma questão de resistência imposta muitas vezes pela convivência ou principalmente pela aceitação. A construção da identidade se produz, deste modo, como uma estratégia de valorização das diferenças sociais. Em outros termos, a identidade se constrói a partir da diferença, ou seja, em relação ao outro.

O sentimento de pertencimento ou de identificação nordestina com sua cosmovisão de mundo também conduz os migrantes ao estranhamento da cultura catarinense, mas muitos compreendem que a alteridade é o melhor caminho para uma adaptação mais rápida ao lugar de destino. Deste modo, questionamos os entrevistados sobre as dificuldades de adaptação ao novo estilo de vida catarinense e se houve algum estranhamento da respectiva cultura. Segundo o migrante 2:

O primeiro ano foi bem difícil, ficar longe da minha mãe e de meus amigos mesmo, tipo você, Jackson que eram meus amigãos da igreja e tal e o frio também. O frio foi bem forte no primeiro ano, chorava bastante com saudades da minha mãe e meus amigos, minha mãe é puro amor, de levar café da manhã na cama pra tu, tomar café de manhã, tu dormindo, tu ia acordar tarde. Foi uma falta imensa. Tem que lavar tua roupa, os guris não tinham máquina de lavar, tive toda essa adaptação que eu não lavava roupas, mãe era uma pessoa que fazia isso pra nós, e o primeiro ano foi bem difícil assim, mas depois no segundo ano, já fui me acostumando, aí já aluguei um lugar só pra mim e assim foi. Se eu tivesse um emprego aí no Ingá, não teria vindo pra cá. Eu tava ganhando dois salários mínimos na época em Blumenau, meu salário era R\$ 500,00 reais, o salário mínimo era R\$ 250,00 reais, mas se eu tivesse um salário mínimo no Ingá, não teria vindo pra cá (O migrante 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Migrante 6 respondeu que:

Houve estranhamento em tudo, quando cheguei aqui na primeira vez, eu parecia que tava em outro mundo, parecia que estava aprendendo a andar, aprendendo a falar, aprendendo a comer, por exemplo, tu chega aqui, é um palavreado totalmente diferente do nosso, a gente tem o palavreado escancarado, a gente tem a nossa linguagem, nosso jeito de falar, a nossa comida, imagina só, um nordestino a comer pirão, mocotó, picado, chegar aqui pra comer polenta, linguiça de sangue, essas coisas. Imagina só, tu só escutar músicas alemã, tu ir pra uma festa, tu acostumado a escutar músicas de forró, músicas nordestinas, forrózinho bom, Magníficos, aí tu chega aqui e só escuta músicas alemãs. Música, jeito de falar, jeito do povo se comunicar com você, o jeito de se vestir totalmente diferente, o clima. Pra mim se adaptar aqui foi bem difícil, até hoje, minha adaptação aqui é meio complicada (O migrante 6, entrevista concedida em agosto de 2022).

Esses dois relatos exemplificam dois perfis de migrantes que encontram dificuldades de adaptação ao novo estilo de vida catarinense: por um lado, existem migrantes, especialmente jovens, que sentem dificuldades relacionadas à conciliação de atribuições de tarefas domésticas

(outrora realizadas pelos pais) com o trabalho; e, por outro lado, há migrantes que sofrem ao se depararem com uma realidade totalmente distinta de suas referências culturais e, concomitantemente, com o clima frio de Santa Catarina. Ambas as descrições convergem e remetem ao sentimento latente de saudade de sua terra natal, de seus familiares, amigos e conhecidos que ficaram para trás.

Adaptação à cultura catarinense, processo de mudança e construção de identidade são termos diferentes que dão nome às mesmas coisas. Sentimentos como pertencimento e saudade, atividades culturais e situações difíceis, típicas de quem migra, foram enfatizados na maioria das entrevistas.

As viagens de ônibus ou com transportadores e, na melhor das hipóteses, de avião, a chegada, a dificuldade de adaptação a cultura catarinense, os empregos, a melhoria de vida, a educação dos filhos, a construção da tão sonhada casa própria e o sentimento de solidariedade são peças do quebra-cabeça que conta a história, na maioria das vezes, de vencedores, que enfrentam múltiplas dificuldades, mas não desistem de suas aspirações por uma vida melhor.

Migrantes transportam consigo os costumes, as tradições domésticas, as festas populares, tudo, enfim, que lembra a terra de origem. Quando o migrante chega à terra de destino, ele se encontra ou se depara com o novo, passando a fazer a leitura de mundo com base em suas próprias lentes de cosmovisão cultural, assim, para ele, a terra de destino apresenta discrepâncias culturais, como sotaque, culinária, músicas, danças etc., e também fatores ambientais, como o clima, e esses são os motivos presentes que o leva ao estranhamento, mas, com o tempo, precisa se adaptar ao clima frio e às diferenças culturais presente em Santa Catarina.

Perguntamos aos migrantes sobre a formação de novas territorialidades culturais, se haviam modificado ou se apropriado de alguns traços culturais de Santa Catarina. Segundo o migrante 2:

O sotaque é bem diferente, o modo de falar, mas depois se acostumou, tu se acostuma, depois tu tá falando guri e guria, vai entrando na tua mente porque tá vivendo essa cultura e tipo assim, aqui o povo é muito educado. Quando dei entrevista pra TV que aqui ganhava em quatro coisas nossas e o resto a gente era melhor em tudo, aí fiquei curioso e pensando qual era a diferença, a primeira é a segurança pública, aqui é uma cidade do porte de Campina Grande e tu vai em qualquer bairro, em qualquer rua a hora que quiser vai e volta com o celular na mão mexendo, lá em Campina Grande-PB, tu não consegue ficar em uma certa rua com o celular na mão. A segurança pública é melhor que a nossa, a educação em si é melhor, porque tem uma professora aqui, ela é esposa de Elvis, ela fez um concurso e passou, virou professora aqui em Blumenau, ela me falou que a Educação aqui é melhor, porque ela foi professora aí e aqui. A saúde é melhor, toda a rua principal tem um postinho de saúde, nos bairros grandes tem postos grandes que funcionam até meia noite, fora os hospitais também. Emprego e remuneração aí nem se fala. E uma coisa, aqui tem muita mulher bonita,

não é que na Paraíba não tenha, mas é em porcentagem, um exemplo, se tu vai num ambiente aqui 98% das mulheres que elas são bonitas e bem arrumadas. Tipo na Paraíba é 50% bonita e 50% feia. Tem vários amigos meus que são casados com mulheres daqui (O migrante 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Para o migrante 3:

Acho que sim, um pouco do sotaque, a maneira de falar a gíria deles. A culinária também, minha esposa e minha sogra cozinham muito bem, italiana cozinha muito bem mesmo, eu me adaptei a comida deles totalmente, eu conheço a comida deles, a cuca alemã, as comidas deles aqui eu sempre apresento e coloco o pessoal pra provar quando vem aqui na minha casa (O migrante 3, entrevista concedida em agosto de 2022).

Sobre a formação de novas territorialidades culturais, os entrevistados disseram que o sotaque é o primeiro traço cultural assimilado pelos migrantes e o mais perceptível, e que a convivência com catarinenses contribui com esse processo de absorção cultural. Na opinião de alguns migrantes, a busca pela aprovação colabora para o desvencilhamento paulatino do sotaque nordestino, fazendo com que muitos se apropriem do sotaque catarinense para serem melhor aceitos nos seus ambientes de convívio.

Segundo Menezes (2007), a mobilidade populacional abandona os valores culturais, contudo simultaneamente os transporta como tropa de choque para a nova realidade. Lugares e pessoas são deixados para trás. A língua, neste caso o sotaque, uma forma de viver comum, é deixada em permuta de viver afundado em outra realidade simbólica.

Conforme já foi ressaltado, nem sempre os migrantes são bem-vindos ou encontram uma acolhida calorosa na terra de destino, assim sendo, o choque entre culturas e valores produz, em algumas situações, hostilidades no convívio social entre migrantes e nativos. Muitos migrantes relatam ter sofrido o preconceito linguístico, pois são facilmente identificados como nordestinos no ato da fala e esta é uma das razões, além do convívio social, para a transição de um sotaque nordestino para um sotaque catarinense. Segundo Cunha (2007), preconceito linguístico é o julgamento que o ouvinte faz da informação emitida pelo falante acerca de si e de sua posição na sociedade.

A culinária também foi apontada como um elemento presente no cotidiano dos migrantes, todavia a sua influência é limitada, assim como as músicas e danças típicas de Santa Catarina. Para Durand e Lussi (2015), a assimilação continuou e continua sendo um conceito válido para entender processos produzidos pelos deslocamentos populacionais.

Como a assimilação é um processo doloroso, muitos migrantes consideram que, se houvesse a possibilidade de trabalho com a remuneração de apenas um salário mínimo, não teria migrado para Santa Catarina. Sobre o desenraizamento cultural, questionamos aos

entrevistados se eles haviam perdido suas referências culturais nordestinas em Santa Catarina.

Segundo o migrante 45:

Não perdi, pra você ter ideia, quando estou em casa procuro comer as coisas daí, pois hoje tem facilidade de encontrar, mas antigamente era bem difícil, hoje tem aquele supermercado Atacadão que a gente encontra os produtos daí, tem uma venda aqui também que a gente chama de Fifo que a gente chama, eles vendem pela metade do preço, tem bastante coisas do Nordeste, esses dias encontrei uma manteiga de garrafa, lá de Campina Grande. Quando estou de folga no domingo, sempre gosto de comer cuscuz no café da manhã, não quero que falte (O migrante 45, entrevista concedida em agosto de 2022).

Para o migrante 22:

Perdi muito, por estar há muito tempo, perdi muito as minhas raízes culturais, sotaque, a comida que não tem aqui, o cuscuz não faz cinco anos que chegou no mercado, o floção o que faz o cuscuz, coentro não faz três anos que tem no mercado. Lá no mercado tem assim “bela dica”, aí voltando pra chegar floção, pra chegar coentro, pra chegar charque que não tinha, até um tempo desse não tinha coentro, nem cuscuz pra nossas comidas. O charque deles é totalmente diferente, o rapaz agora abriu a casa do Norte e do Nordeste, ele vende produtos nordestinos. Aqui também tá tendo uma migração de paraense, tá chegando muito de Belém do Pará. A grande migração pra Blumenau hoje não é mais de paraibanos, é de paraense. Só pra tu ver a categoria deles, tem três meninos fazendo viagem pra aqui, Aylzio, Denis e Nego, tem quatro empresas de ônibus de Belém do Pará, trazendo gente de ônibus pra cá. Toda semana, chega dois ônibus de Belém do Pará, bota aí, cada ônibus vem 48 pessoas, não só para Blumenau, mas para Itajaí-SC que é uma cidade desenvolvida que tem porto, pra Balneário Camboriú-SC que é uma cidade turística, no verão é uma cidade de status, tá chegando ônibus e ônibus na região toda pra trabalhar, eu sei que tem amigo meu que entrou na justiça comigo, tem pessoas do Pará na pizzaria que frequento. A migração paraense superou a migração nordestina (O migrante 22, entrevista concedida em agosto de 2022).

Percebemos dois tipos de migrantes, um que sente não ter perdido suas referências culturais e outro que percebe ter perdido, especialmente em razão do tempo de permanência. Essa polaridade de respostas esteve presente nas falas dos entrevistados, alguns que compreendiam não ter perdido suas raízes culturais e outros entendiam que perderam suas referências culturais, ambos os grupos sempre relacionando a cultura nordestina com comidas típicas, músicas, danças, sotaque e festas da região Nordeste.

Esses dois grupos de entrevistados analisaram a dificuldade de adaptação dos migrantes em solo catarinense, ponderando que nem todos os migrantes conseguem se adaptar ao tipo de vida que a cidade propõe. É a identidade cultural em pauta nessa questão, como processo dinâmico e sujeito às influências da cultura, da história e do poder.

Segundo Cunha (2007), identidade é um conceito que descreve ou pelo menos interpreta o sujeito como ele se apresenta e se conhece, ou como ele se vê representado em sua consciência. Sob um prisma psicológico, a identidade gera um sentimento de ordem no indivíduo, já sob um enfoque sociológico ela posiciona o indivíduo em um grupo. Ambas as



perspectivas se completam ao entendermos que, para saber quem somos, precisamos reconhecer a posição em que estamos situados.

A identidade cultural é confrontada em contato com a cultura da sociedade de destino, e o desdobramento desse processo é a autoafirmação ou a aculturação do migrante. Gradativamente, percebemos que a aculturação ganha espaço e notoriedade, suplantando as referências culturais dos migrantes, de modo que as formas de resistências têm sido um processo relevante, mas, inevitavelmente, migrantes concordam que vão cedendo para um novo estilo de vida, pautado na compreensão de que não estão vivendo no Nordeste, onde suas referências culturais foram aprendidas e desenvolvidas, mas em Santa Catarina com sua própria cultura, ou seja, padrões aos quais não estavam acostumados. Segundo Menezes (2007, p.120), “seja qual for a razão para a migração, bem ou mal sucedida, há nela uma constante psicológica a ser lembrada: a perda. Perde-se a referência territorial, os valores culturais e as pessoas conhecidas. Perde-se também a identidade”.

Sobre o retorno, examinamos se os entrevistados ou os seus familiares tinham desejo de voltar definitivamente para o Ingá e os principais obstáculos para a concretização para o retorno. Os entrevistados revelaram que a migração para Santa Catarina é uma questão mais simples do que o retorno, pois o retorno significa abandonar todas as conquistas adquiridas no mercado de trabalho catarinense e iniciar uma nova vida no Ingá, ajustado às dificuldades de trabalho e sobrevivência, assim sendo, 21% dos entrevistados afirmaram desejo de retornar, mas teria que angariar mais recursos para poderem abrir seus próprios negócios no Ingá, e 79% dos afirmaram que não têm interesse em retornar para o Ingá, especialmente pela qualidade de vida e trabalho. Segundo o migrante 6:

Eu nunca perdi esse desejo de voltar, sempre deixei bem claro que meu foco é voltar pro Ingá, é montar meu cantinho e abrir minhas coisas, como você sabe, abrir uma pizzaria, investir no gesso, botar uma dessas duas coisas e o que me impede de voltar agora é só o estudo do meu filho, porque eu quero ele, não desmerecendo minha cidade, mas como ele já iniciou e quero que ele termine aqui, aí sim, ele vai decidir a vida dele se ele quer ficar ou se ele quer ir com o pai dele pra terra dele (O migrante 6, entrevista concedida em agosto de 2022).

Segundo o migrante 1:

Pra ser bem sincero, pra o Ingá não tenho vontade, eu quero abrir um negócio aonde posso conviver e ter retorno, investir um dinheiro e saber que vou ganhar, então o Ingá hoje não vejo como uma cidade que possa favorecer isso daí. Apesar que condição tem só que os cabeças aí não ajudam, aí fica difícil investir em algo que não tem retorno, está com aquilo ali pra manter, como muitos que já conheci, antes de virem pra cá, que foi e abriram aí e não deram certos (O migrante 1, entrevista concedida em 2022).

Essas duas respostas ilustram os dois grupos de migrantes que desejam e se planejam para um eventual retorno e aqueles que não nutrem nenhum interesse em retornar para o Ingá. Os 21% dos entrevistados que revelaram anseio em retornar, argumentaram que é imprescindível a abertura de algum comércio para poderem sobreviver, pois as incertezas de conseguir empregos era o principal obstáculo para o seu retorno. Migrantes argumentaram que a vontade de residir próximo de seus familiares, amigos e conhecidos, investir em algo lucrativo que possa proporcionar retorno financeiro, são as principais razões para o retorno ao Ingá. Esses migrantes, segundo Scott (1995, p. 27), “voltam com avaliações mais positivas das suas experiências particulares e também com mais dinheiro para pequenos investimentos”.

E já 79% dos entrevistados afirmaram que não pretendem retornar para o Ingá, pois a estabilidade financeira, o enraizamento cultural, dificuldade de readaptação da família em solo paraibano e especialmente a qualidade de vida propiciada em Santa Catarina os convenciam de que o retorno não é uma boa ideia. Em suma, os entrevistados apontaram as falhas da estrutura social vigente no Ingá, em proporcionar uma qualidade de vida satisfatória aos seus habitantes, esse processo contribuía não apenas com a saída de seus habitantes, mas seriam os principais obstáculos para o retorno de sua população. Por outro lado, aqueles que, mesmo diante das dificuldades, decidem retornar para o Ingá, beneficiam a economia local, por intermédio de geração de empregos das empresas abertas pelos migrantes.

### CAPÍTULO III LOGÍSTICA E TRANSPORTE DE PESSOAS, MERCADORIAS E CAPITAIS, E A MIGRAÇÃO DE RETORNO DE INGAENSES

#### 3.1 Transportadores de mercadorias, pessoas e capitais

**Figura 7 – Transportadores de mercadorias, pessoas e capitais**



Fonte: Acervo pessoal de Aylzio (2022).

**Figura 8 – Transportadores de mercadorias, pessoas e capitais**



Fonte: Acervo pessoal de Denis da Silva (2022).

Em termos de logística implantadas para facilitar o traslado de pessoas e mercadorias para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá, tem sido relevante a atuação de transportadores que facilitam esse processo. Os transportadores têm sido a conexão entre essas duas regiões, auxiliando as trocas comerciais e culturais.

Os transportadores exercem uma função fundamental no traslado de mercadorias e pessoas de Ingá para Blumenau e de Blumenau para o Ingá. Eles se autodenominam viajantes ou alternativos, pois ainda não são regularizados. Para muitos, eles são clandestinos, contudo, têm procurado abrir empresa para se desvincilharem desses apontamentos, e são conhecidos como *coiotes* pelos catarinenses, pois muitas vezes são contactados pelos empresários catarinenses para conseguirem trabalhadores nordestinos, especialmente ingaenses. Eles atuam no sentido de agenciarem e facilitarem a ida de pessoas que já saem do município de Ingá com empregos garantidos.

Essa realidade não é recente, pois desde as décadas de 50 a 80, migrantes nordestinos eram recrutados para trabalharem especialmente na construção civil, assim, donos de caminhões eram acionados para arranjam trabalhadores. Segundo Martins e Vanalli:

Era comum nesse período o uso de caminhões que iam até certas cidades do Nordeste ou de Minas Gerais, buscar pessoas para trabalhar na construção da capital. Os motoristas dos caminhões ganhavam muito dinheiro com esse trabalho, pois além de receberem das firmas de construção que os contratavam, descontando depois do salário do trabalhador, ainda cobravam dos migrantes (MARTINS; VANALLI, 2018, p. 47).

Atualmente, essa prática assume uma nova roupagem, trabalhadores ingaenses são indicados por transportadores, os migrantes “devem” apenas o agradecimento a esses intermediadores e facilitadores de empregos. Deste modo, migrantes ingaenses saem com a garantia de empregos certos, pois os transportadores ingaenses muitas vezes intercede por seus conterrâneos em terras catarinenses. Assim, o “lucro” reservado aos transportadores consiste em cobrar passagens de migrantes e de suas bagagens que estão viajando em direção a Santa Catarina.

Essa atividade tem sido relevante não apenas para os migrantes que saem do município de Ingá com os seus respectivos empregos garantidos, por intermédio dos transportadores, mas também por oferecerem passagens mais barata rumo a Santa Catarina e, principalmente, por transportarem mercadorias e capitais do Ingá para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá.

Portanto, a logística existente com os transportadores ingaenses contribui para o fluxo migratório de ingaenses e de mercadorias enviadas semanal ou mensalmente por parentes dos migrantes. Vale destacar que o movimento inverso também acontece com frequência, pois pessoas retornam para o Ingá por intermédio dos transportadores e também enviam mercadorias e capital de Santa Catarina para o Ingá.

Questionamos aos transportadores sobre o início de todo esse processo que envolve o traslado de pessoas, mercadorias e capitais para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá, e as respostas sempre estiveram atreladas às migrações, pois os transportadores são ex-migrantes que viveram um período em Santa Catarina e no presente momento se dedicam a essa atividade econômica. Interrogamos os transportadores sobre o início do transporte de pessoas e mercadorias para Santa Catarina e o que os incentivou para a realização desta atividade. Nos trechos das entrevistas, identificaremos os transportadores por codificação para preservação de identidade. De acordo com o transportador 1:

De 1992 a 1995 morei lá, trabalhava em Balneário-SC e nesse período tinha bastante emprego e na época eu tinha um amigo que me perguntou se eu poderia levar alguém para trabalhar lá, aí falei que conseguia e então mais ou menos que começou aí. A carência de emprego em nossa cidade (Ingá) era enorme. A primeira viagem com passageiro foi em 1998. No início foi bem difícil, eram poucas encomendas”. Em 1998 foi assim, eu peguei uma viagem fretada pra lá, já tinha ido lá, porém não com viagem. Aí em 1998 consegui uma família de clientes, e fui fazer uma missão lá, peguei a contratante e fui pra lá e aí a minha estadia em Blumenau foi muito pequena, porém aonde eu chegava o pessoal se alegrava pelo fato de ter ido de carro. Naquela mesma viagem eu acho que consegui umas três ou quatro caixas, porém eu não sabia cobrar, então as pessoas me deram um agrado e assim, depois dessa viagem apareceram outras pessoas me perguntando se eu levava pessoas e afirmava que sim. Na época começava a divulgar no boca a boca, aí o pessoal comentava que eu estava saindo do Ingá em direção para Blumenau. Aí tinha gente que havia juntado alguma coisa e tinha vontade de enviar, e não tinha por quem mandar, e foi assim que começou a minha atividade (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Segundo o transportador 2:

Foi em 10 de junho de 2012 foi minha primeira viagem. O que me incentivou era que gostava de viajar, quando trabalhava lá, vinha várias vezes de férias, vinha de carro, às vezes vinha de avião e voltava de carro, foi o que me incentivou a começar a viajar. No começo de 2012 vim embora de vez pra cá para a Paraíba, aí eu tinha comprado a Parati da cor branca que eu tinha e uma carretinha, foi aonde trouxe três motos e algumas bagagens do pessoal, principalmente algumas coisas minhas, foi a minha primeira viagem. Foi a partir daí que percebi que dava pra trabalhar com isso, através daquele negócio, cada trabalho, cada ramo tem a sua concorrência, foi através de outro rapaz que viajava e como gostava de viajar e vim de carro, foi um incentivo pra mim, levar passageiros e como vendia as coisas daqui lá, vendia carne de charque, bolacha, goma de tapioca, doces, rapadura, sempre eu levava pra vender também, só que teve um tempo que parei, não quis mais levar, dava muito trabalho pra tá vendendo nas portas do pessoal e ficou até prejudicando o meu outro trabalho, porque tinha a questão de pegar encomendas e era eu sozinho pra fazer isso tudo, pegar encomendas, levar as coisas, fazer os transportes, pegar o dinheiro, ficou cansativo. Resumindo, não estava dando conta, nem de um lado e nem de outro (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

A primeira vez que um transportador realizou o traslado de pessoas e mercadorias para Blumenau foi no ano de 1998, essa atividade econômica iniciou a partir das grandes oportunidades de emprego em Blumenau, algo que no Ingá e outras cidades do interior paraibano sempre apresentou defasagem. O primeiro transportador foi recebido com muito

entusiasmo pelos ingaenses que estavam em Santa Catarina, pois foi a primeira vez que uma pessoa conhecida fazia o traslado de mercadorias para o estado, e assim começou a ser divulgado para outras pessoas acerca dessa nova realidade de transporte que estava sendo realizada.

Foi a partir dessa viagem que iniciou a divulgação e o traslado de pessoas e mercadorias de forma contínua do Ingá para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá. A divulgação se deu de forma oral, ou seja, de boca a boca, e atualmente é por intermédio das redes sociais e WhatsApp. Podemos perceber que o traslado de pessoas e mercadorias se originou a partir das migrações ingaenses para Santa Catarina, notoriamente vemos que essa atividade econômica está relacionada e fundamentada nas precariedades econômicas do Ingá, de onde a população sem emprego migra para outras regiões em busca de sobrevivência.

O fato curioso é que alguns transportadores já foram migrantes ou vendedores de mercadorias regionais que remetem à cultura ou culinária nordestina. Por se tratar de uma atividade que demanda muito tempo para vender, praticamente de porta em porta, houve a decisão de priorizar o traslado de pessoas e mercadorias, abandonando essa prática de vendedores ambulantes de mercadorias tipicamente nordestinas.

Questionados sobre possuírem dupla residência, pois os transportadores ingaenses necessitam de dois locais de residência, a saber, no Ingá e outro em Blumenau, para aguardarem o recebimento de pessoas e mercadorias que é indispensável nesta atividade econômica, todos os entrevistados responderam que sim, alguns com residência própria e outros que ficavam hospedados na casa de parentes. Nesta atividade econômica é necessário aguardar alguns dias para recolherem a quantidade ideal de mercadorias para fazer o traslado, em média eles passam de três a 10 dias esperando para completar a carga. Assim, eles precisam de pontos de apoio para receberem as pessoas e as mercadorias, e então viajem de um estado para o outro. Segundo o transportador 1:

No Ingá, moro com a minha família, especificamente com o meu filho atualmente, e em Blumenau também moro com um filho meu, lá em Ponta Aguda um bairro de Blumenau. Aqui eu recebo as mercadorias e os passageiros ou em grupo ou por WhatsApp a passagem e ficamos aguardando o dia de viajar (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Segundo o transportador 2:

Aqui no Ingá eu tenho uma residência e quando vou pra lá (Blumenau) as bagagens e as mercadorias que levo do pessoal que é no ponto fixo pra poder chegar de viagem e descarregar a carretinha e separar as coisas e começar a entregar tanto as mercadorias como os passageiros, eu tenho o bar do meu tio lá, e também tem a casa da minha irmã que eu fico lá, tenho outros irmãos que fico também (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Podemos perceber que existe uma rede de parentes dos transportadores ingaenses, composta por seus familiares que fixaram residência em Santa Catarina ao longo do tempo. Essa questão de dupla residência é imprescindível para o entendimento do período de espera que os transportadores precisam para acumular mercadorias e passageiros para fazerem o percurso de ida e de volta. Em média eles precisam permanecer de três a 10 dias no Ingá para obtenção das mercadorias e passageiros para conduzirem em direção a Santa Catarina; precisam também do mesmo período para fazer o traslado inverso. Logo, questionamos sobre as principais mercadorias transportadas de Ingá para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá. O transportador 1 respondeu que:

O pessoal quando saem daqui geralmente levam as comidas do Norte que lá não tem, consequentemente suas roupas, às vezes até animais como gatos e cachorros que não querem deixar, eu faço esse traslado também de animais. E de lá na maioria das vezes quando as pessoas querem vim embora, ela traz o que constituiu lá, que conseguiu comprar lá, através do seu trabalho, do emprego dele, da mulher, e também do filho. Porque a bondade de lá é que todo mundo trabalha, com 14 anos de idade já consegue emprego lá. Essas mercadorias trasladadas na maioria das vezes se tratam de pessoas que querem vim embora e trazem suas mudanças. Quando alguém manda caixa ou bolsa é para a família, alguém que pediu ou é roupa, aí eles mandam. Quando querem vim de vez a maioria das coisas são deles. As pessoas as vezes me dão o dinheiro ou mandam PIX por mim e aí eu deposito na conta dos familiares. Por que tem uma boa parte que não tem leitura para depositar ou transferir para uma conta. Eu tenho alguns dos clientes que dependem de mim nesse sentido. Eu também levo algumas feiras pra lá, apesar de lá ter o serviço, mas tem a questão do aluguel que é um pouco alto e infelizmente tem pessoas que tem a família, mas não trabalha todo mundo, somente o homem (o chefe da família). Por este motivo, tem pessoas passando aperto, eu mesmo já ajudei por estavam passando necessidade pra lá (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

O transportador 2 respondeu que:

Do Ingá para Santa Catarina, o pessoal manda mais mercadorias como carne de charque, rapadura, bolacha 3 de maio, fuba que eles chamam de flocão, porque as de lá não prestam, e a carne de charque de lá também é diferente daqui, daqui é bem melhor, a de lá é congelada e mais caro. E de lá pra cá, o pessoal manda mais, mudanças, às vezes estão lá há muito tempo e vem embora e mandam mudanças como geladeira, cama box, sofá, máquina de lavar roupas, micro-ondas, som, televisão. Alguns enviam essas mercadorias para os parentes como presentes, e enviam também roubas e etc, e especialmente para eles mesmos que estão voltando”. “Existem famílias que enviam mudanças para Santa Catarina, preferem enviar do que se desfazer e ter que comprar em Santa Catarina (O transportador 2, entrevista concedida em 2022).

De modo geral, os transportadores levam comidas típicas do Nordeste brasileiro, esse processo de traslado é como uma ponte existente entre a terra natal do migrante e a terra de destino, funcionando como uma lembrança patente de pertencimento às raízes de sua terra, que precisou abandonar em busca de emprego em outro lugar que suprisse essa necessidade de sobrevivência.

Corroborando essas afirmações, Scott salienta que:

Raramente os grupos domésticos de origem remetem dinheiro ou outras coisas para os migrantes. Quando se manda alguma coisa, ou é dinheiro para resolver algum problema específico (como por exemplo, nos casos extremos, para comprar a passagem para voltar), ou, para fornecer itens que simbolizam a terra de origem, lembranças de casa entre as quais predominam o alimento “nordestino”, símbolo máximo de “reprodução” da nordestinidade (Scott, 1995, p. 26, grifos do autor).

Os transportadores levam produtos que lembram aos migrantes de sua terra natal, como carne de charque, bolacha, queijo, manteiga, rapadura, fubá etc., assim, os transportadores são fundamentais para o entendimento do processo de enraizamento cultural, possibilitando que, mesmo estando em uma terra distante, migrantes continuem desenvolvendo relações que lembrem o seu lugar de origem.

Transportadores relatam que frequentemente levam mudanças inteiras para Santa Catarina, esse processo nos dá uma ideia das migrações ingaenses. Por considerarem mais fácil levar os seus móveis do que comprar em um lugar onde o custo de vida é considerado mais alto, famílias decidem, muitas vezes, levar seus móveis e, assim, migram definitivamente para o estado de destino. Os transportadores também trazem mercadorias de Santa Catarina para o Ingá, produtos como eletrodomésticos, roupas, sapatos etc., para parentes dos migrantes ou muitas vezes mudanças inteiras para pessoas que estão retornando para o Ingá.

A relação de confiança é tamanha que muitas vezes pessoas enviam dinheiro através dos transportadores, mesmo em meio a inovações tecnológicas que viabilizam e facilitam a transferência dessa capital, via transferências bancárias. Esse processo é em decorrência da falta de estudos de alguns parentes de migrantes que infelizmente não sabem manusear contas bancárias, necessitando de terceiros para viabilizar esse processo. Desse modo, os migrantes confiam nos transportadores para fazerem esse traslado de capital.

Por último, os transportadores realizam o máximo de cuidado para embalar as mercadorias mais sensíveis, como eletrodomésticos, pois o traslado é longo e susceptível a quebras no decorrer do percurso. Assim sendo, questionamos sobre as principais rotas utilizadas e os pontos de parada durante o percurso para Santa Catarina e a duração do traslado. O transportador 1, respondeu que:

É muito relativo, depende dos fretes. Posso sair daqui e ir por Recife-PE, possivelmente terei algum frete nesse caminho, ou ir por Caruaru-PE ou ir pelo Sertão da Paraíba, então essa questão depende de frete. Porque não pego mercadorias apenas aqui, mas tenho fregueses em Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, então, depende muito. E nesses lugares, a realidade é a mesma, falta de emprego na cidade, não tendo condições de vida, vão embora para Blumenau. A melhor rota para chegar em Blumenau, saindo da daqui indo a Campina Grande-PB, Boa Vista-PB, Sumé-PB, Salgueiro, Euclides da Cunha e Feira de



Santana. É bem mais rápido. Aí, depois de Feira de Santana, Vitória da Conquista-BA, Divisa Alegre, Salinas, Montes Claros, Curvelo, Contagens e São Paulo. De São Paulo, vai a Blumenau, esta é a melhor rota, porém é perigosa. Só que existem inúmeras outras rotas. Se eu fizer a 116 Rio-Bahia, saio em Vitória, vou para Governador Valadares, de Governador Valadares vou para Volta Redonda-RJ. Mas, em média é de dois dias e meio a três dias (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

O transportador 2 ressaltou que:

A duração de minha viagem, tanto a ida como a volta é de quatro a cinco dias. Como dirijo sozinho, é muito cansativo e tem os locais de parar, sobre os locais exatos de parar, depende se pegar algum acidente na estrada. Imagine o seguinte: a minha rota é de Campina Grande, Caruaru, Garanhuns, aí pego pra ir para Paulo Afonso, nessa rota se Deus me livre aconteça algum acidente pra atrasar mais a viagem pra não chegar de tal horário em um lugar ou parada específica, por isso, não podemos dizer o horário com precisão aonde vamos parar, pois pode haver algum imprevisto neste percurso. Pedimos a Deus que nunca aconteça, mas sempre tem. É que nem a viagem pra lá, tem o dia de sair, mas o de chegar só Deus sabe, a gente pede muito a Deus pra poder abençoar nossa viagem e nos livrar de todo mal, pois é muito perigoso. Sobre as rotas eu ando pela Br 116, pego a divisa de Minas Gerais com a Bahia, saindo daqui eu pego a Br 110 que passa em Caruaru-PE, aí tem outra Br também da divisa de Minas Gerais com Bahia que entra pra Salinas até Montes Claros que é uma Br 251, aí depois tem a Br 140, tem várias Br, não tem uma Br daqui até lá, sempre vai pegar uns pedaços de Br que a gente vai cortando, aí depois tem a Fernando Dias, que sai da 040 que pega a Fernando Dias que é a Br 381, também que sai da 251 pega 040 e depois Belo Horizonte a São Paulo, a de São Paulo é a 381 (Fernando Dias), aí de São Paulo pra lá já pega a Regis Bittencourt que é a 116, depois pega um pedaço da 101, aí depois tem a 470 que já é chegando em Santa Catarina (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

O percurso utilizado pelos transportadores até a parada final, que é Blumenau, é considerado uma viagem longa, conforme supracitado, com necessidade de paradas obrigatórias para descanso, traçando especialmente rotas estratégicas que visam um melhor conforto e segurança. São 3.517 km partindo do Ingá rumo a Blumenau, atravessando diversas cidades e estados da região Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil. Os transportadores não têm uma rota definida ou específica, pois utilizam várias rotas e fazem as devidas adaptações conforme a demanda (encomendas) e a necessidade, por isso, a rota é considerada relativa, inúmeras rodovias dão acesso a Santa Catarina.

Existe a rota que chega mais rápido e que consome menos combustível, no entanto, os transportadores vão alterando e adaptando o seu percurso segundo as encomendas que serão pegadas e transportadas ao longo do caminho. O início do traslado pode ser no município do Ingá ou no Estado de Santa Catarina, mas os transportadores pegam mercadorias ao longo do caminho para levarem para o Ingá ou para Santa Catarina, ou até mesmo para outros municípios que estejam na sua rota. Existindo, dessa forma, uma rede de fregueses, localizados em Minas Gerais, Bahia, Sergipe, Alagoas, Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Rio de Janeiro e

São Paulo. Em todos esses estados, existem algumas cidades que apresentam realidades semelhantes a do Ingá, especialmente o desemprego.

Por ser uma viagem longa, perpassando por várias cidades e estado das regiões Nordeste, Sudeste e Sul, existe uma duração média de ida e de volta de dois dias e meio a cinco dias. Sendo uma viagem também cansativa para os transportadores e para os passageiros que frequentemente viajam com eles. Dessa maneira, ao longo do caminho para o Ingá ou para Blumenau, necessitam de paradas obrigatórias para descansarem, contudo, essas paradas obrigatórias não são locais exatos, pois existem acidentes que podem antecipar ou prolongar esses pontos de repouso.

Os transportadores destacam que a única certeza é o dia da saída, todavia, não têm certeza se chegarão aos seus destinos. É um caminho perigoso, pois atravessam inúmeras rodovias, BRs e estradas para alcançarem seus objetivos que é levar os migrantes e as mercadorias em segurança para os seus respectivos destinos. Transportadores param durante a viagem em média três vezes por dia, dependendo dos pedidos dos clientes. Essas paradas são aproveitadas para fazerem as devidas refeições, banhos e descanso para, em seguida, prosseguirem em suas jornadas. Questionamos sobre os períodos mais procurados para o transporte de pessoas e mercadorias, ao que o transportador 1 respondeu que:

Pior que toda viagem, subo lotado e desço lotado. Porém, meio do ano e final de ano, há um movimento maior, porque é quando o pessoal pega as férias, questão de vim passar com a família, como também tenho clientes que saem daqui para passar o final de ano lá também (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Corroborando a fala do transportador 1, o transportador 2 afirma que: “O mais procurado é o mês de junho e dezembro. São os meses mais procurados. Devido às festas, vindo de lá pra cá”. As migrações e os transportes de mercadorias são considerados perenes, praticamente não se identifica período de regressão dessa logística. Contudo, é nos meses de junho e dezembro que há uma intensificação desse processo. No mês de junho, que corresponde à comemoração das festas juninas na região Nordeste, e no mês de dezembro, que corresponde à comemoração do natal e do final do ano, muitos migrantes decidem passar esses períodos ao lado de suas famílias. Vale destacar que muitos parentes de migrantes que permanecessem no município de Ingá decidem passar os períodos juninos de natal e final de ano com seus parentes e amigos em Santa Catarina.

Portanto, transportadores sempre saem do Ingá com destino para Blumenau, repleto de passageiros e mercadorias. E como muitos estão em Santa Catarina há muitos anos, familiares também transitam por intermédio dos transportadores que são agentes facilitadores desse

translado, especialmente, por se tratar de pessoas com seus pontos específicos de destino e por conhecer aonde os migrantes estão residindo. Os parentes dos migrantes, desejando rever seus familiares e amigos em Santa Catarina, utilizam o meio de transporte ofertado pelos transportadores, especialmente por serem mais baratos que passagens aéreas – que comumente utilizam pontes aéreas da Paraíba até São Paulo e de São Paulo a Santa Catarina.

A atuação dos transportadores não anula as viagens aéreas ou rodoviárias (ônibus), complementam-se e oferece um leque que os migrantes ou parentes dos migrantes podem escolher de acordo com a sua preferência e condição. Na verdade, os transportadores são uma opção para quem pretende viajar por um preço mais acessível.

Questionamos também acerca dos períodos menos procurados para o transporte de pessoas e mercadorias. O transportador 1 (2022) afirmou que “um período menos movimentado é depois do mês de janeiro até fevereiro e março, mas é tranquilo”. O transportador 2 concorda que:

O mês de março, mas graças a Deus, sou bastante procurado pelo meu conhecimento e amizade que temos, como foi o meu pai que deu muito apoio ao pessoal. Sempre tem gente indo e voltando, assim quando passo mais tempo do que o normal é por causa do carro que provavelmente está quebrado (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Para os transportadores, é difícil ter algum mês ou período que é necessário passar mais tempo aguardando para viajar, a ocorrência desse fato é quando o carro está fazendo as devidas revisões e manutenções. Não obstante, os transportadores acreditam que são nos meses de janeiro, fevereiro e março que têm maior “dificuldade” de encontrar passageiros e bagagens para serem levadas para o Ingá ou para Santa Catarina. Mas, mesmo nesses meses, eles encontram pessoas e mercadorias com destino para o Ingá ou para Santa Catarina. Deste modo, questionamos a quantidade de viagens por mês e por ano que os transportadores realizavam para Santa Catarina. Segundo o transportador 1:

Hoje não faço mais isso, mas cheguei a dar três viagens por mês de ida e volta. É uma loucura, porque era muito movimento, só que eu coloquei um funcionário para trabalhar comigo e depois ele começou a trabalhar por conta dele, coloquei outro e ele fez do mesmo jeito. Porque a demanda era grande, eu sozinho não dava conta (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Para o transportador 2:

Por ano, nunca cheguei a contar, porque tinha vezes por mês que dou três viagens, pegando do dia 2 ou dia 3, voltar mais ou menos no dia 15 e depois do final do mês de novo, mas depois da pandemia estou fazendo duas viagens no mês que é uma indo no começo do mês e a outra voltando depois do dia 15 do mês (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Pela quantidade de viagens realizadas pelos transportadores, percebemos o caráter constante em que efetuam o traslado de pessoas e mercadorias de Ingá para Santa Catarina ou vice-versa. Atualmente são três transportadores e todos saem do Ingá ou de Santa Catarina com todas as vagas de passageiros preenchidas e com as devidas mercadorias de passageiros e parentes dos migrantes. Comumente, realizam três viagens por mês de ida e volta, mas, após a pandemia, esse traslado tem sido atenuado para duas viagens.

O transportador que iniciou essa atividade econômica trabalhou com dois ajudantes e, em um determinado momento, pela alta demanda, resolveram se desmembrar e abriram suas próprias empresas, por isso são três transportadores que realizam esse processo atualmente. Mesmo com esta cisão, percebemos que os três realizam perenemente suas atividades econômicas, sem nenhum prejuízo para algum dos transportadores, pois esse traslado de pessoas e mercadorias têm sido realizados constantemente.

Em seguida, questionamos acerca do peso total das mercadorias e a velocidade média das viagens para Santa Catarina ou de volta para o Ingá. Consoante o transportador 1:

A pressa é para lotar o carro e ir embora, ou seja, pra sair. Agora quando estou na estrada, minha marcha é 80 ou 90 km por hora, porque estou transportando em primeiro lugar, vidas, segundo os bens, o teu bem não tem valor pra mim, mas tem um valor sentimental enorme pra você, então não temos pressa quando estamos na estrada. Precisamos ter cautela e responsabilidade na estrada, pra você ter uma ideia, eu nunca me acidentei na estrada, apenas uma vez que meu reboque tombou, foi porque uma mulher fez uma ultrapassagem e levei ela, mas eu não tenho nenhum relato de acidente. Já fui algumas vezes assaltado e outras vezes tentativas. Mas, acidente por irresponsabilidade, nunca tive. Levo na faixa dos 1.500 quilos ou até 2.000 quilos, às vezes menos, entre caminhoneta e reboque (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Para o transportador 2:

De peso não dar pra pesar o total das mercadorias, porque muitas encomendas já consegui pegar encomendas de mais de 60 casas, às vezes 63, às vezes 45 casas, até de 67 casas, aí cada uma casa manda alguma coisa, como uma caixa com comidas, com pacotes de fubas, um quilo de carne de charque, outras pessoas já querem mandar algo mais maneiro, assim, não tem como pesar. Mas, essa questão da velocidade, por isso que demoro a chegar, que sou mais chegar um dia ou dois dias a mais e chegar todo mundo bem do que querer chegar logo e acontecer alguma tragédia. Aí a velocidade é mais ou menos de 80 km/h. Aonde dar pra andar 80 km/h, andamos em 80 km/h e aonde dar pra andar 100 km/h, andamos em 100 km/h. Andamos em 60 km/h, em 70 km/h, depende, agora mais do que 100 km/h, não dar pra mim andar não, por causa da carretinha (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Transportadores ingaenses acreditam que levam na faixa dos 1.500 quilos ou até 2.000 quilos, contudo não afirmam com exatidão, pois não realizam esse tipo de pesagem, apenas avaliam o peso aproximado e o tamanho das caixas que conduzem as mercadorias de Ingá para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá.

Em relação à velocidade, os transportadores ingaenses afirmam que não andam acima de 100 km/h, pois estariam colocando vidas e mercadorias em perigo, especialmente pelas carretinhas que utilizam para levarem mercadorias de um estado para o outro. Esse processo inevitavelmente conduz a uma viagem exaustiva, em que precisam parar pelo menos três vezes por dia para descanso, banho etc., e para fazerem as devidas refeições. Os transportadores ingaenses afirmam que não têm pressa durante a viagem, geralmente andam na velocidade de 70 km/h ou no máximo 100 km/h. A única pressa que eles têm é lotar o carro de passageiros e mercadorias, contudo, durante o trajeto, não tem pressa, pois levam vidas e mercadorias que possuem um grande valor sentimental. Por isso, são considerados pelos migrantes ingaenses como pessoas responsáveis, pois praticamente não temos relato de acidentes. A questão mais perigosa está relacionada aos assaltos, mas que, com a experiência que possuem, eles sabem o local e horário aonde devem passar.

De acordo com um dos transportadores ingaenses, ele já conseguiu transportar encomendas de 45 famílias até no máximo de 67 famílias. O que nos dá uma ideia da notoriedade das migrações ingaenses para Santa Catarina. Essas famílias enviam mercadorias embaladas em caixas e essas caixas são avaliadas pelos transportadores que estabelecem um determinado valor para aquela encomenda. Geralmente, nessas caixas, eles levam ou trazem alimentos, roupas, eletrodomésticos etc. E eles realizam esse traslado constantemente, sendo, portanto, uma atividade extremamente rentável para essas pessoas.

Questionamos o preço das passagens e como é avaliado o valor do frete das mercadorias. O transportador 1 respondeu que:

O preço da passagem depende de onde você quer sair e aonde você vai ficar. Tipo de Ingá para Blumenau, cobro 700 reais e questão de embalagem de caixa, caixa vai depender do peso, tipo eu cobro caixa de 40, 50, 60, 70, 80 reais, aí às vezes você me dar uma caixa pequena, mas é pesada, ou às vezes você me dar uma caixa grande, mas é leve, porém vou no espaço, tipo eu não tenho como dizer não está pesada e eu vou cobrar X, mas vai ter o volume. Isso é questão de caixa, moto, tv, geladeira, máquina, eu já tenho tabelado. Só a questão de mala, caixa que vejo a questão do tamanho e do peso (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Para o transportador 2:

O preço da passagem hoje é 600 reais por pessoa. O valor do frete das mercadorias é avaliado pelo tamanho, olho o peso, mas não peso, olho e pego na mercadoria para ver o peso mais ou menos e digo mais ou menos o valor. Por exemplo, é 50 reais para levar uma cadeira de balanço, uma bicicleta cobro 100 reais, depende bastante (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Segundo os transportadores, o valor das passagens oscila entre 600 e 700 reais por pessoa, sendo um valor considerado acessível em comparação com passagens de ônibus e avião.

O valor do frete é avaliado pelo tamanho das embalagens e peso aproximado das mercadorias. Existe uma tabela de preços para alguns itens, como moto, TV, geladeira, máquina de lavar roupas, bicicleta, cadeira de balanço etc.

Percebemos, pela fala dos transportadores, que o valor das mercadorias é bastante relativo, dependendo do tamanho das caixas e dos pesos aproximados, infelizmente não conseguem mensurar os pesos com exatidão, porquanto não utilizam balanças, realizando a cobrança dos fretes com base na dimensão das caixas e do tato ao pegar nas mercadorias para serem transportadas.

Também questionamos sobre o tipo de veículo que os transportadores utilizavam no início do traslado de pessoas e mercadorias, o veículo utilizado no presente momento e o tipo de carroceria utilizada nesse processo. O transportador 1 (2022) afirmou: “O primeiro veículo que comecei a fazer isso era um gol G4 que eu tinha na época, aí comprei um G7, esses foram os primeiros carros que comecei a movimentar pra fazer isso. Atualmente tenho uma Hilux e um reboque”. Enquanto o transportador 2 respondeu:

O veículo que comecei a viajar foi a Parati quando comecei em 2012, agora no momento estou com uma Chevrolet Veraneio que é um carro mais forte e dar pra levar mais passageiros e a carretinha é fechadinha, bauzinho de dois eixos, com mais segurança que a que eu tinha era de um eixo (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

O veículo utilizado pelos transportadores eram mais simples no início de suas atividades, no entanto, com a proporção de sua atuação ao longo do tempo, observamos um investimento em veículos melhores para proporcionar conforto e segurança para os passageiros e mercadorias. Esse processo está relacionado à ascensão social que os transportadores ingaenses conseguem, que vai além da sobrevivência por meio dessa atividade econômica. Esses transportadores ingaenses têm conseguido a elevação de sua posição social, pois se trata de uma atividade rentável e que garante uma fonte constante de renda. Assim, questionamos acerca do consumo e qual combustível era utilizado pelos eles. Segundo o transportador 1:

Antigamente gastava 900 ou 1000 reais, há quatro ou cinco anos atrás. Esse aumento não foi dentro da pandemia apenas, na verdade ele vinha acontecendo. Hoje eu gasto em média de 3.700 a 3.800 R\$. Com o aumento recente, provavelmente vou gastar uns 4 mil reais. Porque você coloca 3.500 km em cima de 6 a 7 de cada litro, agora nessa viagem que fiz, eu gastei quase 700 reais de diferença de uma viagem para outra (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

De acordo com o transportador 2:

Utilizo o combustível a diesel. A média de gasto só de combustível é mais ou menos cinco tanques de diesel, eu gasto de 3.500 a 3.700 R\$, esse valor é apenas o de ida. O consumo é alto por causa do peso da carretinha e o carro bastante pesado. E outra

coisa, sem contar, o moto grande desse carro que é 4.5, o motor é grande, por isso consome mais. Enquanto mais pesado, ele bebe mais também, por isso gasto esse valor, sem contar as outras coisas que gasto, como o pedágio que gasto 300 e pouco, tem a despesa de comida, gasto quase 500 reais de comida, só a dormida que a gente dorme no carro mesmo, sempre levo uma rede, pois quando quero dormir dentro do carro, não paro em pousada porque é muito caro na estrada. Na verdade, em uma viagem como essa não tem como dormir é apenas descansar, por que se fosse pra dormir bem deveria dormir em uma pousada, só que é caro (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Em relação ao consumo de combustível no traslado de Ingá para Santa Catarina, ou vice-versa, por se tratar de um percurso de mais de três dias de viagem, em um trajeto de mais de 3.517 km, o consumo é considerado alto, acrescido de um peso maior devido às bagagens e passageiros, uma vez que as carretinhas vão repletas de mercadorias e passam por muitos lugares com rodovias precárias. Podemos citar os outros gastos que envolvem o traslado, como a alimentação, pedágios etc., por estes motivos o investimento dos transportadores é considerável nessa empreitada, mas que trazem retornos satisfatórios para esses homens que se dedicam a essa atividade econômica.

Os transportadores fazem um paralelo com os seus gastos no passado e no presente. Percebemos nitidamente o aumento considerável do combustível, o que tem refletido no aumento do preço das passagens e traslado de mercadorias. Antes os transportadores gastavam até 1000 reais de combustível, atualmente esse valor é de 3.800 reais, fica nítido que o valor tem praticamente quadruplicado de 1998 até os dias atuais.

Transportadores comentam que os gastos não se restringem apenas ao combustível. As paradas que os transportadores utilizam ao longo do percurso para descanso não envolve hotéis ou pousadas, uma vez que fazem uso do próprio veículo, convertido em casa ou cabana temporária, para dormirem e seguirem a viagem. Portanto, percebemos que é uma viagem cansativa, assim o desejo de melhora de vida é o que move ingaenses que viajam com os transportadores em busca de sobrevivência.

Questionamos se existe alguém que trabalha auxiliando na preparação da viagem e também como motorista ao longo do percurso. O transportador 1 (2022), respondeu: “Sou o único motorista, porque são apenas 4 passageiros e se eu colocar um motorista o ganho já é pouco, vai diminuir mais ainda. Na preparação, tenho alguns meninos que me ajudam a montar a carga”. O transportador 2 (2022), também teve uma resposta parecida, comentando que “só quando estou aqui tem uns meninos que dão uma ajuda pra poder montar a carretinha, colocar as coisas dentro da carretinha, amarrar as coisas e de motorista só tem eu e Deus”.

Para gerar lucros, transportadores optam por não ter um motorista reserva ou substituto que pudesse reversar com eles durante o percurso, essa questão decorre porque seria um

passageiro a menos, caso contratasse alguém para exercerem essa função. Contudo, outras pessoas são convocadas a trabalharem na preparação da carga. Questionamos quais eram os meios de transportes utilizados para viajar para Santa Catarina e quais são os pontos de parada. A questão central é como as pessoas chegavam a Santa Catarina antes da atuação dos transportadores, por se tratar de pessoas que já foram migrantes um dia, eles podem responder com propriedade sobre este questionamento. Desta maneira, o transportador 1 respondeu que:

Na verdade, não ia quase ninguém para Santa Catarina nesse período, os primeiros a irem para Santa Catarina entre 1994 e 1996, Jailton, eu, Peba, Alexandre, Branco e os irmãos dele, a partir da gente começou a levar ou convidar muitas pessoas para Santa Catarina. Não teria esse caminho, esse traslado como tem hoje. Os primeiros a irem em grupo, foram esses aí (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

O entrevistado 2 ressaltou que “Quando fui pra lá, fui de ônibus, tem pessoas que vai de avião, depende dos preços das passagens, quando encontra promoções de passagens, pode ir de ônibus ou de avião”. Migrantes ingaenses utilizavam como meio de transporte o avião e especialmente o ônibus para chegar até Santa Catarina, percorrendo até o estado de São Paulo e de São Paulo para Blumenau.

Atualmente os migrantes ingaenses utilizam o ônibus, avião ou transportadores como meios de transportes para chegarem a Santa Catarina ou para retornarem ao Ingá. Contudo, os transportadores são mais atrativos devidos aos baixos custos cobrados para essa viagem. Por isso, eles são relevantes para os migrantes ingaenses, sobretudo por transportarem mercadorias típicas da região Nordeste para Santa Catarina, ou por trazerem mudanças inteiras de Santa Catarina para o Ingá.

Questionamos os transportadores sobre acidentes durante o percurso para Santa Catarina ou de Santa Catarina para o Ingá e se é uma viagem considerada perigosa em termos de assaltos e acidentes. O transportador 1 respondeu que:

Acidente apenas um que foi a questão do reboque, e nenhum acidente no carro. Só o meu reboque que livre um carro que estava fazendo ultrapassagem e assim quebrou a mola do engate. Na questão de assaltos, sempre existe essa possibilidade, mas no meu caso, eu tenho os horários de passar, eu sei aonde posso passar e sei aonde não posso passar, então eu quase que zerei esse número. Na época em que fui assaltado aqui, eu pedi pra ser assaltado, eu passei de 11:15 horas da noite, entre Caruaru-PE e Toritama-PE em dia de feira, então quem me viu achou que era muambas, roubas, então por isso, levaram minha caminhoneta e as mercadorias (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

O transportador 2, respondeu que:

Já aconteceu acidente comigo, certa vez capotei o meu carro, foi perca total em Minas Gerais, mas graças a Deus todo mundo estava de cinto e não tiveram gravidade, só bens materiais. Já teve também outra vez, foi a empresa da Gontijo que fez uma



ultrapassagem e me fechou, capotei a minha carretinha, o carro consegui segurar, mas capotou a carretinha na Bahia. E em questão de assaltos, nesses 10 anos que viajo, só uma vez depois de Belo Horizonte – MG, que a gente parou em um restaurante os caras assaltaram os meninos que estava no restaurante, aonde a gente estava jantando. Mas, na estrada, graças a Deus a gente nunca foi assaltado (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Desde que os transportadores iniciaram suas atividades, são poucos os registros de acidentes e assaltos ao longo do percurso. Em termo de acidentes e assaltos, é considerada uma viagem segura. Os poucos registros de acidentes estão relacionados à carretinha, por ultrapassagem equivocada realizada por terceiros. Os transportadores ingaenses são hábeis e sábios em relação a transitarem em determinados lugares e horários que apresentam riscos à integridade física deles e dos passageiros, como também das mercadorias. Alguns lugares e horários são evitados por serem considerados de riscos.

Sobre a temática de segurança, são poucos os registros, um deles relacionado a quando os assaltantes, que estavam próximos a Caruaru-PE, se enganaram, imaginando que os transportadores eram muambeiros, e o outro foi quando os transportadores pararam em um lugar próximo a Minas Gerais e os assaltantes aproveitaram para roubar enquanto eles estavam jantando em um restaurante.

Questionamos sobre como os transportadores ingaenses enxergam a importância das suas atividades para a mobilidade populacional e de mercadorias entre duas regiões distintas e se conseguiam perceber a dor pela partida dos migrantes de sua terra natal. Os transportadores ingaenses conseguem ver a dor pela partida dos migrantes de sua terra natal, em muitas situações de preparação da viagem e ao longo do percurso; segundo o transportador 1:

Consigo sim, em muitas situações, às vezes vai um casal e aí vem a mãe, a nora, os filhos, os sobrinhos e todo mundo chora, já aconteceu algumas vezes. E a importância é que foi gerado muitos empregos e infelizmente é que é fora, mas imagina aí, eu acredito que de Ingá, deve ter mais de 3 mil pessoas em Blumenau. Infelizmente não tenho como saber com precisão, mas era até bom que alguém tomasse uma iniciativa e fizesse a contagem total de ingaenses em Blumenau, pois não são centenas, são milhares de ingaenses. Se você for de casa em casa fazer um censo no Ingá, da sua família da casa, provavelmente haverá alguém da casa que está morando ou já morou em Santa Catarina. Então, eu acho muito importante, esse traslado aí nessa questão, o emprego é lá, mas traz resultados aqui, como a compra de terrenos, uma construção, uma reforma (O transportador 1, entrevista concedida em agosto de 2022).

Segundo o transportador 2:

Consigo enxergar uma importância muito grande, porque através de mim de outros que fazem viagens também que aonde a gente consegue tanto na economia por nossos clientes, nossos conterrâneos que eles mandarem uma encomenda por uma transportadora que é mais caro, eles me procuram ou chamam os meus concorrentes, a gente consegue levar mais rápido e mais barato, por isso, me considero mais importante por esta questão. E também, nesta questão de levar os passageiros que não tenho pressa de chegar pra chegar todo mundo bem. E em relação a partida dos

migrantes, até fico arrepiado em lembrar, já presenciei do pessoal sair daqui pra ir para Santa Catarina, porque a questão de emprego aqui não tem, precisa procurar João Pessoa ou Campina Grande, quando levo o pessoal para tentar uma vida melhor para a família, na hora da gente sair ou de ir buscar o pessoal em casa para seguir a viagem, pai, mãe, irmãos, amigos e esposas com filhos, começam a chorar. Durante o percurso dar pra perceber alguns passageiros tristes e pensativos por deixarem a família, mãe, pai, esposa, filhos. Quando percebo essa tristeza dos migrantes, tento tranquilizá-los com conversas em respeito que vai ser bom, sempre oriento como vai ser o meio de vida lá, porque a pessoa sair daqui pra lá, pois já passei por isso como migrante, conheço a experiência de viajar pra lá em 2005, tem muitos que vão apenas para passar pouco tempo, arrumarem dinheiro e vim gastar aqui e depois volta de novo para Santa Catarina. Tem uns que pensam diferente em levar a família toda pra estar juntos e trabalhar juntos, pra conseguir as coisas juntos. Eu sempre procuro conversar e falar com é que é a vida lá, pois já tenho noção. Pra quem vai a primeira vez também, não sabe nem como é que é, aí tem uns que já que já foram de ônibus ou de avião, às vezes que ir de carro, quer ir conhecer a estrada, aí a gente vai conversando e a gente procura passar o que já passei lá (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

No momento da partida, é comum para os transportadores ingaenses enxergarem a dor, o desespero, a tristeza, as lágrimas, pois é uma viagem permeada de incertezas e envolve toda uma estrutura familiar existente. A única certeza é a saudade do parente que precisou ir para outra terra em busca de uma vida melhor. Como lenitivo para essa partida, transportadores que outrora já foram migrantes, tranquilizam os migrantes que viajam consigo, com conversas e mostrando as dificuldades e formas de superação.

Os transportadores emitem uma estimativa da quantidade de ingaenses que estão vivendo em Blumenau, contudo não há uma certeza, pois nunca foi realizado um censo que objetivasse levantar esse quantitativo e os mesmos argumentam, com base em seus conhecimentos e conversas tecidas ao longo do percurso, que a maioria dos migrantes continua investindo no Ingá por intermédio da compra de terrenos, construções de casas, imóveis etc.

Portanto, eles conseguem enxergar a importância de sua atividade econômica no sentido de desafogar o desemprego no Ingá, por isso que praticamente quase todos os habitantes de Ingá têm algum parente ou conhecido que está vivendo em Santa Catarina. Essa estimativa dos transportadores nos dá uma dimensão do cenário político e econômico que as migrações têm ocupado no município de Ingá.

Transportadores ingaenses entendem que sua atividade econômica é muito mais rentável para a população ingaense que reside no Ingá ou em Santa Catarina, pois conseguem levar mercadorias por um preço muito mais acessível e mais rápido em relação às transportadoras legalizadas. A entrega também é simples, pois todos se conhecem: os que enviam, os transportadores ingaenses e os que recebem. É toda uma cadeia ou teia migratória que facilita o traslado de mercadorias para Santa Catarina ou para o Ingá.

Por fim, os transportadores ingaenses relataram sobre o preconceito regional existente por meio de alguns catarinenses, que insistem no sentimento de superioridade em relação aos

nordestinos, utilizando muitas vezes termos genéricos como “paraíbas”, e suas opiniões refletem um discurso pautado no ódio e infâmia. De acordo com o transportador 2:

Tem uns catarinenses fala pra a gente levar os paraíbas de volta para a terra deles que é o Nordeste, não traga mais eles pra cá, aqui já tem muitos nordestinos. Esse preconceito é porque quando a gente vai pra lá não tem preguiça de trabalhar, não escolhemos horário e a maioria deles só querem trabalhar de segunda a sexta, também não vou julgar dizendo que é todo mundo, pelo o que trabalhei lá, tem muitos alemães e catarinenses que são gente boa, mas tem uns que nem um copo de água te oferecem, às vezes tem uns que a gente vai porque estamos passando fome, diz que a gente é acostumado a comer só farinha, já cheguei várias vezes quando trabalhava em uma lanchonete lá, cheguei a discutir, pois falaram que a gente só comia ovo com arroz, para juntar dinheiro, porque lá é a cidade do dinheiro, uma cidade boa, hoje nem tanto para a pessoa ganhar dinheiro, mas antigamente era uma cidade que a gente ganhava bem mais, há mais ou menos 5 ou 6 anos atrás (O transportador 2, entrevista concedida em agosto de 2022).

Muitas vezes em tom de “brincadeiras” alguns catarinenses demonstram sua verdadeira opinião em relação aos nordestinos, alegando que os transportadores precisam levar os ingaenses e nordestinos de volta para a sua terra natal e que não mais trabalhem os transportando para Blumenau. Infelizmente esse sentimento de aversão e desprezo se materializam em suas observações acerca de alguns nordestinos que trabalham em Santa Catarina, enfatizando que nordestinos passam fome, trabalham e se alimentam apenas com ovo e arroz para poupar e juntar mais dinheiro.

Vale destacar que, segundo os transportadores, há cinco ou seis anos os nordestinos viviam melhor do ponto de vista financeiro, pois ganhava um salário melhor. Esse cenário de diminuição de salários está relacionado com a baixa demanda de empregos atualmente, pois, no passado, muitos migrantes acumulavam mais de um emprego em terras catarinenses.

### **3.2 Migrações de retorno**

Uma nova modalidade de migração tem se constituído como inovadora, pois dificilmente se pensava em uma “ilusão migratória”, é a migração de retorno, que inverte papéis de expulsão e atração, confundindo o cenário dos movimentos migratórios brasileiros. “Por migrante de retorno, entende-se, como a pessoa que volta a residir no seu local de nascimento após ter realizado alguma experiência de moradia fora” (SIQUEIRA; MAGALHÃES; SILVEIRA NETO, 2000, p. 2).

A migração de retorno tem surgido como uma nova configuração do quadro da migração, tendo se caracterizado como um dos principais fenômenos populacionais ocorridos dentro do fluxo de migração brasileiro, nos últimos decênios. Regiões tradicionalmente fornecedoras de mão-de-obra, como o Nordeste e Minas Gerais, apresentam uma tendência de

recuperarem de volta sua população de emigrantes, devido ao “mercado de trabalho que se tornou rígido, com uma Cadeia de pré-requisitos educacionais e de treinamento extremamente excludente para a grande maioria da população migrante.” (BRITO; CARVALHO 2005, p. 199). O mercado de trabalho não tem conseguido absorver o grande contingente de mão de obra. Devido a essa condição, temos como consequência a improbabilidade de que o emigrante de Ingá vá para Santa Catarina e lá consiga alguma forma de ascensão social.

A migração de retorno que tendeu a se generalizar na segunda metade dos anos 1990, como analisou Brito e Carvalho (2005), tem sido a contramão dos caminhos migratórios. Parte dos migrantes caracterizados por serem “excedentes demográficos” não é absorvida econômica e socialmente na região de destino. E esta massa tem sido mobilizada para o caminho de volta. Dessa forma, é crescente a compreensão que alguns migrantes têm de que já não é mais possível qualquer mobilidade social, caracterizando a ilusão migratória.

No caso do Nordeste, conhecido por ser a região que possui um grande reservatório de mão de obra, persiste seu grande potencial migratório. O município de Ingá tem como fluxo populacional não apenas a emigração, mas é cada vez mais frequente o aumento da imigração, influenciada pela migração, sobretudo a de retorno. Essa população não absorvida no mercado de trabalho tende a retornar praticamente no mesmo período que houve a migração, acentuando a chamada “ilusão migratória”.

Vale ressaltar que muitos ingaenses nutrem o desejo de retornar para a sua cidade natalícia, onde têm suas origens e histórias enraizadas. Nessa perspectiva, muitos migram para o Estado de Santa Catarina, contudo regressam para o Ingá com novas profissões aprendidas na Região Sul, e, assim, com uma mentalidade mais empreendedora, abrem seus próprios comércios e principalmente lanchonetes, com o intuito de viverem dos seus próprios negócios.

As cidades constroem um excedente populacional graças às migrações, uma questão a ser levantada é: como se comportará a população com esse novo padrão de retorno, tendo em vista que as diferenças regionais não têm diminuído? A única certeza é que poderão ocorrer transtornos populacionais nessa nova perspectiva.

A coexistência das mudanças no padrão migratório com a manutenção dos desequilíbrios regionais é muito mais um fator de profundas tensões sociais, colocando interrogações sobre o futuro - não só das migrações, mas da sociedade brasileira. Pelas velhas trajetórias migratórias trafegam, na sua maioria, os migrantes dispostos a superar os obstáculos da seletividade, não para melhorar a sua posição social, mas para conseguir, com altos riscos, apenas a sua sobrevivência (BRITO; GARCIA; SOUZA, 2004, p. 13).

A migração sempre causou impactos de ordem social. No município de Ingá, também não difere, como podemos ver à frente, nenhuma população sai ilesa do processo social do fluxo migratório. A força que perde a cidade quando parte de sua população é expulsa em sua fase produtiva pode ser comparada a um exército que perde parte de seus homens em uma batalha, o município enfraquece na sua luta contra o subdesenvolvimento. Para a análise e discussão de nossa pesquisa, questionamos os migrantes sobre os motivos presentes em Santa Catarina que contribuíram para a migração de retorno ao Ingá. Segundo a migrante 7:

Primeiro foi a questão da gestação, eu casei, passei um período sem filho, daí quando uma cidade não é de sua origem, você não tem aquele apoio familiar e quando fiquei grávida eu não tinha com quem deixar a criança. E por você não ser de lá, você não tem uma residência fixa, você paga aluguel, o custo de vida muito alto, creche pública você tem que enfrentar fila, para tentar uma vaga, para quando a criança nascer. Com 7 meses de gestação a gente faz uma inscrição na assistência social para tentar uma vaga quando a criança nascer. Você vai para uma lista de espera e as vezes a gente não consegue nem o período integral, só meio período. Então já ficava complicado, porque o trabalho lá, não é você escolhe o horário como em todo lugar, mas ficava complicado porque você não tem um apoio para deixar a criança e quando eu engravidei, eu não vi possibilidade de continuar por lá, comigo e o pai da criança trabalhando em horário diferente, mas não batia o horário para deixar a criança, as vezes os dois não estavam em casa e creche privada o custo era muito alto também. E uma das opções de a gente voltar foi essa (A migrante 7, entrevista concedida em agosto de 2022).

A migrante 7, entre os elementos elencados sobre os motivos que possibilitaram e impulsionaram a sua migração de retorno para o Ingá, coloca como principais motivos a falta de gestação ou planejamento em se estabelecer em terras Catarinenses. Como causas dessas impossibilidades ela diz que casou, formou família e em seguida teve filhos. Esses fatos tornaram a sua permanência em Santa Catarina mais difícil, visto que, lá, ela não poderia contar com o apoio da família para cuidar do seu filho enquanto trabalhava.

Diante das impossibilidades impostas para conseguir vaga em creche pública, e devido a um protocolo de seleção e de espera para conseguir a vaga, a migrante vê na migração de volta a única solução para o seu problema. Outro ponto colocado pela entrevistada é que, com a chegada do filho, os custos de vida que já eram elevados, a partir desse momento, tornam-se inviáveis à sua permanência nesse estado. Para o migrante 10:

Primeiro para estar mais próximo da família, um dos principais motivos do desejo de retornar, é a saudade, da família, de estar próximo dos seus, irmãos, pais. Apesar que lá eu morava com a minha mãe. Avós, estar de volta as suas raízes. Acredito que esse foi um dos pontos que me fizeram voltar. Em segundo a qualidade de vida, por estar no seu local, suas raízes, sua cultura, aquilo que te prende. Mesmo estando fora, você tem raízes. Acredito eu que esses foram os grandes motivos que me fizeram pesar e pensar em retornar (O migrante 10, entrevista concedida em agosto de 2022).

O migrante 10 coloca, como os principais motivos que o fizeram voltar à sua cidade de origem, a necessidade de estar próximo à família, isso motivado pela saudade de estar mais próximo de seus pais, irmãos, amigos e parentes mais próximos. Na fala do migrante, fica bem claro o sentimento de desenraizamento, do estranhamento por estar longe de casa e de sua cultura. Um outro ponto, colocado pelo entrevistado no que diz respeito à sua continuidade em Santa Catarina, é a qualidade de vida que se expressa pelo sentimento de saudade de suas raízes, de sua cultura. Ele diz que esses foram os motivos que o fizeram retornar ao Ingá. Já o migrante 32 respondeu que:

Eu morava há 13 anos lá, na verdade eu vim por causa da pandemia, eu não vim certo de ficar, para morar, eu vim porque eu tinha sido mandado embora da empresa, trabalhei 11 anos nessa pizzaria, era chefe de cozinha lá, era responsável pela cozinha e fui mandando embora por desacerto com a patroa. E foi no começo da pandemia, me assustei, todo mundo se assustou e lá em Blumenau uma cidade grande, não via ninguém na rua, nisso decidi passar 3 meses aqui no Ingá, estava no seguro ainda e minha esposa também estava no seguro. E quando cheguei aqui, o pessoal já sabia que eu era pizzaiolo na família e o meu primo pediu para fazer umas pizzas para a família, comeram e gostaram e pediram para eu abrir uma pizzaria aqui e assim foi e assim vai fazer dois anos (O migrante 32, entrevista concedida em agosto de 2022).

Depois de um período consideravelmente longo vivendo fora do Ingá (13 anos), o entrevistado 32 diz ter sido a pandemia da Covid-19 o principal elemento motivador de sua migração de retorno. Desempregado após ter trabalhado 11 anos em uma pizzaria como chefe de cozinha, assustado com o clima de “terror” trazido pela pandemia, o entrevistado resolveu vir ao Ingá para passar férias. De início ele pensava em passar apenas três meses no Ingá, visto que ele e sua esposa ainda estavam assegurados pelo seguro desemprego.

Ao chegar ao Ingá, sem muita perspectiva em ficar na cidade, ele acabou sendo convencido e incentivado por familiares para abrir uma pizzaria. O novo negócio deu certo e, com as experiências adquiridas em Blumenau, acabou sendo o principal ponto que possibilitou a sua permanência no Ingá. Sobre os fatores que estimulam as migrações, podemos concluir que:

Fica difícil determinar, com exatidão, os fatores que provocam e, ou estimulam as migrações, uma vez que o fenômeno envolve aspectos não só políticos e econômicos, esses sim historicamente comprovados, mas também sociais e pessoais. As causas que levaram e continuam levando milhares de pessoas a migrar se apresentam ora como fuga de uma situação que oprime, ora como meio de ascensão sociofinanceira, ora ainda como saída para continuar sobrevivendo (VALIM, 2009, p. 62).

Portanto, percebemos múltiplas causas para o regresso, estando sempre relacionada ao retorno à terra natal, um sentimento que a maioria dos entrevistados afirmou ser comum a todos que migram para outro estado, um dia retornar a seu lugar de origem. Nesse sentido,

entendemos a ida a Santa Catarina como uma forma de o indivíduo conseguir bens financeiros e, através dessa aquisição, poder voltar para a sua terra e construir algo que torne a sua vida menos sofrida, esperançada em dias melhores.

A proposta da ida, independente do que encontrara lá no estado estrangeiro, é motivada pela esperança da volta, de poder com isso viver melhor em sua terra natal. Em seguida, questionamos se houve alguma dificuldade de adaptação ao novo estilo de vida catarinense e se existiu algum desapontamento sobre a perspectiva de melhoria de vida. Segundo o migrante 10:

A questão de adaptação, vai na cultural, a diferença é muito grande, a gente sai de um determinado local. E o Brasil como é um país continental, as distâncias são muito grandes, a diferença cultural choca um pouco. Qualidade de vida na época em que eu fui para lá, era bastante superior. Mas agora o Nordeste aumentou a qualidade de vida. Não vejo tanta diferença mais. A diferença do clima, saindo de um clima de agreste, clima totalmente diferente do Sul, onde existe um choque grande também de adaptação. É um pouco difícil, como falei, uma realidade muito diferente, cultural, e quando você vai para um lugar diferente, que a diferença cultural é muito grande, a saudade ela é um ponto muito grande, que as vezes a saudade faz retornar, as vezes sem conseguir as suas metas, os seus objetivos, eu tenho colegas que foram ficar 15 dias, outros ficam 1 ano, e não aguentam a saudade. A saudade faz mesmo você retornar ao seu ponto de origem, você volta às vezes até de pior forma de que foi, principalmente em questões financeiras. Devido a saudade. Apesar que depois de aprender a lidar com a saudade, como se diz em um ditado popular, saudade dá e passa. Um dia você chora de saudade, lembrando da família, no outro, sacode a poeira e segue em frente. No primeiro ano é mais difícil, depois você se acostuma (O migrante 10, entrevista concedida em agosto de 2022).

O migrante 32 respondeu que:

Desapontamento não, porque graças a Deus, me refiro profissionalmente, assim me arrependo um pouco de não ter voltado a estudar, mas é um plano que eu tenho ainda na parte da comida, que eu gosto muito, fora pizza, eu gosto de cozinhar muito. Adaptação foi difícil no começo por causa do frio, da cultura que é totalmente diferente e eles não gostam muito de nordestino, eles gostam do seu trabalho, da sua mão de obra, eles não gostam muito de trabalhar nos sábados, domingos, feriados e a gente lá não ver isso, a gente trabalha qualquer dia, mas no começo foi difícil (O migrante 32, entrevista concedida em agosto de 2022).

Segundo os entrevistados, a adaptação é gradativa em terras catarinenses, pois é um lugar com diferenças culturais e climáticas em comparação com sua região de origem. Esses fatores conduziam os migrantes a um estranhamento cultural e climático a princípio, mas, com o passar dos anos, eles aprendiam a conviver com a diversidade de um país com dimensões continentais.

A nova vida em Santa Catarina tem sido marcada por preconceito regional de alguns catarinenses contra os nordestinos, tornando difícil a continuidade nesse novo estado de residência, mas, em termos profissionais, não há arrependimentos ou desapontamentos com a

perspectiva de melhoria de vida, pois, mesmo não sendo bem-vindos como moradores, são bem vistos como trabalhadores, tendo em vista que se disponibilizam a trabalhar nos finais de semanas e feriados.

Em relação à perspectiva de melhoria de vida, os migrantes concordam que houve uma melhora considerável, tendo como parâmetro a qualidade de vida no Ingá, pois estavam empregados e tinham obtido um poder aquisitivo que outrora não possuíam. Contudo, muitos observam que a discrepância de qualidade de vida entre as duas regiões, Sul e Nordeste, tem sido atenuada significativamente nos últimos anos.

A rejeição e o preconceito regional foram experiências negativas, mas os entrevistados não atribuíram a esses fatores as causas para o seu retorno. Porém a saudade de casa e de sua terra natal foi apontada como fator preponderante para a volta ao Ingá. Devido à saudade, muitos regressam pior financeiramente para a sua terra natal, por não conseguiram passar muito tempo distante de seus familiares e amigos.

De modo geral, migrantes que retornaram para o Ingá demonstram gratidão pelo período que passaram em Santa Catarina, visto que entendem suas idas como um divisor de águas em suas vidas. Lá se profissionalizaram e aprenderam muito com pessoas de outras culturas, principalmente com alemães, franceses e italianos. Isso fortaleceu a ideia de poder aplicar os conhecimentos adquiridos em seu município de origem. Profissionalizados e economicamente mais fortes, resolvem voltar, mesmo tendo um tempo de permanência considerado longo, e abrir seus próprios negócios.

Fortalecidos pelas experiências adquiridas fora de seu município de origem e com uma visão de mundo mais ampla, migrantes consideram que conseguiram vencer na vida, tendo em vista que hoje têm seu próprio comércio e, deste modo, puderam se tornar o seu próprio patrão. Questionamos se alguém incentivou (parente ou conhecido) a retornar para o Ingá e se as redes sociais influenciaram em sua escola, além disso, perguntamos também se os migrantes já haviam incentivado alguém para retornar para o Ingá. Segundo a migrante 7:

Nunca! Inclusive eu sonho em retornar. Porque aqui a qualificação se torna difícil, aqui a gente não ganha o suficiente, mas tem tempo o suficiente a se dedicar ao estudo e lá você ganha para se qualificar e você ganha para construir também, você consegue os dois lados, só que quando você forma uma família tudo fica difícil por você não ser de lá. Então eu tenho muita vontade de retornar. E lá você não encontra alguém que ganhe um salário mínimo, aqui você encontra. (A migrante 7, entrevista concedida em agosto de 2022).

Dois grupos de migrantes que retornaram se destacaram nesta pergunta, aqueles que não incentivam outros migrantes a retornarem e outros que incentivam seus conterrâneos a



retornarem para o Ingá. O primeiro grupo alega que ainda tem projetos e sonhos de um dia retornar para Santa Catarina novamente e, por este motivo, não incentiva ninguém a retornar para o Ingá. Essa ideia está balizada pela falta de incentivos à qualificação que empresários de Ingá não ofereciam aos seus funcionários, além disso, soma-se a isso a realidade salarial, visto que no Sul ganhava melhor e ainda eram remunerados para se qualificar. O elemento que influencia na permanência no Ingá é a base familiar, o apoio que eles recebem da família na terra de origem. Já o migrante 32 afirma que:

Quem me incentivou muito a voltar foi o primo, ele passou muito tempo comigo lá também. Só que a gente não acreditava muito, a gente não imaginava que o Ingá estava desenvolvendo do jeito que desenvolveu. Quando a gente saiu daqui ninguém comia as comidas do delivery, não comia tanto de fora, como é hoje. Tem um amigo meu, ele trabalhava lá comigo na pizzaria, ele era meu forneiro, eu ensinei ele lá na pizzaria, dei muita força ele, aliás, todos que estão lá na pizzaria, foi eu que ensinei e muitos são daqui do Ingá, na pizzaria onde eu trabalhava. E ele veio depois de 6 meses que eu vim para cá, abriu um para ele em Itabaiana e hoje está bem que só por lá (O migrante 32, entrevista concedida em agosto de 2022).

O segundo grupo de migrantes respondeu que foram incentivados e incentivam seus conterrâneos a regressarem, afirmam perceber o desenvolvimento do Ingá, que não era mais como antes, visto que agora as pessoas desenvolveram o hábito e o consumo da cultura de comidas de delivery, por isso é uma ótima escolha investir nessa área para sobreviver e ascender socialmente, já que retornaram como empresários de seus próprios empreendimentos.

Movidos pelos aprendizados adquiridos no Sul, esses migrantes têm lembrado aos seus conterrâneos que estão em Santa Catarina que o Ingá não é mais o mesmo de 10 ou 20 anos atrás, pois muitos migrantes ainda não acreditavam no potencial lucrativo de se investir em um negócio no Ingá, imaginando que os hábitos de consumo da cidade permanecem o mesmo de outrora. Essa visão de mudança de hábitos de consumo, segundo os entrevistados, é percebida pelos migrantes quando vêm de férias para o Ingá, que, motivados por sentimentos de permanecer, passam a pesquisar as possibilidades de mercado de trabalho em sua área, e, identificando êxito, resolvem retornar definitivamente, passando a trabalhar na sua área de atuação ou como empresários locais, gerando empregos e renda para o município.

Percebemos na fala desse migrante uma preocupação que o norteou em suas escolhas: a preocupação e as possibilidades em sobreviver e se manter em sua terra natal. Conforme os migrantes, a escolha em voltar para o Ingá é movida pelo sentimento de desafio. Afirmam que a migração de volta é mais desafiadora do que sua ida ao sul, visto que essa é movida muitas vezes pela emoção de ter uma vida melhor e pela busca de profissionalização. Já a permanência no Ingá é motivada pela busca de uma vida estável na terra de origem. Porquanto, a migração

para Santa Catarina possibilitou uma ampliação de sua visão de mundo. E isso contribuiu para perceber as múltiplas possibilidades de se manter, empreender e investir no Ingá, apropriando-se de conhecimentos adquiridos em sua estadia no Sul.

Sobre imóveis e custo de vida, questionamos se os migrantes, quando estavam em Santa Catarina, nutriam expectativa por retornarem para o Ingá, de modo que seus investimentos objetivassem a compra de imóveis em Ingá e não em Santa Catarina. Neste item, percebemos três perfis de migrantes quanto aos investimentos na terra de destino e na terra de origem: migrantes que investem mais na terra de origem, por ser um investimento mais barato; migrantes que investem na terra de destino, pois não desejam retornar; e migrantes que investem tanto na terra de destino quanto na terra de origem. De acordo com o migrante 32:

Quando a gente veio para cá, a gente tinha 3 terrenos, vendemos 2. Quando a gente ainda estava lá, com o dinheiro de lá. Porque a gente sempre tem aquela esperança de voltar de lá. E a gente investe aqui até pelo preço também, aqui um terreno é em média de 25 mil e lá um terreno bem localizado custa mais de R\$ 100,000 mil a R\$ 120,000 mil (O migrante 32, entrevista concedida em agosto de 2022).

Perguntados sobre as expectativas de retorno e investimento em imóveis no Ingá, alguns entrevistados responderam que seus investimentos eram transferidos para o Ingá, pois os valores de imóveis são mais baratos. O capital adquirido para a compra desses imóveis, localizados no Ingá, foi conquistado ainda quando os migrantes estavam em Santa Catarina, e a aquisição desses imóveis é vislumbrada como forma de investimento, pois os imóveis do Ingá custam em torno de 75% a menos que em Santa Catarina.

Em contrapartida, o migrante 15 responde que:

Quando eu fui para Santa Catarina, eu fui com objetivo, eu vou tentar crescer para retornar e quando eu cheguei lá, eu perdi completamente esse foco, construí família e a partir do momento que construí família, eu não pensava em retornar, então todo o meu investimento foi lá, eu consegui casa, carro, enfim, uma estrutura bacana que se eu tivesse aqui não conseguia (O migrante 15, entrevista concedida em agosto de 2022).

Alguns migrantes responderam que a intenção inicial era buscar crescer financeiramente em Santa Catarina e, em seguida, voltar para o Ingá. No entanto, com o decorrer e passar do tempo, eles foram se afastando desse objetivo. O principal motivo do desvio do objetivo inicial foi a formação de família em Santa Catarina. A partir desse momento, os investimentos foram canalizados para Santa Catarina, para a aquisição de imóveis, mas, mesmo diante dessa estrutura montada, migrantes decidem voltar com suas famílias inteiras para o Ingá.

Já o migrante 10 respondeu que:

Inicialmente não, como eu fui na intenção de conquistar algo para mim, eu não tinha essa ideia, essa intenção, mas depois com o passar do tempo, com o desejo de voltar, para estar próximo a família, aí sim, eu fui me organizando investindo no meu local de origem, minha cidade. Mas também fui comprando alguns materiais lá também, não deixando de investir na cidade de origem, querendo ou não investindo lá também, equipamentos de trabalho no meu caso, eu comprei lá e acabava enviando para cá. Então no meu caso 50% lá e 50% aqui na preparação para vir embora, na questão de materiais e equipamentos (O migrante 10, entrevista concedida em agosto de 2022).

Muitos migrantes, de início, não tinham a intenção de retornar e investir em imóveis no Ingá, pois o que motivara a ida desses a Santa Catarina era conquistar a independência financeira. No entanto, com o passar do tempo, suas opiniões vão mudando paulatinamente, motivada, principalmente, pelo desejo de estar próximo à família. Assim sendo, surge, junto a essa vontade, a necessidade de investir em sua cidade de origem. Portanto, migrantes buscam aplicar metade de suas conquistas em Santa Catarina e a outra metade no Ingá, na preparação do seu retorno a sua terra natal.

O que esses grupos de migrantes têm em comum é a dificuldade financeira sofrida nos primeiros anos de chegada em Santa Catarina, em que o migrante procura meios de economizar para poder investir em imóveis e guardar dinheiro, visando a possibilidade de investir em seu retorno. A imposição de um regramento de consumo pessoal faz parte do projeto de voltar, visto que os investimentos em imóveis no Ingá são bem mais acessíveis do que no estado de Santa Catarina.

Perguntamos se os entrevistados têm algum imóvel no Ingá, como terrenos ou casas, e se esses imóveis foram adquiridos quando residiam em Santa Catarina ou quando retornaram; por conseguinte, solicitamos que indicassem a localização desses imóveis. Neste quesito, percebemos dois perfis de migrantes em termos de investimentos em imóveis no Ingá, aqueles que preferiram investir em Santa Catarina e aqueles que investiram em imóveis no Ingá-PB, objetivando um eventual retorno. Segundo o migrante 49:

Não imóveis no Ingá, eu tenho imóveis da família, mas não o que eu juntei lá e investi aqui. Meu investimento foi todo lá, o investimento que eu fiz foi no meu próprio negócio, no meu retorno e espero no futuro bem próximo está adquirido algum. Porque quando você vai e constrói família, que foi o meu caso, a gente perde totalmente o interesse em voltar, porque lá queira que não queira, por mais que tu trabalhe, mas tem um retorno e se tu saber tirar proveito disso, tu conquista as coisas (O migrante 49, entrevista concedida em agosto de 2022).

Indagados sobre investimentos em imóveis no Ingá, como terrenos ou casas, e se esses imóveis foram adquiridos quando ele residia em Santa Catarina ou quando retornou, alguns migrantes responderam que todos os recursos econômicos conseguidos por meio de seus trabalhos em Santa Catarina foram investidos na terra de destino e não na de origem. Esses

investimentos revelam que muitos migrantes, quando estão vivendo em Santa Catarina, perdem o interesse em retornar. No entanto, quando esses migrantes decidem retornar, vendem todos os imóveis adquiridos e retornam para o Ingá como empresários de seus próprios empreendimentos.

O migrante 35 afirma que “Sim. Hoje eu tenho três terrenos que foram comprados com recurso de lá. Conjunto Burity, terreno em frente ao parque Burity e na Senzala, próximo ao Bar do Tiba” (Migrante 35, entrevista concedida em 2022). Muitos migrantes, com recursos econômicos adquiridos por meio do trabalho realizado em Santa Catarina, resolvem investir em casas e terrenos no Ingá, contribuindo com a expansão urbana da cidade.

A localização desses imóveis, adquiridos por ingaenses quando estavam residindo em Santa Catarina, revela como as migrações inter-regionais colaboram para a horizontalização da cidade, pois muitos migrantes enxergam a obtenção desses imóveis como investimentos com um bom custo-benefício em termos comparativos com Santa Catarina e especialmente por terem o interesse em um dia retornar para a terra natal.

A compra de imóveis em lugares privilegiados do município e o valor de mercado que estes possuem denotam a ascensão da condição financeira e econômica que tal sujeito conseguiu atingir após sua ida a Santa Catarina. A ida ao estado, por parte de alguns migrantes, tem sido guiada ou intencionada pelo desejo de adquirir finanças para poder voltar e se reestabelecer no seu município de origem. Existem migrantes que passaram a investir no município de Ingá quando regressaram de Santa Catarina, ou seja, compraram imóveis com capital proveniente de suas empresas que foram abertas a partir do retorno.

É relevante ressaltar que muitos migrantes quando retornam não possuem imóveis em Santa Catarina e nem no município de Ingá, quando vêm com algum capital, investem em estabelecimentos comerciais, como as lanchonetes, ou trabalham informalmente, podendo também trabalhar na Prefeitura Municipal ou em algum estabelecimento comercial. Quando não absorvidos pelo mercado de trabalho ingaenses, regressam para Santa Catarina em busca de emprego e sobrevivência.

Questionamos sobre o custo de vida em Santa Catarina e se foi um dos motivos para o retorno, e também perguntamos se a migração para Santa Catarina é compensatória. Novamente percebemos a dualidade nas respostas. O migrante 11 afirmou que:

O custo de vida era muito alto. Lá se você tiver uma boa profissão você ganha um salário bom, mas se torna pouco, porque o custo de vida lá é alto e para você viver bem lá, você tem que ganhar muito bem mesmo. Na época que eu fui valia a pena, o custo de vida lá não era tão alto. Quando eu fui para lá era em 2007, mas hoje eu acho que não vale mais a pena não. Até teve amigos meus que foram e voltaram, depois

foram de novo para lá e já estão aqui, porque falam que depois da pandemia aumentou tudo lá, inclusive aluguel dobrou de valor. E sobre compensar, creio que sim, você tem um custo de vida alto lá, mas você ganha e aqui você não ganha (O migrante 11, entrevista concedida em agosto de 2022).

Perguntado ao migrante de retorno se alguns dos motivos que impulsionaram a sua volta para o Ingá foi o custo de vida em Santa Catarina, e se é compensatório a migração para lá, alguns responderam que essa questão também influenciou, pois, apesar de ter uma boa profissão e ganhar um salário razoavelmente alto, o custo de vida lá é elevado.

Alguns relataram que outrora, quando migraram para Santa Catarina, o custo de vida não era tão alto, porém hoje não vale mais a pena, pois alguns amigos e conhecidos que foram para lá recentemente já voltaram ao Ingá. O motivo que proporcionou a volta, entre outros aspectos, foi a elevação do custo de vida proporcionado pela pandemia do Coronavírus (Covid-19). Porque quase tudo ficou mais caro, inclusive o aluguel que tem aumentado exponencialmente de valor e tem sido apontado como o fator que mais encarece a estadia no estado catarinense.

Apesar disso, muitos ainda enxergam a ida a Santa Catarina como experiência positiva e válida, mesmo tendo esse custo de vida considerado elevado, pois lá estarão trabalhando e recebendo um salário para custearem suas vidas. Migrantes também ressaltam que apesar de o custo de vida ser alto em Santa Catarina, esse processo não contribuiu para o retorno dos entrevistados. Foram apontados, durante as perguntas, exemplos de ingaenses que voltaram por esta razão, mas os entrevistados não atribuíram o seu retorno ao custo de vida em Santa Catarina. Ou seja, lá em Santa Catarina, por mais difícil que pareça, tem o emprego e a renda, enquanto no Ingá não. O migrante 49 asseverou que:

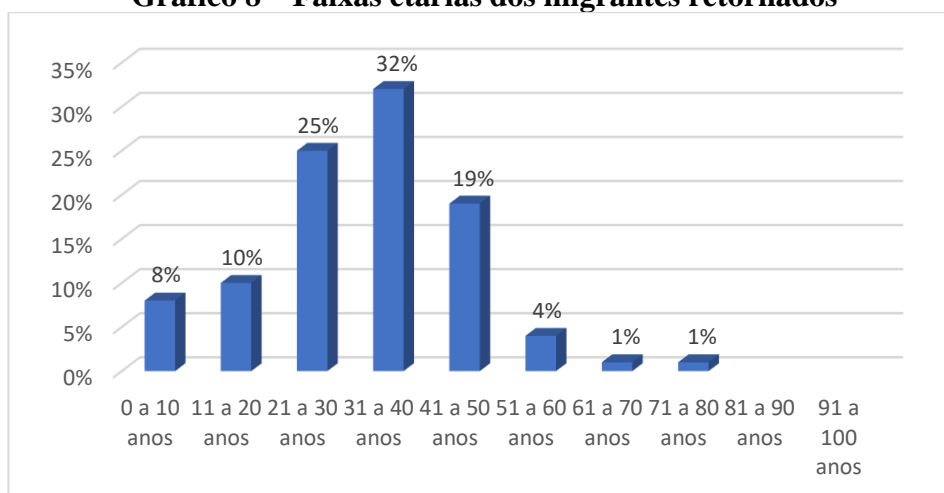
Olha, tudo na vida tem um preço e a minha atual esposa me pergunta: “O custo de vida daqui é alto?” Se eu falar para você que o custo de vida aqui é igual a Santa Catarina, muitos não vão acreditar. Na parte de alimentação. Mas onde você vai tratar de aluguel, lá se torna mais caro, dependendo da cidade que você tá, se você estiver no polo industrial, foi aonde eu construí a maioria da minha carreira, o custo de vida é super alto, principalmente de aluguel, mas alimentação em si, vou ser sincero contigo, a mesma coisa que aqui. Que era para ser o contrário, mas não, o custo de vida aqui na parte de alimentação é muito, muito caro. Se eu fazer um comparativo assim ó, aqui a base salarial é um salário mínimo e lá não, lá o salário mínimo está 1.400, 1.500 reais e qualquer emprego que se você trabalhar lá, você tira seus R\$1.600, R\$ 1.900, um iniciante, uma pessoa iniciante e com custo igual o daqui e ganhando um salário mínimo, por isso que se torna a ser, eu acho que muito, muito desleal, como é que você vai pagar, exemplo, 1kg de pão aqui na cidade, em muitas padarias cobra em média, R\$10,00 R\$ 11,50 R\$ 12,00 reais em 1kg de pão. Um kg de pão em Santa Catarina é R\$ 6,00 R\$ 7,00 em média. Agora tem uns itens, eu vou falar pelo meu setor, aqui o saco de farinha é R\$ 130,00 reais, lá se eu for comprar a mesa farinha eu pago R\$ 80,00 reais. Mas se você for olhar os itens de cesta básica... misericórdia. Aí você ver no meu negócio, um empresário é uma excelente pessoa no Nordeste em si, a mão de obra é muito barata. Um profissional fazendo a mesma coisa que eu faço, ganha numa faixa de R\$ 1.400 a R\$ 1.500, lá eu ia pagar R\$ 2.500. É vantajoso, hoje

eu aconselho, quem tem estrutura e querer investir, é investir aqui, principalmente aqui na cidade do Ingá. A cidade de Ingá é muito característica, ela tem algo diferente das demais da nossa redondeza. Ingá é uma cidade rica, era para estar em patamar mais elevado. Muito mais elevado. As pessoas super consumistas, se você for para Pedra, Pintado, em Gameleira, você vende. Se você pegar uma cestinha cheia de pão, umas bolsinhas e for nos bairros aqui, na rua Aberta ali, você vende tudo, meu irmão! Eu acho assim, a gente que foi lá fora, teve uma experiência no mundo mais evoluído, de pessoas, a gente poderia incentivar muito, principalmente os jovens a buscar uma profissão, a estudarem, entende? É o único meio que a gente tem para sobreviver. É desleal a gente sair daqui só com a cara e a coragem, a gente não se prepara, a gente chega lá, a gente consegue se colocar numa posição melhor, mas sempre com serviços mais simples, porquê as vezes não procurou estudar, não procurou se profissionalizar em nada. Eu acho que com a mentalidade que eu tenho hoje, eu não sairia daqui eu acho que daria para me ter preparado e ter vencido aqui, mas jamais eu me arrependo de ter ido (O migrante 49, entrevista concedida em agosto de 2022).

Para outros migrantes de retorno, quando questionados se alguns dos motivos que impulsionaram a sua volta para o Ingá foi o custo de vida em Santa Catarina, e se é compensatório a migração para lá, eles responderam que, em relação à cesta básica, praticamente não há diferença entre Ingá e Santa Catarina, porém apontam que, em relação ao aluguel, os custos no Ingá são bem mais acessíveis.

Para estes migrantes, o Ingá é ideal para empreender, devido ao caráter consumista da cidade e a mão de obra barata. Argumentam sobre a experiência de mundo adquirido em Santa Catarina e como esse processo pode ajudar migrantes a voltar e montar seus negócios no Ingá. Sobre perfil, escolaridade e profissões dos migrantes, questionamos o ano da migração e do retorno, e quais as idades nesses dois momentos.

**Gráfico 8 – Faixas etárias dos migrantes retornados**



Fonte: Dados da pesquisa de campo (agosto/2022).

A maioria dos migrantes que retornam para o Ingá, são pessoas que saíram muito jovens com faixas etárias entre 16 a 24 anos e, por conseguinte, retornam mais maduras, com

experiências profissionais e pessoais alcançadas em Santa Catarina, portanto, retornam com uma nova cosmovisão de mundo e com objetivos definidos de vida. Segundo o migrante 15:

Fui em 1998, em 98 eu tinha 21 anos, então eu fui com 21 anos, não tinha terminado meu segundo grau, mas fui muito determinado, com muita vontade de vencer. Os primeiros 6 meses foi de chorar em “alemão”, como a gente sempre fala lá. Você chega com uma cultura totalmente diferente, onde você teve uma boa criação, uma boa educação, mas quando você se depara com outra cultura o choque é muito grande e eu demorei muito a me adaptar, mas quando eu cheguei lá, eu já fui procurar estudar, eu estudava na época e trabalhava, eu trabalhava durante o dia e estudava a noite. Terminei meu segundo grau e fui prestar vestibular e passei, e hoje graças a Deus, sou formado em gastronomia e foi onde minha vida deu uma reviravolta. Onde muitos amigos meus, não acreditavam, falava que era perca de tempo, mas a vontade de vencer foi maior e graças a Deus, fiquei feliz com a minha escolha. Eu estava com 43 anos e voltei em 2020, quando iniciou a pandemia (O migrante 15, entrevista concedida em agosto de 2022).

Esse comentário ilustra bem a realidade da maioria dos migrantes recém-chegados a Santa Catarina, imaturos e sem profissões, com dificuldade de adaptação nos primeiros meses e uma carga horária de trabalho que permite a sua qualificação. Dessa forma, muitos aproveitam para concluir seus estudos e realizar uma graduação ou até mesmo pós-graduações, vislumbrando salários melhores e conseqüentemente a ascensão profissional e salarial. Estabilizados, decidem retornar, especialmente para estarem próximos de seus familiares. Em se tratando de mão de obra qualificada, quando não são inseridos no mercado de trabalho do Ingá, procuram empregos em cidades vizinhas ou abrem seus próprios negócios, no ramo em que já possuem uma ampla experiência e através do qual podem contribuir decisivamente com a economia ingaense.

A opção pelo retorno surge a partir de visitas a familiares que permitem aos migrantes perceberem um potencial investimento com um custo acessível. Também investigamos a quantidade de pessoas da família dos entrevistados que retornaram para o Ingá. Fizemos entrevistas com 50 chefes de famílias e eles revelaram dados de 258 migrantes. Desse quantitativo, cerca de 26% dos entrevistados, que foram com suas famílias para Santa Catarina, retornaram para o Ingá. A migração de retorno é a contramão dos caminhos migratórios.

A migração para Santa Catarina é marcada por oportunidades de trabalho e ascensão profissional e pessoal, mas, ao mesmo tempo, pela ilusão migratória, pois aquilo objetivado no início da mobilidade populacional não tem sido alcançado com facilidade. Esse processo tem acarretado decepção nos migrantes com a experiência vivida em Santa Catarina, mas o fator preponderante para o retorno é atribuído à saudade da família e, assim, precisam se reinventar para voltarem ao Ingá.

Perguntamos sobre o nível de escolaridade dos entrevistados quando migraram e o atual nível de escolaridade. Percebemos que existe dualidade novamente neste item, pois existem migrantes para os quais o grau de escolaridade continua o mesmo, enquanto outros deram continuidade aos seus estudos. Segundo a migrante 7:

O nível de escolaridade continua o mesmo quando fui, só os cursos que aumentaram. As empresas que eu trabalhei oferecia cursos e pagava para mim, como auxiliar administrativo. A empresa lá valorizava muito o trabalhador, você se sentia importante, se sente útil e aqui você não é visto como uma peça fundamental para o crescimento da empresa (O migrante 7, entrevista concedida em agosto de 2022).

Sobre escolaridade dos migrantes, percebemos que alguns migrantes não deram continuidade aos seus estudos, voltando com o mesmo grau de escolaridade, no entanto, esses migrantes optaram por cursos menos extensos, como cursos técnicos, financiados pelas empresas que trabalhavam em Santa Catarina. Essa iniciativa se trata de uma cultura catarinense de valorização do trabalhador com potencial de crescimento na empresa. O migrante 10 afirmou que:

Ensino médio quando migrei e atualmente tenho nível superior. Eu comecei lá, na época em que fui eu tinha o ensino médio, e entrei no menor aprendiz do SENAI em processos de produção de vestuário e depois fiz um tecnólogo, em processos gerenciais e iniciei administração lá, e estou concluindo aqui, paralisei por um tempo, mas estarei concluindo esse ano (O migrante 10, entrevista concedida em agosto de 2022).

Outros migrantes, que têm procurado concluir seus estudos ou ingressar em faculdades ou universidades de Santa Catarina, também buscando se qualificar, às vezes iniciam lá e concluem na Paraíba – esses cursos ou habilitações contribuem para a ascensão profissional e social dos ingaenses.

Portanto, esses migrantes com competências e habilidades adquiridas em Santa Catarina, ao retornarem para o Ingá, voltam como mão de obra qualificada, com experiência profissional e melhores condições financeiras. Questionamos o setor da economia que os migrantes trabalharam em Santa Catarina. O migrante 32 afirmou que “trabalhava no setor de comércio, sempre trabalhei com alimentação lá. Eu trabalhei 2 anos na COTEMINAS S.A. de lá, empresa de tecido; quando eu saí, em 2009, eu já entrei na pizzaria e fiquei 11 anos” (Migrante 32, entrevista concedida em 2022).

A maioria dos migrantes ingaenses estavam engajados no setor terciário de comércio e serviços em Santa Catarina, especificamente em restaurantes, lanchonetes e supermercados. Uma parcela pequena trabalhou no setor secundário, ou seja, de indústrias. Não houve, em nossa pesquisa, migrantes inseridos no setor primário. Em seguida, questionamos as profissões



aprendidas e os cursos de nível técnico ou superior que foram feitos em Santa Catarina. O migrante 12 afirmou que:

A primeira que aprendi foi toda a área de vestuário, quando iniciei como na Coteminas, em Santa Catarina. Passando por todos os processos, desde a costura. E a segunda profissão que eu aprendi foi culinária, lancheria, petiscaria. Além de trabalhar na confecção, eu sempre procurava um extra à noite (O migrante 12, entrevista concedida em agosto de 2022).

De modo geral, alguns migrantes ingressam no setor secundário, mas poucos permanecem devido aos salários serem considerados mais baixos do que o setor terciário, os que permanecem são aqueles que se aperfeiçoaram, realizando cursos técnicos e superiores para ascenderem profissionalmente nas indústrias. Contudo, podemos perceber entre os migrantes a transferência de setores, pois o setor terciário proporciona uma remuneração mais interessante, trabalhos nos finais de semana e feriados, e possibilita que migrantes trabalhem em outros empregos. São os extras para aquecer o orçamento familiar.

Quando retornam, essas profissões que foram aprendidas pelos migrantes em Santa Catarina reverberam ou transplantadas no Ingá. Por isso, esses migrantes que são qualificados e possuem capital para investimento, decidem abrir comércios, restaurantes, lanchonetes, salões de beleza etc., e sobreviverem de seus empreendimentos. Dessa forma, questionamos se os migrantes nordestinos são bem aceitos no mercado de trabalho.

Nesta questão, houve uma dualidade de respostas, uns entrevistados afirmam que os migrantes são bem aceitos e outros asseguram que já não são bem aceitos como outrora. Segundo o migrante 10:

Hoje em dia eu não sei como está lá, mas na minha época tinha um certo preconceito, isso devido a algumas pessoas que cometiam falhas, não queriam trabalhar, não eram bons profissionais, bons funcionários e isso foi refletindo. Você era tratado/chamado pelo seu estado e não pelo seu nome “E aí Paraíba, e aí Pernambuco”, até você conseguir uma posição, confiança, você era tratado dessa forma (O migrante, entrevista concedida em agosto de 2022).

Já a migrante 16 discorda, afirmando que:

São sim, na verdade, nessa área onde eu trabalhava, restaurante, setores que trabalham sábados, domingos e feriados, eles gostavam muito da mão de obra nordestina, porque não tem preguiça de trabalhar nesses dias assim. E o pessoal de lá, eles preferem ganhar menos para trabalhar até a sexta. São, porque não tem preguiça de trabalhar. E tem catarinense que se tiver como pagar para ir trabalhar no lugar dele, ele paga (A migrante 16, entrevista concedida em agosto de 2022).

Alguns entrevistados relatam que existe preconceito com o trabalhador nordestino, mas esse processo se acentuou em virtude de comportamentos profissionais que comprometia o desempenho no trabalho. Esses trabalhadores, até conquistarem a confiança de empregadores e

colegas de trabalho, não são chamados ou tratados pelo seu próprio nome, mas por nomenclaturas pejorativas que demonstram a depreciação ao migrante nordestino.

Estereótipos são criados e reproduzidos por catarinenses em relação a nordestinos que são denominados de preguiçosos. Segundo relatos, no passado, os migrantes nordestinos eram bem aceitos no mercado de trabalho, mas, por atitudes antiéticas de alguns desses migrantes, essa aceitação foi diminuindo. Vale destacar que nem todos os catarinenses apresentam esse comportamento preconceituoso com os migrantes. Assim como nem todos os catarinenses exibem essa conduta, do mesmo modo, nem todos os migrantes apresentam condutas antiprofissionais.

A aceitação no mercado de trabalho é considerada positiva, devido à disposição que os nordestinos têm para desempenhar tarefas que os sulistas comumente não se dedicam. Com o passar do tempo, migrantes demonstram seu empenho e dedicação ao trabalho e conseguem a ascensão profissional, mesmo assim, encontram resistências, pois alguns colegas de trabalho, naturais de Santa Catarina, não concordam em serem subordinados aos migrantes nordestinos.

A mão de obra nordestina é essencial por se disporem a trabalhar em dias que os catarinenses reservam ao lazer e ao descanso, assim, migrantes desconstróem essas visões preconceituosas e tornam-se referências e sinônimos de trabalho e dedicação. Sobre preconceitos e adaptação, perguntamos se os migrantes nordestinos sofreram algum tipo de preconceito em Santa Catarina. Segundo o migrante 32:

Já! Muito! Principalmente no começo, logo quando a gente vai para lá, a gente procura aluguel mais barato, morar em morro, morar em bairro mais afastados, porque o aluguel é mais barato. E nisso passava por situações difíceis com os donos da casa, as vezes queriam humilhar, botava questões por ser nordestino. Até porque a gente não se enturmava com pessoas de lá, eu e minha esposa sempre procurava conterrâneos para conviver. E a cultura deles é bem diferente da nossa. No trabalho, nove pessoas na cozinha, oito eram nordestinos. Até depois que eu sai da pizzaria, passei uns 40 dias lá antes de retornar para a Paraíba, eu fui em uma pizzaria e o pizzaiolo era alemão, fui falar com a dona para fazer extra e dei o valor de quanto fazia, o pizzaiolo falou que ela estaria louca de pagar esse valor para um nordestino (O migrante 32, entrevista concedida em agosto de 2022).

Cerca de 94% dos entrevistados afirmaram ter sofrido algum tipo de preconceito em Santa Catarina. Esse preconceito regional é percebido logo no momento de chegada, quando precisam alugar imóveis em lugares mais afastados, aonde os valores dos aluguéis são mais acessíveis. Não obstante, os próprios proprietários dos imóveis recorrem a humilhações e constrangimentos contra inquilinos de origem nordestina.

Segundo Gomes (2011), os nordestinos, em sua maioria, residem, em periferias como centros deteriorados ou em áreas mais afastadas, por serem alternativas de moradia barata do

Centro-Sul. Entrevistados relatam que o sotaque nordestino é o que mais atrai preconceito, visto que ele torna a origem do migrante perceptível. Assim, tratam com desdém o nordestino como se fossem inferiores a eles. Devido ao preconceito, alguns nordestinos buscavam sempre estar com pessoas de sua região que moravam em Santa Catarina.

Existem até relatos de extremismo contra migrantes que presenciaram situações de intolerância em seu setor de trabalho, em que um catarinense especificamente, supostamente neonazista, com o corpo coberto de símbolos e tatuagens da suástica nazista, dizia odiar e pretendia matar todos os nordestinos. De acordo com os migrantes que presenciaram esse ato preconceituoso, o sujeito foi demitido por justa causa.

Há preferências para catarinenses por vagas de empregos, nordestinos têm interpretado esse processo como forma de preconceito contra nordestinos, o migrante 15 afirma que:

Muito, muito. Isso era meu gás, para mostrar, sempre procurei ser o melhor, para mim e consequentemente com os outros, exemplo, se tem lá um nordestino e um catarinense procurando a mesma vaga, pode ter certeza, essa vaga não vai ser do nordestino, para ser do nordestino ele tem que ser duas vezes melhor que o catarinense e constantemente. Isso me fez ser um profissionalmente muito bom no que fazia. A gente quer chegar no lugar e que as pessoas tenham pena da gente e não pode. E eu me deparava muito e sempre fiz o meu melhor. E muitas vezes eu fazia meu salário, me perguntavam quanto eu queria ganhar e eu pedia para só fechar o salário depois de 30 dias, para me conhecer melhor e assim fechar o salário. Eu sempre ditava meu salário, porque eu procurei investir nisso. Quando as pessoas percebiam e viam minha determinação e vontade de vencer, muita gente comprava livro de gastronomia, sou muito grato, me considero uma pessoa muito privilegiada (O migrante 15, entrevista concedida em agosto de 2022).

Migrantes se motivam em serem profissionais melhores, diante da desvantagem enfrentada por migrantes nordestinos no mercado de trabalho catarinense. Eles sinalizam que o melhor caminho não é a vitimização, na verdade, essa questão era um estímulo para superar o preconceito regional. Com o aperfeiçoamento e resiliência dos migrantes nordestinos, o reconhecimento vem como consequência dessa disposição na inserção do mercado de trabalho de Santa Catarina. Vale salientar que alguns migrantes argumentaram que, para camuflar sua identidade nordestina, para não se sentir inferiorizado, alteravam seu sotaque, se passando por catarinense ou de outra região que não fosse o Nordeste.

Assim sendo, questionamos se o preconceito contribuiu para o retorno dos migrantes. E todos os migrantes responderam que o preconceito não contribuiu para o seu retorno ao Ingá, pelo contrário, foi um incentivo a serem melhores pessoas e melhores profissionais. Questionamos se os migrantes tiveram dificuldades de adaptação ao novo estilo de vida catarinense, se houve estranhamento dessa cultura e se esse processo contribuiu para o seu retorno.

Segundo a migrante 7: “Não. Tudo difere, Sul e Nordeste, tudo completamente diferente, estilo de se vestir, alimentação, sotaque, tudo diferente. Mas não tive problema de ficar lá por causa disso” (A migrante 7, entrevista concedida em agosto de 2022). O migrante 32, lembrou que:

Não, porque lá tem muitos nordestinos, então essa questão não contribuiu não, mas o frio foi o mais difícil e quando eu cheguei lá, era começo de inverno, eu sofri bastante, nunca tinha passado frio na minha vida, aí depois a gente se adaptou. Até porque a gente sai daqui com esses casacos fininhos e quando chegou lá era muito frio, quase que eu voltava, e eu morava no morro, era alto, aí que era muito frio (O migrante 32, entrevista concedida em agosto de 2022).

Segundo os entrevistados, existe uma grande e considerável diferença cultural entre Sul e Nordeste, sendo perceptível especialmente no estilo de roupas, alimentações, sotaque etc. Mas afirmam que estas manifestações culturais não contribuíram para o retorno. Entrevistados relataram que o clima frio é um dos elementos mais difíceis para a adaptação de nordestinos em Santa Catarina, pois suas roupas eram apropriadas ao clima semiárido do agreste da Paraíba, à vista disso, precisam urgentemente comprar roupas que sejam adequadas ao clima catarinense.

Sobre a formação de novas territorialidades culturais, indagamos se os entrevistados haviam se apropriado de alguns traços culturais de Santa Catarina. Novamente percebemos dualidades nas respostas dos migrantes, sendo uma questão relativa, pois alguns afirmam que não perderam e que isso não contribuiu para o retorno; enquanto outros asseveraram que perderam suas referências culturais e que esse processo contribuiu para o seu retorno. Segundo o migrante 15:

Muito, bastante, a gente se adapta muito, a culinária, ao sotaque, atitudes diferentes, minha mãe estranhava e falava que não tinha sido o rapaz que ela tinha criado. Meu pai, por exemplo, não comia comida requentada, á o que sobrava o dia, a gente comia no outro dia, voltava para a mesa, entende? A água que você lava uma roupa e sobrava, você lavava a calçada. Eles dão valor as pequenas coisas e me mostrava constantemente, eram pessoas que você via bem financeiramente, mas não via muito desperdício, vivem como se fossem uma guerra contínua. Principalmente as famílias de origens alemã, eles vivem lá como se tivesse em uma guerra, você não veem eles desperdiçar nada (O migrante 15, entrevista concedida em agosto de 2022).

Todos os entrevistados afirmaram ter formado novas territorialidades culturais, pois haviam aprendido e se apropriado de alguns traços culturais de Santa Catarina, como a culinária, a música, visão de mundo, atitudes, comportamentos e principalmente o sotaque. Essa aculturação é incomum aos seus conterrâneos e até aos familiares que estranham e concluem que os migrantes não são os mesmos de antes. O aprendizado ou apropriação se estende a uma nova cultura de não desperdício e a ter uma consciência ambiental sustentável mais presente no seu cotidiano.

Sobre o desenraizamento cultural, indagamos se os migrantes sentiam ter perdido suas referências culturais nordestinas em Santa Catarina e se esse processo contribuiu para o seu retorno. Segundo o migrante 38, “não, de certa forma não. Lá já tem sindicato nordestino, tem casa lá que vende as coisas do Norte e Nordeste. O meu retorno foi a saudade que contribuiu e as raízes também. Mas eu tive medo de perder minha identidade cultural, meu sotaque” (O migrante 38, entrevista concedida em agosto de 2022).

Alguns migrantes relataram que não sentiam ter perdido suas referências culturais nordestinas em Santa Catarina, mas que tinham temor em perder sua identidade cultural, contudo afirmaram que esse processo não motivou o seu retorno. A causa alegada predominante em nossa pesquisa foi a saudade de sua família e de seu lugar de origem. O migrante 32 respondeu que:

Ah, sim, contribuiu também. A nossa principal festa que é o São João agora, passou dois anos sem ter. Eu passei 13 anos sem saber o que era um São João, sem saber o que era comida típica e meu último São João foi em 2006. Ficava assistindo pela internet o São João de Ingá e Campina, ficava sofrendo todo São João, era um sofrimento. Mas a gente sempre inventava nossa festinha com os amigos nordestinos, mas não se compara, né? Fazia as comidas típicas, juntava o pessoal, a maioria era daqui do Ingá e fazia a festinha da gente (O migrante 32, entrevista concedida em agosto de 2022).

Outros entrevistados afirmaram sentir ter perdido suas referências culturais e isso contribuiu com o seu retorno. Diante de um prolongado tempo de permanência, a aculturação acontece progressivamente, fazendo muitas vezes o migrante se questionar acerca de sua identidade cultural. O período em que sentiam mais saudades por não manterem laços com sua cultura é no mês de junho, quando são celebrados os festejos juninos, que no Nordeste é comemorado, e em Santa Catarina não é lembrado.

Muitos migrantes recordam que, para minimizar a saudade no período de São João, convidam parentes, amigos e conhecidos para se reunirem e comemorem o São João com comidas típicas e com músicas nordestinas. Por isso, questionamos se os entrevistados sempre tiveram o desejo de voltar definitivamente para o Ingá quando estavam em Santa Catarina e quais foram os obstáculos para o retorno.

Neste quesito, alguns migrantes responderam que não tinham desejo de voltar, outros responderam que o desejo de retornar foi diminuindo na proporção que ganhavam estabilidade financeira e, por fim, havia aqueles que foram e sempre nutriram interesse em retornar para o Ingá. Segundo a migrante 7, “desejo de voltar não tinha, de voltar definitivo nunca pensei. O obstáculo era o emprego, a oportunidade que não tem, os investimentos que os políticos não fazem por aqui” (A migrante 7, entrevista concedida em agosto de 2022).

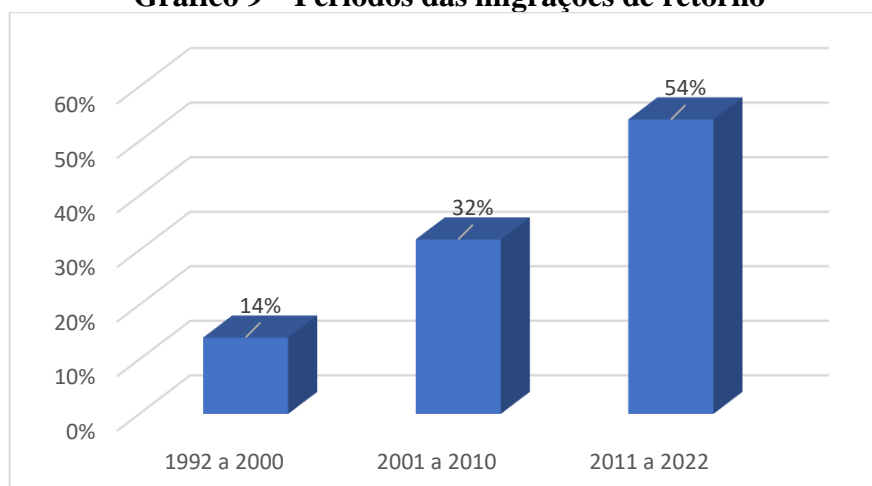
Alguns migrantes afirmam que não tinham vontade de retornar devido à carência de oportunidades de empregos no Ingá, ou seja, o fator que contribuiu para a saída era o mesmo fator que dificultava o retorno. Os migrantes, quando conseguem a estabilidade financeira, dificilmente desejam um retorno definitivo, tendo em vista que suas conquistas, realizações e aspirações foram concretizadas em Santa Catarina.

Segundo o migrante 10, “no início, eu não tinha tanta vontade de retornar assim de vez. Mas depois de um certo tempo, o cansaço físico, estresse, resolvi voltar” (O migrante 10, entrevista concedida em agosto de 2022). Outros migrantes afirmaram que, mesmo ambientado e com um padrão de vida interessante, ajudava para não ter um pensamento de retornar; contudo, o estresse e cansaço físico e mental que a cidade grande proporciona cooperaram para o retorno. O migrante 32 respondeu que:

Sim! Sempre! Na verdade, se a gente tivesse a oportunidade de trabalho naquela época, a gente não tinha nem ido, não só eu como todos. Se a gente tivesse a oportunidade de emprego que lá tem, ninguém tinha ido para lá. Porque a gente vai para lá para trabalhar. E lá tinha muito emprego, sem precisar de experiência nenhuma. E era engraçado que passava carro de som na rua anunciando vagas de empregos (O migrante 32, entrevista concedida em agosto de 2022).

Por fim, outros entrevistados afirmaram que, se houvesse oportunidades de empregos no Ingá, provavelmente não teriam migrado para a região Sul do Brasil, dessa maneira, sempre alimentaram o desejo em retornar um dia para o seu lugar de origem. Questionamos os entrevistados sobre o ano que ocorreu o movimento populacional de retorno e o setor da economia que estão trabalhando atualmente.

**Gráfico 9 – Períodos das migrações de retorno**



Fonte: Dados da pesquisa de campo (agosto/2022).

Pelo gráfico acima, apreendemos que as migrações de retorno têm acontecido constantemente, mas vêm se intensificando nos últimos anos, devido às recentes mudanças em

melhorias de condições de vida no Nordeste e, conseqüentemente, no município de Ingá. As causas do retorno estão entrelaçadas especialmente à saudade da terra natal, contudo, tem sido viabilizada devido a investimentos que os migrantes retornados desejam realizar no município, como padaria, pizzarias, hamburguerias tradicionais e artesanais, restaurantes chinês e japonês, lojas de roupas, salões de beleza etc., e também a aberturas de vagas de empregos no setor de comércio e serviços.

Assim sendo, questionamos se os entrevistados têm algum comércio no Ingá, se esse comércio foi viabilizado com aprendizagens adquiridas em Santa Catarina, a quantidade de pessoas que trabalham e o ramo da economia ingaense que atuam. Selecionamos quatro entrevistas, dentre várias outras. As três primeiras denotam as contribuições das migrações de retorno para a economia de Ingá, gerando emprego e renda. Posteriormente, analisaremos a quarta entrevista que aborda sobre seus negócios como complementação de renda.

Segundo o migrante 10:

Todo o meu trabalho hoje foi através de lá. Tudo que eu sei, o que aprendi eu devo a Santa Catarina, hoje lá eu tenho raízes, vou de férias para lá. Fixo de carteira assinada, eu tenho duas pessoas que trabalham comigo, uma hoje é afastada, inclusive está em processo de se aposentar e indiretamente na confecção, duas ou quatro, dependendo da demanda e um entregador de delivery (O migrante 10, entrevista concedida em agosto de 2022).

O migrante 15 relata: “como eu trabalhava em hotel, a gente tinha panificação dentro, por também já ter enraizada dos meus pais, dos meus avós, que tinha panificadora, aí ficava no sangue. Hoje a gente tem 10 pessoas”. Enquanto o migrante 32 afirma:

Tenho! É uma profissão que eu exercia alguns anos e chegando aqui me conversaram a abrir uma pizzaria aqui. No começo era só delivery e agora a gente tem um salãozinho, já faz dois anos e devagarzinho a gente está melhorando, a estrutura, o maquinário... A gente vai tentando melhorar, melhorando para mim, melhora para a população também. Hoje trabalha comigo, eu, minha esposa, minha comadre é atendente, um motoboy fixo, tem outro que trabalha nos domingos também e tem dois que trabalham só sábado e domingo também, que é a garçonete e o menino que lava a louça, no caso são 6, mas fixo são 3 pessoas (O migrante 32, entrevista concedida em agosto de 2022).

Todos os empreendimentos abertos por migrantes que retornaram para o Ingá estão relacionados a profissões e cursos realizados em Santa Catarina, trata-se de uma transferência de mentalidades empresariais e de capitais que são investidos e impactam positivamente a economia ingaense. Alguns migrantes retornam como empresários, especialmente do ramo alimentício. Estes são apontados como responsáveis pelo início dos serviços de entregas de comidas em domicílios, uma vez que o serviço de *delivery* praticado em Santa Catarina foi implantado por migrantes que retornaram, trazendo conforto e comodidades aos seus clientes.

Analisando as falas dos entrevistados acima, percebemos nitidamente a geração de empregos e rendas. Das três entrevistas selecionadas, vemos o contingente de 27 pessoas empregadas direta e indiretamente. Esse levantamento é crucial para a compreensão de como tem sido relevante a migração de retorno para o Ingá.

**Figura 9 – Padaria Amability e Sushi Burg House**



Fonte: Acervo pessoal de Rui da Silva Barbosa (2022).

**Figura 10 – Pizzaria Primus e Hamburgueria Na Brasa Burger**



Fonte: Acervo pessoal de Rui da Silva Barbosa (2022).

A maioria desses empreendimentos, ampliados e materializados em prédios físicos recentemente, iniciaram suas atividades com formato de serviços *delivery*. Muitos migrantes iniciam seus empreendimentos no Ingá nesse formato para posteriormente concluírem se vão continuar com seus negócios no Ingá ou se retornam para Santa Catarina, caso seus investimentos não estejam dando o retorno esperado. Sobre empreendimentos utilizados para complementação de renda, a migrante 7 afirmou que:



Eu trabalho agora no CRAS, da ação social da cidade, eu sou visitadora do novo programa criança feliz e eu visito crianças de baixa renda, tento buscar informações dessas famílias carentes para passar para assistência social e a psicóloga fazer visita a elas, necessidade financeira, saúde, abuso, drogas e assim fazer levantamento do que elas precisam. E também trabalho para mim também faz 5 anos, sou empreendedora. No período que eu vim, passei 6 meses desempregada e depois eu passei 2 anos e meio trabalhando como frentista, e quando eu sair, decidi trabalhar para mim, resolvi fazer uma reciclagem do curso, na área da beleza. Não, não tenho ninguém que trabalha comigo (O migrante 7, entrevista concedida em agosto de 2022).

Muitos migrantes retornam para trabalhar no município de Ingá, no setor de comércio ou serviços, com seus empreendimentos como complementação da renda familiar, isso significa que nem todos os migrantes retornados atuaram como empresários de empreendimentos de grande ou médio porte. Por último, questionamos se os migrantes pretendem um dia retornar para Santa Catarina e por qual motivo eles voltariam.

Segundo a migrante 9, “eu pretendo sim! A qualidade de vida para os meus filhos seria melhor lá, a educação seria melhor, cultura, em relação ao acadêmico e em relação ao financeiro também. Lá você não tem esse medo de ficar desempregado e aqui não” (A migrante 9, entrevista concedida em agosto de 2022).

Cerca de 23% dos entrevistados, afirmaram que pretendem um dia retornar para Santa Catarina, consideram que o estado disponibiliza estabilidade financeira e melhor qualidade de vida. A insegurança de ficar desempregado a qualquer momento tem sido apontada como fator e condicionante para o retorno às cidades catarinenses. Já para o migrante 11:

Eu não pretendo voltar para lá. Assim, nunca diga nunca, né? A gente não sabe o dia de amanhã, né? Mas eu não desejo voltar para lá não, só se for meu último recurso. Apesar que lá questão de segurança é boa, saúde, os colégios públicos são exemplos, mas mesmo assim não pretendo voltar. A gente perde muito longe da família da gente e da cultura daqui (A migrante 11, entrevista concedida em agosto de 2022).

Cerca de 77% dos entrevistados responderam que não pretendem retornar para Santa Catarina, entendem que cidades catarinenses apresentam melhores condições de vida, como saúde, educação, segurança e economia, contudo sua vontade é de permanecer no Ingá, próximo de parentes, amigos e conhecidos. Estes consideram que a continuação de sua estada, desfrutando do convívio com a família e suas raízes culturais, contribuiu para a diminuição de estresse e aumento de qualidade de vida. Por último, estes migrantes não descartam a possibilidade de retorno para Santa Catarina, mas afirmam que este seria o último recurso de sobrevivência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A migração é um fenômeno intrinsecamente ligado às realidades sociais existentes nas unidades geográficas. Migrar constitui um desejo de mudar de vida e de se rebelar contra as condições que lhe foram impostas no lugar de origem, principalmente em resposta ao desemprego, sobretudo nos países subdesenvolvidos, onde a economia não absorve a mão de obra desses lugares.

A situação de reserva de mão de obra para os grandes centros não faz do município de Ingá o único no meio de centenas de municípios no interior do Brasil que perdem os seus indivíduos, que estão na busca de melhores condições de vida e de espaço para um crescimento profissional. O desemprego é uma realidade violenta na economia brasileira, causa transtornos e desigualdades regionais.

São diversos os fatores que fazem da migração um exemplo de insatisfação com a realidade vivida. Nesse contexto, podemos dizer que o município de Ingá nos mostra a inquietação com a vida sofrida, com a batalha pelo emprego e pela oportunidade que muitas vezes não é concedida. Nessa vida de privações dos países subdesenvolvidos, na crise que a industrialização provoca nas cidades pequenas, é difícil diagnosticar uma solução para os problemas, mas podemos entendê-lo como uma configuração antiga e atual, elaborada e transformada, acontecendo renovadamente pelo mesmo motivo, contudo, passando por novas tendências.

Diante do contexto de exclusão social, clientelismo, pobreza, subdesenvolvimento, desemprego etc., uma das formas de resistência da população ingaense é ir embora, uma forma de não se submeter às relações de trabalho e à relação de poder de extrema exploração, de extremo autoritarismo e extrema humilhação, é migrar, ir para outras terras. Essa é a história do Brasil, uma história de muito sofrimento do seu povo, uma história de muito sofrimento físico e emocional, o migrante sofre a dor da saudade, do desenraizamento, da perda de suas referências culturais, da distância de seus parentes, ninguém imagina o sofrimento de milhares e milhares nordestinos nas grandes cidades e, recentemente, nas cidades médias, um sofrimento que não é apenas físico, mas também emocional.

Novas tendências de destino, a mulher inserida no perfil migratório e a migração de retorno, fazem com que a mobilidade espacial seja um reflexo bem elaborado do que vive a sociedade contemporânea no começo deste século. A história migratória ingaense revela similaridades ao que aconteceu no Nordeste brasileiro. Uma região marcada na literatura regional pela pobreza, desigualdade social, seca, fome etc. Toda essa conjuntura política e

econômica é reflexo do subdesenvolvimento regional verificado em nosso país. Os desequilíbrios regionais contribuíram inevitavelmente para intensificar as migrações dessa população sem perspectiva de trabalho e passaram a vislumbrar nos movimentos populacionais para Santa Catarina como uma possibilidade de sobrevivência neste mundo cada vez mais seletivo e excludente.

A pesquisa revelou que o desemprego é o principal fator repulsivo que contribui para a saída de sua população em busca de sobrevivência em outras regiões do Brasil. Contudo, as redes sociais migratórias contribuem para o norteamento da direção dos fluxos migratórios, outrora os lugares mais procurados pelos ingaenses era o eixo Rio-São Paulo. O arrefecimento dessa corrente migratória ocorreu como desdobramentos dos pré-requisitos para a inserção no mercado de trabalho, uma vez que se tornaram mais exigentes, com baixos salários e devido à diminuição nos postos de emprego.

Atualmente as cidades catarinenses, especialmente Blumenau, têm sido o destino principal dos migrantes ingaenses que têm procurado empregos, sobrevivência, ascensão social e também uma melhor qualidade de vida. Mesmo essa mobilidade populacional sendo recente, iniciada em 1992, ela tem sido constante, especialmente por jovens que estão em idade produtiva. Em outros termos, o Ingá tem perdido mão de obra para outras regiões, sobretudo o Sul do país.

O traslado para Santa Catarina é permeado por dificuldades, desde o momento da saída dos migrantes, que muitas vezes precisam de capital para comprar passagens e roupas, recurso geralmente obtido por intermédio de familiares que se reúnem e custeiam ou emprestam o dinheiro, ou até migrantes já estabelecidos em solo catarinense que enviam parte de suas economias para ajudar os migrantes a deixarem sua terra natal em busca de emprego e renda. Aliado a esse processo, existe o sofrimento de precisar deixar seus familiares e amigos em busca do sonho de ter uma vida melhor.

Durante o longo traslado de aproximadamente 3.517 km, partindo do Ingá rumo a Blumenau, com duração média de dois dias e meio a cinco de viagem, utilizando como meio de transporte o ônibus ou transportadores ingaenses e atravessando cidades e estados da região Nordeste, Sudeste e Sul do Brasil, migrantes experienciam provações ainda maiores, como a incerteza de uma vida melhor, dor pela partida de sua terra natal, o cansaço e os perigos de acidentes e assaltos ao atravessarem rodovias, BRs e estradas.

Os transportadores ingaenses realizam a logística de escoamento de pessoas, mercadorias e capitais do Ingá para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá, oferecendo passagens baratas e contribuindo para trocas populacionais e de mercadorias entre o município

de Ingá e o estado de Santa Catarina. Atuam muitas vezes como agenciadores de emprego e simultaneamente como instrumentos mitigadores da saudade pela terra natal, pois levam mercadorias típicas nordestinas, enviadas pelos familiares e amigos, e trazem bens materiais adquiridos por migrantes ingaenses que estão residindo em Santa Catarina e até mesmo mudanças inteiras na migração de retorno.

A chegada dos migrantes em Santa Catarina também é permeada de dificuldades e superação que já começam com o estranhamento cultural e climático. A busca pela adaptação é um processo lento e doloroso de formação de novas territorialidades culturais e desenraizamento cultural. Nesse intervalo de tempo, migrantes ingaenses precisam procurar um lugar para morar que muitas vezes é distante do centro da cidade, convivendo em meio a hostilidades e preconceito regional. No entanto, a resiliência dos migrantes e procura por melhores condições de vida, assim como a ascensão pessoal e profissional têm sido realidade para a maioria dos migrantes, especialmente aqueles que têm um tempo de permanência maior em solo catarinense.

A facilidade de inserção dos migrantes no mercado de trabalho catarinense é apontada como um dos fatores atrativos para a mão de obra ingaense, uma vez que estes, muitas vezes, saem com empregos garantidos e com a esperança de uma vida melhor. Os setores da economia catarinense que mais tem recrutado trabalhadores ingaenses é o de comércio e serviços, acompanhado pelo setor de indústria, com destaque para a indústria têxtil.

Os salários e a possibilidade de ascensão profissional nas empresas catarinenses são convidativos aos migrantes ingaenses, pois recebem acima do salário mínimo, podendo conciliar com mais de um emprego; e os empregadores, desejando a permanência dos seus funcionários, investem em qualificação, patrocinando ou auxiliando financeiramente os seus empregados com cursos de nível técnico e superior.

Estabilizados financeiramente, migrantes decidem investir na terra de destino ou de origem. O investimento em imóveis em Santa Catarina é realizado quando migrantes não têm mais expectativa em retornar para o Ingá e decidem permanecer nas cidades catarinenses. Mas muitos migrantes, desejando retornar um dia para a sua terra natal, fazem investimentos imobiliários, adquirindo terrenos ou casas e contribuindo com o processo de expansão urbana.

Com a migração de retorno, o município de Ingá recebe migrantes qualificados e experientes no mercado de trabalho catarinense, alguns se inserem nos setores terciário e secundário e outros com uma mentalidade empreendedora decidem abrir comércio, gerando empregos e renda.

A causa principal atribuída pelos migrantes ao retorno é a saudade de sua terra natal. Investigamos diversos fatores, como o processo de adaptação, custo de vida, preconceito regional, formação de territorialidades culturais, entre outros; no entanto, a saudade de familiares e amigos foi o motivo fundamental para a volta dos migrantes ingaenses.

Por último, muitos migrantes que retornam não permanecem definitivamente no Ingá, pois a dificuldade de inserção no mercado de trabalho e o insucesso de alguns empreendimentos contribuem para a migração de volta para Santa Catarina.

Consideramos que os resultados e reflexões propostos nesta pesquisa possam contribuir e nortear outros estudos relacionados à migração inter-regional de nordestinos para o Centro-Sul do Brasil. Ficaram algumas questões que precisam ser pensadas sobre elas, relacionadas à insalubridade do ambiente de trabalho do migrante; à infraestrutura dos bairros e onde os migrantes estão residindo e adquirindo imóveis em Santa Catarina; às motivações de os migrantes continuarem comprando imóveis e terrenos nos locais em que trabalham e na terra natal, mesmo sem desejo de retornar; às causas reais dos migrantes saírem do trabalho para receber o seguro desemprego no Ingá e, posteriormente, retornarem novamente para Santa Catarina; à mendicância de migrantes, levando em consideração o envolvimento com drogas e a criminalidade; além do preconceito regional.

Sugerimos que outros estudos possam aprofundar esses questionamentos e temas, dando maior visibilidade a essas questões que foram apontadas, mas pouco exploradas na presente dissertação.

## REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras Artes**. Prefácio de Margareth Rago – 5ª edição. São Paulo: Cortez, 2011.

ALMANAK do Governo do estado da Parahyba, 1891. **O Estado da Parayba**: Periódico Político Social e Noticioso – Órgão Republicano (PB) – 1891. Disponível em: <http://bndigital.bn.br/acervo-digital/estado-da-parahyba/809160>. Acesso em: 21 jul. 2021.

ATLAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO NO BRASIL. 2013. Disponível em: [file:///D:/Downloads/AtlasIDHM2013\\_Perfil\\_Inga\\_pb.pdf](file:///D:/Downloads/AtlasIDHM2013_Perfil_Inga_pb.pdf). Acesso em: 09 mar. 2023.

ANDRADE, Daniel Pereira. O que é o neoliberalismo? A renovação do debate nas ciências sociais. **Revista Sociedade e Estado**, v. 34, n. 1, janeiro/abril 2019, p. 211-239.

ANDRADE, Manuel Correia de. A Questão Regional: O Caso do Nordeste Brasileiro. MARANHÃO, Sílvia. Org. **A Questão Nordeste**: estudos sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos e ideológicos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

BARBOSA, Rui da Silva. MIGRAÇÃO INTERREGIONAL, TRABALHO E SOBREVIVÊNCIA: UMA ABORDAGEM SOBRE A MIGRAÇÃO INGAENSE PARA CIDADES CATARINENSES. In: FERREIRA, Alexandre. (Org.). **INGÁ**: olhares sobre a História. 1ªed. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora Ltda, 2021, v. 2000, p. 21-51.

BENÍCIO, Marciane Silva Ambrósio. Caminhos da História, nos Rastros da Memória: cultura e identidade na Festa das Rosas de Ingá. In: FERREIRA, Alexandre. (Org.). **INGÁ**: olhares sobre a História. 1ªed. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora Ltda, 2021, v. 2000, p. 53-79.

BRITO, Fausto.; CARVALHO, J. A. Somos um país de jovens? In: ALBUQUERQUE, E. S. (Org.) **Que país é esse?** Rio de Janeiro: Globo, 2005.

BRITO, F; GARCIA, R. A.; SOUZA, R. G. V. **As Tendências Recentes Das Migrações Interestaduais e o Padrão Migratório**. set. 2004. Trabalho apresentado no XIV Encontro Nacional de Estudos Populacionais, ABEP, realizado em CaxambúMG – Brasil, de 20- 24 de Setembro de 2004. Disponível em: <file:///D:/Downloads/1279-3722-1-PB.pdf>. Acesso em: 22 de agosto de 2021.

BRITO, Fausto. **As migrações internas no Brasil**: um ensaio sobre os desafios teóricos recentes. Trabalho apresentado no VI Encontro Nacional sobre Migrações, Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.cedeplar.ufmg.br/pesquisas/td/TD%20366.pdf/> Acesso em: 20 nov. 2022

CADASTRO GERAL DE EMPREGADOS E DESEMPREGADOS – CAGED. [s.l.]: Ministério do Trabalho e Previdência, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/trabalho-e-previdencia/pt-br/servicos/empregador/caged/>. Acesso em: 22 jan. 2023

CASSANIGA, Tafarel. ASSIS, Glaucia de Oliveira. Nordestinos em Santa Catarina: o processo migratório na (re) produção social das cidades médias. **Anais do Encontro Nacional sobre Migrações, Trabalho e Gênero**. 2021. Disponível em: [file:///D:/Downloads/3723-10747-1-PB%20\(1\).pdf/](file:///D:/Downloads/3723-10747-1-PB%20(1).pdf/) Acesso em: 8 ago. 2022.

COHN, Amélia. **Crise regional e planejamento**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

COLERATO, Marina. Em Ingá (PB), algodão agroecológico fomenta autonomia no campo e agricultura sem veneno. **Modifica**, set. 2022. Disponível em:

<https://www.modifica.com.br/em-inga-pb-algodao-agroecologico-fomenta-autonomia-do-campo-e-agricultura-sem-veneno/>. Acesso em: 12 mar.2023.

CORRÊA, Roberto Lobato. A organização Regional do Espaço Brasileiro. *In*: CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajetórias Geográficas**. 2ªed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

CUNHA. Maria Jandyra Cavalcanti. Memórias da migração: a identidade em pentimento. *In*: CUNHA. Maria Jandyra Cavalcanti; GURAN, Milton; HASSE, Geraldo; MENEZES, Frederico Lucena de; STEVENS, Cristina Maria Teixeira. **Migração e identidade: olhares sobre o tema**. São Paulo: Centauro, 2007. p.17-41.

DECLARAÇÃO dos Bispos do Nordeste de 1956. **Correio da Manhã**, Rio de Janeiro, n. 19.374, quinta-feira, 24 de maio de 1956, p.4.

DURAND, Jorge. LUSSI, Carmem. **Metodologia e Teorias no Estudo das Migrações**. Jundiaí, Paco Editorial: 2015.

FERREIRA, Alexandre. **Ingá: Retalhos da História... resquícios de memórias**. Campina Grande: 2ª Edição Cópias & Papéis, 2017.

FERREIRA; Alexandre, **ITATUBA: No filme da Memória... Resgatando História...**; Campina Grande, Ed. Copias & Papeis, 2020.

FIGUEIREDO, Argemiro de. **Diário de Pernambuco**, quinta-feira 10 de outubro de 1935, p.05. (Mensagens de Exmo. sr. Governador Argemiro de Figueiredo à Assembleia Legislativa da Parahyba).

FURTADO, Celso. **A Operação Nordeste**. Rio de Janeiro, ISEB, 1959.

GAZETA DO SERTÃO – ANNO IV. Estado da Parahyba, n. 02, 18 de fevereiro de 1891.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas 2010.

GOMES, Sueli de Castro. A mobilidade do trabalho do migrante nordestino e os movimentos xenofóbicos do Centro-Sul: uma questão migratória. **Revista Geográfica De América Central**, v. 2, n. 47E, 2011. Disponível em:

<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2721>. Acesso em: 09 de setembro de 2022.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. **Seca e Migração No Nordeste: Reflexões Sobre o Processo De Banalização De Sua Dimensão Histórica**. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/tpd/111.html>. Acesso em: 04 de agosto de 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, **Censos Demográficos de 1970, 1980, 1991, 2000 e 2007**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 04 de agosto de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Perfil dos Municípios Brasileiros**. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em 05 de agosto de 2021.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Prévia do Censo Demográfico de 2023**. Prévia da população calculada com base nos resultados do Censo Demográfico 2022 até 25 de dezembro de 2022. Disponível em: <chrome-extension://efaidnbmnnnibpcajpcglclefindmkaj/https://ftp.ibge.gov.br/Censos/Censo\_Demografico\_2022/Previa\_da\_Populacao/PB\_POP2022.pdf> Acesso em 03 de fevereiro de 2023.

IBGE Cidades. **Panorama de Blumenau-SC**. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/blumenau/panorama>. Acesso em: 03 fev. 2023.

JANNUZZI, Paulo de Martino. **Migração e mobilidade social**: migrantes no mercado de trabalho paulista. Campinas, SP: Autores Associados, 2000.

Jornal Brasil Novo de 17 de janeiro de 1931.

MANZINI-COVRE, Maria de Lourdes. **O que é cidadania**. 7ªed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1998.

MARTINS, Dora. VANALLI, Sônia. **Migrantes**. 6. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2018.

MELO, Evaldo Cabral de. **O Norte agrário e o Império**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; Brasília: INL, 1984.

MENEZES, Frederico Lucena de. MIGRAÇÃO: Uma Perspectiva Psicológica, Uma Leitura Pós-moderna ou, simplesmente, Uma Visão Preconceituosa. *In*: CUNHA, Maria Jandyrá Cavalcanti [et al.]. **Migração e identidade**: olhares sobre o tema. São Paulo: Centauro, 2007. P.105-131.

Neumarkt Shopping. **Inauguração 1993**. Disponível em: <https://www.neumarktshopping.com.br/o-shopping>. Acesso em: 15 dez. 2022

OLIVEIRA, Antônio Tadeu de. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. *In*: OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto. OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Organizadores. **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. P.11-27

OLIVEIRA, Antônio Tadeu de. Algumas abordagens teóricas a respeito do fenômeno migratório. *In*: OLIVEIRA, Luiz Antonio Pinto. OLIVEIRA, Antônio Tadeu Ribeiro de. Organizadores. **Reflexões sobre os deslocamentos populacionais no Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 2011. P.11-27

OLIVEIRA, Francisco de. **Elegia para uma re(li)gião**. São Paulo: Paz e Terra, 1977.

OLIVEIRA, A. M. do C.de, & CAIXETA, T. (2018). **A Epistemologia Qualitativa de González Rey e o Estudo da Subjetividade**: novos campos epistemológicos na pesquisa qualitativa. Atas - Investigação Qualitativa em Ciências Sociais, 3, 392-399. Acesso em 01 mai. 2023, em: <https://proceedings.ciaiq.org/index.php/ciaiq2018/article/view/1749/1703>



O MUNICÍPIO DE BLUMENAU. Blumenau é a cidade de SC que mais gerou emprego em 2022. Disponível em: <https://omunicipioblumenau.com.br/blumenau-e-cidade-de-sc-que-mais-gerou-emprego-em-2022-confira-ranking/> Acesso em 03 fev. 2023.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2001. MORAIS, Sérgio. INGÁ: Loteamento Estilo de Vida inicia implantação de postes para eletrificação. Blog Ingá Cidadão. Ingá 16 de setembro de 2016. Disponível em: <https://inga-cidadao.com/destaque/inga-loteamento-estilo-de-vida-inicia-implantacao-de-postes-para-eletrificacao>. Acesso em: 17 dez. 2022.

PATARRA, Neide Lopes. Tendências e modalidades recentes das migrações internas e da distribuição populacional no Brasil: um olhar para o Nordeste. In: **Seminário Quantos Somos e Quem Somos no Nordeste**, Recife, 2003.

PERRUCCI, Gadiel. A Formação Histórica do Nordeste e a Questão Regional. MARANHÃO, Sílvio. Org. **A Questão Nordeste**: estudos sobre formação histórica, desenvolvimento e processos políticos e ideológicos. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PNAD Contínua - **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/9171-pesquisa-nacional-por-amostra-de-domicilios-continua-mensal.html?=&t=series-historicas>. Acesso em: 02 jan.2023.

PRANDI, Jair. **O que fazer em Blumenau-SC – Pontos turísticos e dicas**. 2020. Disponível em: <https://www.viagensecaminhos.com/2014/08/blumenau-sc.html>. Acesso em: 21 jul. 2021.

PORTELA, Manoel do Nascimento Machado. Recife: Typ. de Manoel Figueroa de Faria & Filhos, 1879. Discurso proferido por ocasião da abertura dos trabalhos do Congresso Agrícola do Recife de 1878. In: **Trabalhos do Congresso Agrícola do Recife, em outubro de 1878**. 1878. p. 55-69.

RELATÓRIO do processo no Tribunal Regional Federal da 5ª Região. **Desmembramento territorial para anexação a município vizinho**. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/jurisprudencia/trf-5/8343617/inteiro-teor-15233652>. Acesso em: 03 jan. 2023.

RENNER, C. H.; PATARRA, N.L. **Dinâmica da população**: teoria, métodos e técnicas de análise. SANTOS, Jair L. Ferreira; LEVY, Maria Stella Ferreira; SZMRECSÁNYI, Tomás (orgs.). São Paulo: T. A. Queiroz, 1980.

REVISTA ISTOÉ. **As melhores cidades do Brasil 2022**. Disponível em: <https://istoe.com.br/as-50-melhores-cidades-por-porte/>. Acesso em 02 de jan. de 2023.

Sampieri, R. H., Fernández-Collado, C., & Lucio, P. B. (2006). **Metodologia de pesquisa**. 3ª ed. Editora: McGraw-Hill, 2006. São Paulo.

SANTOS, Maria Luiza. Migrações no sul da Bahia – Brasil: As interações e as culturas presentes na Literatura. In: SANTOS, Maria Luiza. ANUNCIAÇÃO, Clodoaldo Silva da. Cavalcanti (orgs.). **Migrações e identidades**: várias óticas e perspectivas. Ilhéus, BA: Editus, 2017. P.127-136.

SCARLATO, Francisco Capuano. **Geografia do Brasil**. (vários autores) -5.ed.rev. e ampl. - São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 2005.

SCOTT, R. P. Estratégias familiares de emigração e retorno no Nordeste. **TRAVESSIA - revista do migrante**, [S. l.], n. 22, p. 23–27, 1995. DOI: 10.48213/travessia.i22.440.

Disponível em: <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/440>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SEIXAS, Wilson Nóbrega, **Viajem através da província da Parahyba**. João Pessoa: Secretaria de educação do Estado da Paraíba, 1985.

SIQUEIRA, L. B. Oliveira de.; MAGALHÃES, A. M.; SILVEIRA NETO, Raúl da M. **Perfil do Migrante de Retorno no Brasil**: evidências a partir do Censo de 2000. disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2009.

SILVA, José Ferreira da. **O Doutor Blumenau**. Col: Personagens da História. 2 ed. Florianópolis: EDEME em co-edição com Paralelo 27, 1995. 103 páginas.

SINGER, Paul. **Economia Política da Urbanização**. 2ª ed.- São Paulo: Contexto, 2002.

SORRENTINO, Rossana de Souza. (Org.). **Uma história do Ingá**. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 1993.

VALIM, Ana. **Migrações – da perda da terra à exclusão social**. 11ª ed. – São Paulo: Atual, 2009.

## APÊNDICE A – Instrumento de coleta de dados I

### Questionários sobre a migração ingaense

#### Entrevistas com os migrantes que estão em Santa Catarina

##### **Sobre fatores repulsivos e atrativos**

01 – Quais foram os motivos presentes no Ingá que levaram você a optar pela migração para Santa Catarina? Qual foi o ano que você migrou para Santa Catarina? Reside em qual cidade de Santa Catarina?

02 – Por que Santa Catarina foi a sua escolha? Alguém lhe incentivou (parente ou conhecido)? As redes sociais influenciaram em sua escolha? Você já incentivou alguém para ir para Santa Catarina?

03 – Qual foi o roteiro que você percorreu para chegar a Santa Catarina? Foi de ônibus, avião ou viajou com alguém que faz o transporte de mercadorias e pessoas de Ingá para Santa Catarina?

##### **Sobre imóveis e custo de vida**

04 – Quando você migrou foi para casa de algum conhecido ou parente? Existe facilidade para o aluguel de imóveis? Esses imóveis ficam próximo ou distante de seu trabalho? Em qual bairro? Os imóveis são mobiliados ou precisam comprar a mobília quando aluga?

05 – Você tem algum imóvel em Santa Catarina? Em qual localidade?

06 – Você tem algum imóvel no Ingá, como terrenos ou casas? Esses imóveis foram adquiridos quando você residia no Ingá? Em qual localidade de Ingá?

07 – O custo de vida em Santa Catarina é muito alto? É compensatório a migração neste caso?

#### **Sobre perfil, escolaridade e profissões dos migrantes**

08 – Qual foi o ano que você migrou para Santa Catarina e qual era a sua idade? Atualmente qual é a sua idade? Você é o chefe (responsável) de sua família? Quantas pessoas de sua família que migraram com você e quais são as suas faixas etárias e níveis de escolaridade?

09 – Qual é o nível de sua escolaridade quando migrou? Atualmente qual é o nível de sua escolaridade?

10 – Você trabalha em qual setor da economia? Primário (agropecuária e extrativismo), Secundário (Indústria) ou Terciário (comércio e serviços)?

11 – Você aprendeu alguma profissão em Santa Catarina? Qual? Fez algum curso de nível técnico ou superior em Santa Catarina? Qual?

12 – Você ascendeu profissionalmente, ou melhor, quais empregos você trabalhou desde que chegou a Santa Catarina? Os migrantes nordestinos são bem aceitos no mercado de trabalho?

### **Sobre preconceitos e adaptação**

13 – Você ou seus familiares já sofreram algum tipo de preconceito por ser nordestino? Você poderia relatar como foi esse processo?

14 – Você teve alguma dificuldade de adaptação ao novo estilo de vida catarinense? Qual? Houve algum estranhamento da cultura catarinense? Qual?

15 – Sobre a formação de novas territorialidades culturais, você modificou ou se apropriou de algum ou alguns traços culturais de Santa Catarina?

16 – Sobre o desenraizamento cultural, você sente que tem perdido as suas referências culturais nordestina?

### **Sobre o retorno**

17 – Você tem desejo de voltar definitivamente para o Ingá? Quais são os obstáculos para o seu retorno?

18 – Se você voltasse hoje para o Ingá, pretenderia abrir algum comércio ou teria alguma oferta de trabalho?

**APÊNDICE B – Instrumento de coleta de dados II****Entrevistas com os transportadores de mercadorias, pessoas e capitais**

01 – Quando você iniciou o transporte de mercadorias e pessoas para Santa Catarina? O que lhe incentivou para a realização desta atividade?

02 – Você tem residência em Ingá e em Santa Catarina? Qual o lugar que você fica na espera por mercadorias a serem transportadas?

03 – Quais são as principais mercadorias transportadas de Ingá para Santa Catarina e de Santa Catarina para o Ingá?

04 – Quais são as rotas utilizadas e os pontos de parada durante o percurso para Santa Catarina? Qual é a duração desse traslado?

05 – Quais são os períodos mais procurados para o transporte de pessoas e mercadorias?

06 – Quais são os períodos menos procurados para o transporte de pessoas e mercadorias?

07 – Quantas vezes por mês e por ano você faz o transporte de pessoas e mercadorias para Santa Catarina?

08 – Qual o peso total das mercadorias e a velocidade média das viagens para Santa Catarina?

09 – Qual o preço das passagens? E como é avaliado o valor do frete das mercadorias?

10 – Qual era o tipo de veículo que você utilizava no início e qual você utiliza nesse momento e qual o tipo de carroceria?

11 – Sobre o consumo, em média quanto você gasta de combustível? Qual o tipo de combustível que você utiliza?

12 – Alguém trabalha com você auxiliando na preparação da viagem e também como motorista?

13 – Qual era o meio de transporte e os pontos de paradas utilizados antes da atuação de vocês como transportadores? Qual é o outro meio de transporte utilizado para viajar para Santa Catarina e quais são os pontos de parada?

14 – Você já sofreu algum acidente durante o percurso para Santa Catarina ou de Santa Catarina para o Ingá? É uma viagem considerada perigosa em termos de assaltos e acidentes?



15 – Você enxerga a importância da sua atividade para a mobilidade populacional e de mercadorias entre duas regiões distintas? Você consegue perceber a dor pela partida dos migrantes de sua terra natal?

## APÊNDICE C – Instrumento de coleta de dados III

### **Entrevistas com os migrantes retornados**

#### **Sobre fatores repulsivos e atrativos**

01 – Quais foram os motivos presentes em Santa Catarina que levaram você a optar pela migração de retorno para o Ingá? Houve alguma dificuldade de adaptação ao novo estilo de vida catarinense? Houve algum desapontamento que a perspectiva de melhoria de vida?

02 – Alguém lhe incentivou (parente ou conhecido) a retornar para o Ingá? As redes sociais influenciaram em sua escolha? Você já incentivou alguém para a retornar para o Ingá?

#### **Sobre imóveis e custo de vida**

03 – Quando você estava em Santa Catarina, nutria expectativa por retornar para o Ingá, de modo que seus investimentos objetivavam a compra de imóveis em Ingá e não em Santa Catarina?

04 – Você tem algum imóvel no Ingá, como terrenos ou casas? Esses imóveis foram adquiridos quando você residia em Santa Catarina ou quando retornou para o Ingá? Em qual localidade de Ingá?

05 – O custo de vida em Santa Catarina foi um dos motivos para a sua escolha por retornar para o Ingá? É compensatório a migração para Santa Catarina?

#### **Sobre perfil, escolaridade e profissões dos migrantes**

06 – Qual foi o ano que você migrou para Santa Catarina e retornou para o Ingá e qual era a sua idade nesses dois momentos? Atualmente qual é a sua idade? Você é o chefe (responsável) de

sua família? Quantas pessoas de sua família que migraram e retornaram com você e quais são as suas faixas etárias e níveis de escolaridade?

07 – Qual é o nível de sua escolaridade quando migrou? Atualmente qual é o nível de sua escolaridade?

08 – Em qual setor você trabalhava na economia em Santa Catarina? Primário (agropecuária e extrativismo), Secundário (Indústria) ou Terciário (comércio e serviços)?

09 – Você aprendeu alguma profissão em Santa Catarina? Qual? Fez algum curso de nível técnico ou superior em Santa Catarina? Qual?

10 – Você ascendeu profissionalmente, ou melhor, quais empregos você trabalhou desde que chegou a Santa Catarina? Os migrantes nordestinos são bem aceitos no mercado de trabalho?

### **Sobre preconceitos e adaptação**

11 – Você ou seus familiares já sofreram algum tipo de preconceito por ser nordestino em Santa Catarina? Você poderia relatar como foi esse processo? Essa questão do preconceito contribuiu para o seu retorno?

12 – Você teve alguma dificuldade de adaptação ao novo estilo de vida catarinense? Qual? Houve algum estranhamento da cultura catarinense? Qual? Esse processo contribuiu para o seu retorno?

13 – Sobre a formação de novas territorialidades culturais, você modificou ou se apropriou de algum ou alguns traços culturais de Santa Catarina?

14 – Sobre o desenraizamento cultural, você sente que perdeu suas referências culturais nordestina em Santa Catarina? Isso contribuiu para o seu retorno?

### **Sobre o retorno**

15 – Você sempre teve o desejo de voltar definitivamente para o Ingá quando estava em Santa Catarina? Quais foram os obstáculos para o seu retorno?

16 – Por que você decidiu retornar para o Ingá e esse processo de volta a sua terra ocorreu em qual ano?

17 – Atualmente você está trabalhando? Em qual setor da economia (primário, secundário ou terciário)?

18 – Você tem algum comércio no Ingá? Esse comércio que você abriu foi alguma profissão que você aprendeu ou fez algum curso em Santa Catarina? Existem pessoas trabalhando com você? Quantas? Seu comércio é em qual ramo da economia ingaense?

19 – Você pretende retornar um dia para Santa Catarina e por qual motivo você voltaria?